

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS – PPG-IELT
NÍVEL MESTRADO ACADÊMICO**

**ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE COMENTÁRIOS ON-LINE
MOTIVADOS POR PUBLICAÇÕES DE NOTÍCIAS RELACIONADAS À
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM UM PERFIL JORNALÍSTICO
DE INSTAGRAM**

DIÊGO MARTINS DA COSTA

**ANÁPOLIS / GO
2022**

DIÉGO MARTINS DA COSTA

**ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE COMENTÁRIOS ON-LINE
MOTIVADOS POR PUBLICAÇÕES DE NOTÍCIAS RELACIONADAS À
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM UM PERFIL JORNALÍSTICO
DE INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás – UEG como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Orientador: Hélio Frank de Oliveira.

Linha de pesquisa: Linha 2 – Linguagens e Práticas Sociais

Eixo temático: Linguagem, cultura e sociedade

**ANÁPOLIS / GO
2022**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA n.1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo: Diêgo Martins da Costa E-mail:

diegomartcosta@gmail.com **Dados do trabalho**

Título: ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE COMENTÁRIOS ON-LINE MOTIVADOS POR PUBLICAÇÕES DE NOTÍCIAS RELACIONADAS À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM UM PERFIL JORNALÍSTICO DE INSTAGRAM

Dissertação

Curso/Programa: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinas em Educação, Linguagens e Tecnologias – PPG-IELT

Concorda com a liberação documento?

SIM

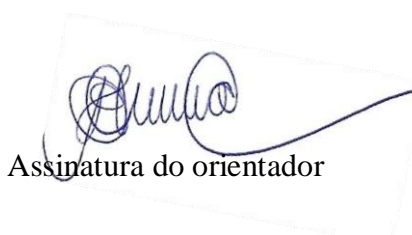
NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis-GO, 03/08/2022 Local
Data



Assinatura do autor / autora



Assinatura do orientador

Ficha catalográfica

C837a

Costa, Diêgo Martins da.

Análise discursiva crítica de comentários on-line motivados por publicações de notícias relacionadas à violência contra mulheres em um perfil jornalístico de instagram [manuscrito] / Diêgo Martins da Costa – 2022.
106 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Hêlvio Frank de Oliveira.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior. Anápolis, 2022.

Inclui bibliografia.

1.Prática discursiva virtual. 2.Discurso - Configuração feminina. 3.Gênero comentário on-line. 4.Dissertações – PPGIELT - UEG/UnuCSEH. I.Oliveira, Hêlvio Frank de.
II.Título.

CDU 81'24(043)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus
Bibliotecária/UEG/UnuCSEH
CRB1/2385

DIÉGO MARTINS DA COSTA

**ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE COMENTÁRIOS ON-LINE
MOTIVADOS POR PUBLICAÇÕES DE NOTÍCIAS RELACIONADAS À
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM UM PERFIL JORNALÍSTICO
DE INSTAGRAM**

Essa dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 30/06/2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Hélio Frank de Oliveira (Universidade Estadual de Goiás / UEG)
Orientador / Presidente da Banca

Prof. Dr. Sostenes Cezar de Lima (Universidade Estadual de Goiás / UEG)
Membro Interno

Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Universidade Federal do Piauí / UFPI)
Membro Externo

AVISOS LEGAIS

Este escrito é produto de reflexões e apontamentos do autor e orientador. As considerações postuladas aqui se configuram, portanto, em interpretações momentâneas e podem conter incorreções. Tais incorreções em relação a concepções, ligaduras teóricas e outros apontamentos podem ser percebidas após a defesa e o depósito, sobretudo como pauta de novos estudos.

Sobre as concepções e teorias trazidas a partir de outros estudos, esses estão devidamente referenciados e foram citados a partir de obras publicadas eletrônica e/ou fisicamente. Além disso, foram trazidas contribuições originais na representação de elementos para o entendimento do objeto de pesquisa.

Sobre o *corpus*, destaca-se que a submissão foi feita ao Comitê de Ética em Pesquisa tão logo a problemática da pesquisa tomou forma. Assim, tomou-se o cuidado necessário em relação à metodologia, coleta, manuseio e exposição do *corpus* (corpo do texto) mesmo após o Comitê citado considerá-lo como de caráter público.

À minha mãe, avó, irmã e sobrinha.

*Às mulheres as quais se sentem num mundo carregado de situações inóspitas,
dedico esta pesquisa em sinal de meu eterno abraço fraterno à causa.*

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa contou com a cooperação direta ou indireta de nomes importantes em minha vida pessoal e acadêmica as quais podem se listar e se dedicar o que se segue:

A Deus todo poderoso que, com fôlego de vida, me concedeu a possibilidade de prosseguir com esta escrita acadêmica através do depósito de força, fé, perseverança, empatia, entusiasmo e disposição mesmo eu sendo falho e, por vezes, indigno;

A minha mãe, meu porto seguro, Goiaci de Acuí, a qual foi protagonista de discursos de motivação e carinho ao se colocar como agente de total apoio durante esta caminhada - (Te amo, mãe!);

A meu pai (em lembrança), Firmino José, o qual sempre me defendeu e apoiou em minhas escolhas e que, sem dúvida, se orgulharia por saber que estou galgando montanhas rumo às realizações pessoais e profissionais.

A minha irmã, Maria Clara, a qual, neste processo de pós-graduação, me presenteou com a “fofura” mais linda do mundo, minha sobrinha e afilhada Ísis;

A minha avó, Maria Eleuza, minha pessoa exemplar, a qual sempre me motivou com seus relatos de lutas e vitórias pessoais, me acalmou e me acalentou com seu “abraço de vó”;

Àquele que chegou durante esta caminhada árdua e, com imensa paciência e amor, se fez presente nos momentos em que mais me sentira desmotivado e nunca mediu esforços para me apoiar: Marcos Vinícius;

A todos os meus colegas da turma, professores e coordenadores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias do ano de 2020 por, respectivamente, proporcionarem experiências significativas, saberes edificantes e tamanho apoio em forma de ensino gratuito e de qualidade;

Em especial, a meu querido orientador, Professor Doutor Hέλvio Frank de Oliveira, por considerar minhas ideias e me subsidiar reflexões, experiências e diálogos ricos em saberes, os quais proporcionaram ampliação de olhares por intermédio de seu olhar crítico e assertivo, sua inteligência, educação e prestatividade;

À banca examinadora, nas pessoas do Professor Doutor Sostenes Cezar de Lima e do Professor Doutor Juscelino Francisco do Nascimento, os quais se dispuseram a ler estas traçadas linhas e que, com total respeito e clareza, deram suporte e direcionaram a escrita à luz e polidez desde a pesquisa - em desenvolvimento - apresentada no momento da qualificação;

Ao Comitê de Ética em Pesquisa, por analisar a ideia embrionária em forma de projeto e darem seu favorável parecer acerca da realização da pesquisa empírica;

Aos participantes indiretos os quais com seus discursos em publicações utilizando o gênero comentário on-line proporcionaram as discussões e análises neste projeto investigativo;

Aos demais membros de minha família, colegas e amigos;

GRATIDÃO!

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” – Michel Foucault

RESUMO

Esta pesquisa se embasa em perspectivas críticas da linguagem trazidas por Fairclough (1997; 2001; 2003; 2013), Resende (2004; 2019), Barton (2009), entre outros, para se refletir os significados presentes em comentários motivados a partir da postagem da página do portal de notícias “Mais Goiás” na Rede Social Instagram, as quais possuem cunho jornalístico, e que reportam a violência hedionda contra mulheres. Para tal, observamos criticamente os discursos contidos no gênero comentário on-line (CUNHA, 2012; ENTRINGER, 2018; SAL PAZ, 2013; SANTOS, 2018), *corpus* da pesquisa, tendo como referência teorias acerca da Análise do Discurso Crítica, do debate público, justiça, cultura do estupro, sororidade e afins de modo a se debruçar sobre problemáticas como: Que discursos ganham forma e força através de comentários publicados a partir de publicações-notícia que reportam violência contra mulher? Posto isto, a escrita lança mão de uma pesquisa sustentada pela extração dos comentários das referidas notícias, para, através de categorias analíticas, sob viés das recorrências (CHIZZOTTI, 2011) (se valendo da perspectiva quali-quanti), estabelecer a consideração dada aos envolvidos no fato noticiado verificando a existência de discursos segregadores. Como considerações resultantes desta investigação, percebemos que textos/discursos coloniais são mantidos e, assim, reiteram práticas que inferiorizam a configuração feminina frente à sociedade patriarcal e ratifica atitudes opressoras a elas. Além disso, no debate público da virturealidade, expõe discursos que apelam para o linchamento virtual, perpetuando a corrente hegemônica. Apesar do ódio ganhar notoriedade, há que considerar que o comentário on-line também serve de suporte para o discurso que confirma a luta pela igualdade de gênero de forma emancipatória mesmo que em menor proporção. As saídas seriam a reflexão daquilo que propagamos e o fazer-se crítico e, assim, a “luz no fim do túnel” tão necessária para alcançarmos a alteridade? Assim, apontamos para a urgência de se refletir sobre a prática de comentar on-line.

Palavras-chave: Prática discursiva virtual. Configuração feminina. Discurso. Gênero comentário on-line.

ABSTRACT

This research is based on critical perspectives on language brought by Fairclough (1997; 2001; 2003; 2013), Resende (2004; 2019), Barton (2009), among others, to reflect the meanings present in comments motivated from the posts on the page of the news portal “Mais Goiás” on the Social Network Instagram, which have a journalistic nature and report the heinous violence against women. To this end, it critically observes the discourses contained in the online comment genre (CUNHA, 2012; ENTRINGER, 2018; SAL PAZ, 2013; SANTOS, 2018), the research corpus, having as reference theories about Critical Discourse Analysis, the debate public, justice, rape culture, sorority and the like in order to address issues such as: What discourses gain shape and strength through motivated comments from news publications that report violence against women? That said, writing makes use a research supported by the extraction of comments from the aforementioned news, to establish the consideration given to those involved in the reported fact, verifying the existence of segregating discourses. As considerations resulting from this investigation, we realized that colonial texts/discourses are maintained and, thus, reiterate practices that lower the female configuration in the face of patriarchal society and ratify oppressive attitudes towards them. Furthermore, in the public debate on vitureality, it exposes discourses that appeal to virtual lynching, perpetuating the hegemonic current. Despite hatred gaining notoriety, it is important to consider that the online comment also supports the discourse that confirms the struggle for gender equality in an emancipatory way, even if to a lesser extent. Would the outputs be the reflection of what we propagate and the critical thinking and, thus, the “light at the end of the tunnel” so necessary to reach otherness? Thus, we point to the urgency of reflecting on the practice of commenting online.

Keywords: Virtual discursive practice. Female configuration. Speech. Genre Review Online.

LISTA DE ABREVIATURAS

- PN – Publicação-notícia
- LA – Linguística Aplicada
- ADC – Análise do Discurso Crítica
- CP – Código Penal
- CD – Comentário Direto
- CI – Comentário Indireto
- CDM – Comentário Direto Masculino
- CDF – Comentário Indireto Feminino
- CDA – Comentário Direto Anônimo
- CIM – Comentário Indireto Masculino
- CIF – Comentário Indireto Feminino
- CIA – Comentário Indireto Anônimo

LISTA DE GRÁFICOS E TABELA

Gráfico 1: Total de comentários por PN	63
Gráfico 2: Maiores categorias por PN.....	74
Tabela 1: Descrição de categorias.....	77

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	17
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E TRAÇANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS	24
1.1 O percurso: da inquietação ao fazer pesquisa	24
1.2 Caminhos metodológicos	26
1.3 A razão da abordagem discursiva crítica perseguida neste estudo	28
1.4 Coleta e manuseio do <i>corpus</i>	29
1.5 O poder de se comunicar: meios de comunicação enquanto suporte para os discursos	30
1.6 “Virturrealidade” e o fazer on-line em redes sociais	32
1.7 Conceituando o comentário on-line enquanto suporte para o discurso: a prática de comentar on-line	35
1.8 A colonialidade no contexto da pesquisa	38
1.9 Considerações sobre a mulher no sistema-mundo moderno brasileiro	40
CAPÍTULO II – ASPECTOS DA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA E ALGUNS DESDOBRAMENTOS FRENTE AO GÊNERO COMENTÁRIO ON-LINE	43
2.1 A linguagem enquanto atividade	43
2.2 Aspectos do fazer em Linguística Aplicada e do discurso em redes sociais....	44
2.3 Mobilizações sobre debate público: a atuação discursiva de pessoas comuns em rede	46
2.4 Uma teorização da análise crítica dos discursos contidos nos comentários on-line	48
2.4.1 A teoria dos atos de fala na perspectiva virturreal	51
2.4.2 Comentários on-line e a linguagem multimodal	54
2.4.3 A polidez e as faces nas imagens carregadas pelo comentário on-line.....	55
2.5 A violência linguística por meio de comentários on-line	56
2.5.1 Linchamentos virtuais e justificação privado: ódio e vingança sob justificativa do descrédito da Justiça Brasileira	58
CAPÍTULO III – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO, APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DO CORPUS.....	61
3.1 Considerações de análise	61

3.2 Condições de produção e circulação das PNs geradoras dos comentários: breve descrição das PNs, dos perfis comentadores e das reações.....	63
3.2.1 PN 1 - Polícia investiga suposto estupro coletivo em hotel de Caldas Novas	64
3.2.2 PN 2 - Mais uma mulher é vítima de feminicídio em Goiás.....	66
3.2.3 PN 3 - Homem é preso suspeito de roubar e estuprar mulher em Goiânia...68	
3.2.4 PN 4 - Mulher pula do 1º andar de prédio para fugir de estupro em Goiânia	69
3.2.5 PN 5 - Mulher que pulou de prédio para fugir de estupro não sente as pernas	70
3.2.6 PN 6 - Mulher diz que filho de sete anos teria tentado matá-la, em Anápolis	72
3.3 Os procedimentos de análise a partir das PNs	73
3.4 De quê/m falam os comentários? Análise discursiva por categoria	77
3.4.1 Cultura do estupro nas entrelinhas do discurso	79
3.4.1.1 Culpabilização da mulher frente à liberdade instintual masculina	81
3.4.2 Discursos de justificação e vingança privada: hostilidade, agressão e desejo de morte como soluções cabíveis <i>versus</i> justiça legal	84
3.4.3 Discursos de sororidade e empatia.....	92
3.4.4 O silenciamento no emaranhado de comentários: as mobilizações de foco como forma de omissão do problema social.....	95
3.5 A figura feminina no contexto machista, misógino e patriarcal.....	97
3.6 Comentar on-line: um ato de linguagem	101
Considerações finais	103
REFERÊNCIAS.....	106

Texto publicitário 1

BOM DIA BRASIL - DOMINGO - 29 DE ABRIL DE 2012 21

Cuidado:
ela também dirige.



Grupo de segurança salva vidas.

Dirija com extraproteção
Adaptive Cruise Control
Side Assist
Sensor de Fadiga
Front Assist
Emergency City Brake



Das Auto.

As imagens são meramente ilustrativas e não representam o produto, sua aparência ou desempenho.

Escrito: Cuidado, elas também dirigem.¹

Texto publicitário 2

TRIBUNA DA IMPRENSA Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1957

Agora sou livre
o ROMI-ISETTA é o
carro que faltava para
meu transporte às
compras, visitas e
passeios

- † segurança
- * economia
- * velocidade
- * conforto

são qualidades do

ROMI Isetta

Distribuidores no Rio:
AUTO CENTRAL LTDA.
Rua Real Grandeza, 274

Distribuidores em São Paulo: Distribuidora Brasileira Com. e Imp. - Rua Marquez de Itú, 139



Escrito: Agora sou livre.²

¹ Anúncio publicitário da marca Volkswagen publicado em 2012.

² Anúncio publicitário da marca Romi-Isetta publicado em 1957.

Considerações iniciais

“Nós não temos a escolha se devemos usar a mídia social, a questão é a forma como usá-la.”

Erik Qualman

Ser observador em diversos aspectos com tudo que me cerca sempre foi uma das marcas da minha personalidade e comportamento. Ao ver, por exemplo, minha avó, uma figura feminina a qual sou grato e da qual me orgulho, planejar aulas ou fazer quaisquer outras atribuições escolares, lá estava eu perguntando e indagando sobre os processos educativos e “fingindo” ser seu ajudante.

A partir dessa convivência e exemplo, surgiu a paixão pelo mundo das Letras, do aprender, do ensinar, das linguagens, das interações, da mente humana e, principalmente, pelo mundo dos impactos, revelações e reações produzidos a partir do que é dito. Não é a toa que algumas das minhas escritas produzidas academicamente tentam responder a indagações que permeiam esses assuntos.

As escolhas que fiz ao percorrer a graduação, pós-graduação *lato sensu* e, agora, um programa de pós-graduação *scripto sensu*, envolveram o uso da língua (seja falada ou escrita) num nível mais reflexivo por concordar que as problematizações que endossam uma pesquisa surgem conforme nossas vivências (FLICK, 2013). Pensando assim, perguntas como “o que estamos emitindo?”, “como isso se atrela às nossas vivências?”, “com avanço da tecnologia, que significados são (re)produzidos on-line?” foram surgindo. E claro, as indagações feitas por Michel Foucault também são questionamentos frequentes, afinal “(...) o que há de tão perigoso no ato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde está o perigo?” (FOUCAULT, 2010, p. 8).

Essas inquietações perpetuaram e foram se reformulando conforme passei por disciplinas específicas do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT-UEG), tais como “Perspectivas de Educação Linguística” e “Educação e Diversidade”. Não bastassem as disciplinas, a participação e os encontros virtuais

do grupo de estudos DIVAS³ também foram cruciais para a reelaboração e reflexão das inquietações científicas.

Assim, opiniões, julgamentos, comentários e quaisquer outros discursos, independentemente da situação, já me levavam ao exercício de pensar no possível impacto daquela prática, em como o interlocutor reagiria; aliás, quem é o alvo dessa prática e o que ela legitima? Desde muito cedo, então, estando curioso com a linguagem, tentava, a passos lentos, refletir as múltiplas facetas do discurso sem ao menos entender de fato as vertentes e conexões a que tais reflexões se fundamentam.

Não bastassem as práticas no mundo real, com o advento da internet e com o número massivo de pessoas que aderiram às redes sociais, as práticas discursivas podem ser vistas, também, no contexto virtual. Pessoas vivem a Internet e emitem juízos de valor a todo instante em inúmeras plataformas dentro de uma rede que, também, é lugar de sujeitos socialmente construídos e propagadores de ideologias⁴.

Não é incomum ler comentários e me sentir representado, sobretudo num exercício de alteridade, por um ou outro construto publicado em redes sociais. O gênero comentário on-line, por exemplo, faz parte de minha leitura e interação com o mundo enquanto um ser social. Aquilo que é virtual parece se entrelaçar às práticas do cotidiano, aos nossos próprios dizeres, ao fazer... ao agir discursivamente.

Coloco-me como linguista, como amante da língua, como professor de língua e, considerando-me como tal, tento olhar a língua com consciência, ética e reflexão. Não há sequer um dia que passe que não se vejam pessoas que, por meio do gênero comentário on-line, expõem seus “pontos de vista” que acolhem, humilham, criticam, apoiam, determinam, rogam, pedem ou ajam de alguma maneira, a fim de interagirem, de serem ouvidas, de deixarem sua marca, seu posicionamento e sua ideologia a depender de suas intencionalidades. Práticas como essas carregam significados do contexto real numa para um mundo virtual e vice-versa, numa reconfiguração, numa fusão que chamo de prática virturreal.

Objetivando entender mais sobre essas práticas, essa pesquisa contou com caminhos para a análise discursiva crítica (FAIRCLOUGH, 1997, 2001, 2003, 2013;

³ Grupo de estudos intitulado “Discursos de Diversidade em Âmbito Social – DIVAS” (UEG/CNPq) integrado por alunos da graduação e pós-graduação, e liderado por Hélio Frank de Oliveira.

⁴ Entendo o discurso como prática ideológica a qual se constitui de uma prática que “estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94) surgindo em sociedades onde a desigualdade de gênero, classe, grupo (FAIRCLOUGH, 2001).

RESENDE, 2004, 2019; BARTON, 2009; MAGALHÃES, 2017) de comentários on-line (CUNHA, 2012; ENTRINGER, 2018; SAL PAZ, 2013; SANTOS, 2018). Aqui, julgo que é importante que se entenda o que se veiculam e como se reverberam os discursos marcados por ideologias presentes em comentários on-line que são publicados a partir de notícias que abordam um tema corriqueiro: o estupro e morte (tentados ou consumados) de mulheres ocorridos no estado de Goiás.

São inquietações que levam à pesquisa:

- Que significações possuem e de que forma se articulam os discursos publicados por meio de comentários motivados a partir de publicações-notícia produzidas pelo Instagram “Mais Goiás” e que reportam violência contra mulher?
- A distância física entre os comentadores dentro de uma condição de virturealidade possibilita que tipos de discurso?
- Que marcas discursivas estão presentes em comentários que des/consideram a condição feminina?
- Que concepções e posições emergentes são requeridas a partir dos discursos que balizam a condição da mulher?

Pensar no que estamos produzindo discursivamente no virtual é tão importante quanto no real; afinal, este mundo, agora, permite que aquele propague em maior escala, num emaranhado de informações, dizeres que se mostram repletos de representações de seus emissores. Pois, como afirma Fairclough:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Assim, é necessário pensar no que está sendo propagado, no que está sendo dito, nos rumos ideológicos que as pessoas tomam ao proferir um dizer. Mais do que isso, é necessário pensar no que é dito sobre o outro. Ou seja, essa inquietude não tem apenas a ver com o fato de dizerem, mas também para quem dizem, com qual intenção, no que acreditam ao dizer, quem ferem com o que foi dito, quem exaltam, quem desconsideram etc.

Nesse ponto, a pesquisa se situa na minha vida e está intimamente ligada ao ato de indagar o traço colonial, que é perceptível nos mais variados discursos e relações sociais. Está ligada principalmente ao fato de haver determinada hierarquia

no que se refere ao privilégio de homens à medida que cresce o sistema que organiza as configurações de gênero (BUTLER, 2003), socialmente assimiladas ao sexo biológico e a comportamentos moldados (BUTLER, 2003; 2013), concepções que comumente são percebidos nos discursos.

Ora, se existem conexões entre o que é dito e a cultura, ato, referente, identidade, representação e formação social (FAIRCLOUGH, 2001), há que se pensar em práticas que reforçam esses ditos e os dizeres que reafirmam práticas. Ou seja, é preciso pensar nos discursos que colocam a mulher como alvo e, assim, subsidia tais construtos linguísticos que legitimam ações contra as próprias mulheres.

Em continuidade, é preciso considerar, sob uma perspectiva feminista, que a mulher é tida como “distração do conhecimento, sedução para longe de Deus, rendição ao desejo sexual, à violência ou à agressão, falta de vontade, até mesmo à morte” (BORDO, 1993, p. 5 – tradução minha) para palpar criticamente aquilo que, também, é dito sobre e para a figura feminina. É preciso refletir de forma crítica tais discursos, sobretudo numa sociedade com ranço colonial que mata, estupra, constrange, assedia, agride física e verbalmente. É preciso, de igual modo, olhar para proposta de produção, circulação e consumo de tais discursos dentro da rede social, bem como reações dadas a eles virtualmente incluindo a produção de outros discursos a partir desses (numa configuração de intergênero).

É indispensável refletir discursos como os que ecoam através das imagens postas anteriormente a este tópico, por exemplo: as datas possuem cerca de 60 anos de diferença, elas fazem alusão a marcas e a empresas diferentes, embora pertençam à mesma esfera de comunicação (a automobilística) e não há presença de intertextualidade⁵ entre si. Embora não haja tal diálogo entre os dois textos, nota-se que a figura da mulher é desconsiderada. Existe cunho machista embutido, velado, que menospreza a capacidade da mulher em relação à competência de dirigir um automóvel (figura 1) e que coloca a mulher num cenário de ações frívolas (figura 2).

É preciso considerar, ainda, os discursos que denominam o que está disposto, de fato, para o masculino e para o feminino segundo a cultura ocidental atual (como herança colonial) bem como a superioridade masculina em detrimento

⁵ O ato de um texto citar o outro na produção de novos significados.

da feminina (BOURDIEU, 2014). O contexto social brasileiro, considerando o ranço colonial e toda a conjuntura que forma os discursos, é propício para construir identidades e, nesse caso, tratar a mulher a partir de um contexto de vulnerabilidade social que deve ser discutida por quem quer que seja. Afinal, a hierarquização de gênero (BORBA, 2012; BUTLER, 2003), além de denunciada, deve ser analisada para que haja, ao menos, a mínima desconstrução desta base que segrega, desconsidera, machuca e mata.

Em suplementação a estudos como os de Cunha (2012), Entringer (2018), Lobo e Filho (2017), Tomás (2019), Gregório (2020) e Magalhães (2017), essa pesquisa busca analisar criticamente os discursos produzidos por meio de comentários on-line motivados por publicações-notícias⁶ que reportam violência contra a mulher postadas em uma página jornalística de Instagram intitulada “Mais Goiás”. A partir de então, corroborando e seguindo a perspectiva de Costa et al. (2021), a análise subsidiará na chegada às respostas das inquietações postas aqui no sentido de expor sistematicamente um mapa dos comentários publicados. Assim, de forma específica, a pesquisa se preocupa em:

a) Investigar e problematizar os discursos produzidos a partir dos comentários on-line motivados por publicações-notícias que reportam violência hedionda contra mulher postadas pelo “Mais Goiás”.

b) Refletir criticamente sobre os significados desses comentários considerando o contexto discursivo de sua produção, circulação e consumo.

Tendo em vista a definição dos objetivos, foi necessário delimitar as publicações-notícias (PN) considerando o grande fluxo de publicações diárias, a dinamicidade, o ineditismo das postagens, o “sem-número” de comentários, a fim de obter uma precisão maior no momento da análise. Assim, os critérios para a seleção do objeto foram com base nas seis (6) últimas publicações-notícia⁷ da página @maisgoias que reportem notícias cujo assunto perpassasse agressões contra mulheres, priorizando assuntos hediondos tal como estupro e feminicídio - Lei 13.104 (BRASIL, 2015).

⁶ Entendo como “publicação-notícia” o texto base (a publicação primeira, o *post*) que possibilita o compartilhamento de “publicações-comentários” – comentário on-line -, réplicas e tréplicas (construções linguísticas que surgem após a publicação primeira) de uma rede social.

⁷ Como se trata de uma conta/página que posta frequentemente e os assuntos serem voláteis, o ponto citado se fixa nas últimas 6 postagens anteriores à data de submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa pelo fato de que resguardam o caráter recente dos dados. A coleta só foi feita após análise e parecer do comitê.

Como esta pesquisa trabalhou com dados já publicados na página citada, o Comitê de Ética em Pesquisa, a partir da exposição de projeto, métodos, coletas e tratativas diversas, deu parecer favorável à realização julgando os dados como de domínio público⁸. A decisão foi de suma importância considerando a disposição dos dados necessários a esta pesquisa bem como a vasta quantidade de perfis e comentários.

A fim de buscar situar o leitor, esta dissertação se divide em três capítulos. O primeiro deles servirá para contextualizar a prática considerando conceitos acerca do objeto de pesquisa ao passo que se traz reflexões de autores que defendem a abordagem escolhida. Neste capítulo, o diálogo entre inquietações e o objeto se dialogam à luz do contexto histórico e social. Há, também, a exposição específica dos passos metodológicos, justificativas (acadêmica, pessoal e social) e objetivos.

O segundo capítulo vem ao encontro da discussão de teorias acerca da Linguística Aplicada, Análise do Discurso Crítica entre outras teorizações que, de igual modo, contribuem para a compreensão do discurso no comentário on-line, sobretudo aquele que é postulado nas redes sociais. Neste capítulo, propomos diálogos entre as teorias de Moita Lopes (2006), Koch (2000), Austin (1990), Fairclough (1997, 2001, 2003, 2013), entre outros teóricos da linguagem e discurso, no sentido a construir teoricamente a base para análise dos dados coletados.

No terceiro capítulo, trazemos reflexões de análise e situamos a produções de comentários ao expor os textos geradores⁹. Além disso, descrevemos o mapeamento do *corpus* a fim de palpar o peso das significações postadas por comentadore. Por fim, pontuamos as categorias que emergiram no momento do agrupamento de comentários coletados ao passo que refletimos as situações, a prática de comentar e seus significados em concomitância a teorizações do discurso e problemáticas sociais que são pertinentes.

Sabendo disso, destacam-se as contribuições que a pesquisa foi capaz de apontar. É possível descrever que a análise discursiva crítica feita aqui contribui

⁸ A partir da análise do projeto, sob registro nº 44870621.7.0000.8113, o parecer consubstanciado de nº 4.737.566 enviado pelo Comitê de Ética em Pesquisa através da Plataforma Brasil, em síntese, dispensa apreciação já que os dados a serem coletados/utilizados foram julgados pelo comitê como de natureza pública. O documento acrescenta que só haveria necessidade de apreciação do comitê caso mantivéssemos algum contato/interação direto/a com os usuários da rede a fim de aplicar determinada técnica para geração/coleta de dados, o que não foi feito.

⁹ Os textos geradores se configuram como sendo as publicações feitas pela página jornalística (imagem, manchete, legenda – corpo da notícia), as quais foram selecionadas conforme a delimitação entre janeiro e fevereiro de 2021.

para uma melhor interpretação e visão que se tem do e no mundo. É possível depreender as ideologias postuladas na rede (e conseqüentemente no mundo real) e nos colocar em um lugar dentro dessa “arena”. Ao ultrapassar a primeira e ingênua leitura de um texto, de um discurso, ficam claras as intencionalidades, inquietações e posições das pessoas em determinados contextos.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E TRAÇANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.

Mikhail Bakhtin

1.1 O percurso: da inquietação ao fazer pesquisa

No momento de pandemia¹⁰, o número de pessoas conectadas, aumentou significativamente segundo a pesquisa "TIC Domicílios 2020"¹¹, elaborada pelo Cetic.br. Essa condição alavancada pelo isolamento físico colabora e muito para o contato de pessoas com as frequentes publicações nas redes sociais e a possível manifestação de seus posicionamentos, tornando-se, desse modo, atores. A participação das pessoas no debate público acerca de diversos assuntos foi, *grosso modo*, potencializada e está constatada (TOMÁS, 2019).

Reafirmando a ideia de que discursos estão, enfim, sendo mobilizados com maior veemência no meio digital por meio do comentário on-line e de que esses dizeres carregam ideologias sociais, é necessário pensar que a ética deve ou pelo menos deveria ser primordial sob o risco de haver comprometimento ou cancelamento¹² de pessoas, de vidas, o que contribuiria para um mundo ainda mais desigual (COSTA et al., 2021). Diante disso, cabe à pesquisa, abordar tais práticas discursivas de modo que, cientificamente e socialmente, pensemos e continuemos a pensar acerca da urgência em refletir os atos linguísticos que praticamos on-line.

Corroborando com essa discussão do estado da arte, o recente estudo de Gregório (2020), aponta, com análise de comentários on-line no contexto nacional português, para a manutenção da violência nas relações íntimas, manutenção essa

¹⁰ Aqui, refiro-me à pandemia causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 com datação de início no mundo em 2019, e com o registro dos primeiros casos no Brasil em 2020.

¹¹ A pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros 2020 foi realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê de Gestão de Internet no Brasil, e traz levantamentos sobre o acesso a tecnologias da informação e comunicação. O estudo mostra que 4, em cada 5 usuários no Brasil, possuem acesso à Internet, o que corresponde a 152 milhões de pessoas no Brasil, e esse acesso é geralmente viabilizado pelo smartphone.

¹² Entendo o cancelamento como cultura cuja prática é hostilizar ou expulsar de determinadas posições sociais, comerciais ou de influência as personalidades, grupos, empresas ou civis tendo como justificativa para tal ato algum tipo de comportamento ou fala que alguém ou um grupo julga não condizente.

que vem explicada sob o olhar do público leitor de jornais on-line portugueses. Podemos citar, de igual modo, o estudo de Tomás (2019), o qual faz uma análise discursiva percebendo a violência contra mulher em comentários on-line do jornal Folha de São Paulo. O fato de existirem estudos como esses fortalece o olhar para o gênero em questão, contudo, essa pesquisa se diferenciou no que se refere às condições de produção dos comentários on-line que compuseram o *corpus*.

Socialmente, a justificativa para a realização da pesquisa se deu devido à necessidade de propor uma discussão acerca da ética e responsabilidade necessárias ao se proferirem certos discursos. Deu-se, ainda, academicamente, o enfoque em um gênero cuja discussão nos parece insuficiente para o contexto virtual levantado, favorecendo um olhar científico sobre a comunidade onde o *corpus* se concentrava à época da coleta. Sistematizar o processo discursivo virturreal, considerando os comentários on-line é “uma forma natural de sondar as manifestações da opinião pública” (SAL PAZ, 2013, p. 7)¹³, sobretudo por se tratar de uma prática discursiva tão frequente e presente nos dias atuais.

Ao enxergar a voz e as (re)produções sociais do grupo composto por internautas, de forma pessoal, mas ao mesmo tempo coletiva, a pesquisa também se justifica por enaltecer o valor que a condição de ser humano precisa ter independente da situação. Há, então, que se considerar a satisfação em contribuir com a área da linguagem.

É importante destacar que problemas de pesquisa têm surgido recentemente a partir de reflexões sobre comentários on-line, relações virtuais e outros elementos atrelados ao objeto de estudo desta pesquisa. Isso se dá, a nosso ver, pelo fato de que as pessoas estão transpondo a importância de computadores, celulares e Internet, antes meros recursos, ao passo que essas ferramentas se tornam parte da vida de quem as usa (COSTA et al., 2021).

Tais investigações as quais surgem a partir desta problemática tendem a variar no quesito contextual, local e, mesmo, em relação à delimitação ou ao objeto de pesquisa. Apesar de que, em se tratando dos discursos, as pesquisas parecem se preocupar com aspectos ligados à via de mão dupla individual-sociocultural-sociopolítica, é preciso ressaltar que essa pesquisa possuiu um recorte específico e

¹³ Todas as citações deste autor se tratam de excertos traduzidos por mim.

único. Sobre isso, segue o tópico a seguir, o que explica sobre as tratativas da coleta.

1.2 Caminhos metodológicos

Longe de sentar nos bancos de metodologia da universidade - até porque o ato de pesquisar transcende ao de não obedecer às teorizações desta área e por ser a pesquisa uma “construção do conhecimento e a revelação do contexto do objeto pesquisado” (CHIZZOTTI, 2011, p. 92) – no entanto, entendendo este estudo como bibliográfico e documental, compreendendo a relevância do seu aspecto discursivo, a fim de melhor situar os leitores, neste ponto, se contextualizará a investigação para que conheçam melhor os caminhos percorridos bem como suportes e seleção de *corpus*.

A partir de experiências com outros escritos nossos e as inquietações oriundas das conversas com pesquisadores da área, chegamos a aspectos metodológicos que abraçam nossos anseios. Como dito, nossa opção de suporte se deu pela escolha da rede social Instagram por seu caráter recente e emergente, por ser uma das plataformas que mais cresce em adesão de usuários¹⁴ e pelo grande número de postagens diárias, o que deixa os dados ainda mais recentes e fiéis em se tratando do recorte.

No escopo dessa pesquisa, o foco são discursos publicados por meio dos comentários on-line em PN da página @maisgoias. A escolha pela página se deu única e exclusivamente pela frequência de publicação, abrangência local e número de seguidores. A página reporta fatos da esfera jornalística por meio de notícias, reportagens e afins; abordando, de igual modo, assuntos diversos em nível de Brasil e mundo, mas que foca em acontecimentos goianos. Até o momento da coleta de comentários, *corpus* da pesquisa, a página contabilizava mais de 950 mil seguidores.

Inicialmente, a proposta desta pesquisa, já submetida, analisada e retirada da Plataforma Brasil pelo Comitê de Ética em Pesquisa, se alicerçou no método de Análise Discursiva Crítica (CHIZZOTTI, 2011) fundamentando em teorias acerca do

¹⁴ Dados do relatório elaborado por We Are Social e Hootsuite apontam que a rede social Instagram é a 4ª mais usada a nível de Brasil e mundo. Em número de adeptos ativos, Brasil fica atrás apenas dos Estados Unidos e Índia.

discurso, haja vista que o objeto do estudo é elemento fundamental para entender propagações linguísticas acerca das representações sociais. Assim, o estudo não depende apenas de bases teóricas e bibliográficas, mas, igualmente, de uma pesquisa social que se dá virtualmente a fim de que as discussões sejam fundamentadas e produtivas.

Dessa maneira, as etapas e procedimentos para a coleta de dados (já definidos e delimitados) analisados neste escrito seguiram esta ordem:

- análise da plataforma Instagram como rede social;
- análise da conta @maisgoiás como suporte de publicações de textos provenientes da esfera jornalística com suas (novas) configurações;
- seleção e agrupamento das publicações-notícia seguindo os critérios de escolha, recorte e delimitação;
- coleta, organização e captura de tela em formato de vídeo¹⁵ de todos os comentários (comentários, réplicas e tréplicas) em arquivo digital gerado a partir das publicações-notícias selecionadas conforme critério para fins de respaldo científico e análises;
- agrupamento dos comentários por categorias de análise;
- contagem de turnos dos comentários agrupados;
- análise e categorização dos comentários sob níveis discursivos;
- realização de ajustes necessários.

Ressalto que todas as etapas da pesquisa foram árduas por estarmos inseridos no contexto pandêmico, fato que mexe com a condição psicológica humana, e principalmente pelo fato de a conta escolhida ter sido banida¹⁶ da rede social por alguns meses, o que inviabilizou qualquer acesso e/ou busca e fez com que a escrita sofresse uma pausa.

É válido lembrar que os dados (curtidas, comentários, as próprias publicações) são voláteis, isto é, podem ser excluídas por uma série de fatores. Tais fatores englobam o possível banimento da conta (por isso o ato de capturar em vídeo e em documento de texto todo o *corpus*), apagamento de PNs, apagamento

¹⁵ Por ser a página da rede social limitada no sentido de visualização da totalidade de comentários, optamos por capturar em forma de vídeo os comentários analisados de modo que cada publicação-notícia contivesse todos os comentários em um só arquivo, o que não seria possível no caso da captura de tela em forma de fotografia (*print*).

¹⁶ Tal ação pode ser conferida em <https://ochoje.com/noticia/variedades/n/1339691/t/instagram-do-mais-goias-esta-fora-do-ar/> (Acessado em: 13 de Setembro de 2021)

de comentários por autoria da página ou do titular da conta comentadora, exclusão da conta comentadora, exclusão do comentário que por ventura foram denunciados por terceiros e uma série de outros fatores. Assim, os dados aqui fornecidos e/ou analisados podem sofrer variações com o tempo.

Na linha de pensamento do parágrafo anterior, no que diz respeito à variação causada pela volatilidade dos dados, infere-se, ainda, que estes podem ser excluídos posteriormente ou, ainda, a PN pode ser acrescida de mais comentários. Comentadores podem fazer suas manifestações após a coleta de dados, compartilhar a notícia, curtir, refutar e criticar, o que resulta numa variação dos dados por se tratar de uma publicação em página aberta e que, mesmo com passar do tempo, permite tais acréscimos.

No histórico de página, as PNs selecionadas através do recorte estabelecido (a saber: notícias que reportam estupro de mulheres e feminicídio – consumados ou não) forneceram dados que serão analisados nesta sessão. Dentre o grupo de publicações, há várias notícias que reportam agressão física, assédio ou algum tipo de violação em desfavor da mulher o que torna tais práticas como corriqueiras, mas seguindo os critérios de seleção, 6 PNs foram selecionadas.

A contagem e agrupamento do *corpus* fornece, segundo Chizzotti (2011) um mapeamento e, assim, subsidia a materialização do peso das ocorrências. O agir coletivo, assim, pode ser palpado; isto dá margem para reflexões acerca dos rumos tomados dentro do debate público bem como revela as ideologias mais fortes dentro desta “arena”.

1.3 A razão da abordagem discursiva crítica perseguida neste estudo

A quantidade de conteúdo no ciberespaço exige que um recorte seja feito para que a análise tenha limites prévios e, assim, possibilite resultados significativos. Portanto, a pesquisa contará com caminhos para a análise textual/discursiva dos comentários impulsionados pelas publicações-notícias – e/ou por comentários de comentários em torno delas – em plataforma de rede social Instagram. Considerando aspectos enunciativos do ambiente virtual, mapeará configurações do gênero discursivo comentário on-line relativo à apreciação de reportagens oriundas da esfera policial que abordam um tema corriqueiro e que ainda carece de debates, que é a agressão/morte de mulheres ocorrida no estado de Goiás.

Desse modo, por meio de buscas na página de Instagram “Mais Goiás”, seguindo os recortes e critérios de coleta, o *corpus* selecionado servirá à análise discursiva de conteúdos categorizados sob o escrutínio de existência de algum tipo de desconsideração da vida alheia (desejo de morte, silenciamento diante da morte etc.), de tipos de comentários produzidos (de culpabilização da vítima etc.) e, ainda, de alguma relação desses comentários com formações discursivas atreladas à agenda feminista e/ou a elementos de modernidade-colonialidade.

A análise discursiva crítica abarcará categorização dos comentários para enquadro do objeto de estudo em grupos que permitirão materializar ideologias e subjetividades que se formam e são formadas nos comentários, e ainda os significados dos enunciados visando a uma inteligibilidade sobre o que se comenta on-line, isto é, sobre o que fabricamos on-line nas redes sociais ao comentarmos, tendo por fundamento a característica acional do discurso no mundo.

Assim, fará parte do objeto de análise o conjunto de comentários que forem selecionados dentro dos critérios previamente estabelecidos. Tal coleta de dados aconteceu tão logo o projeto foi analisado pelo Conselho de Ética em Pesquisa e foi feita por intermédio de buscas na página citada. A partir daí, capturas de tela dos comentários postados nas publicações foram feitos para que auxiliassem posterior análise, interpretação, contagem, agrupamento/categorização e, sobretudo, para ratificar as postulações feitas aqui.

Ainda que predominantemente discursivo, a perspectiva quali-quantitativa (SOUZA, 2018) é necessária a este estudo, uma vez que fornecerá bases para reflexões que se sustentam em ambas vertentes. Ou seja, os comentários serão analisados de i) forma subjetiva, admitindo a fluência da realidade (a qualidade dos enunciados), e de ii) forma estatística, reconhecendo a frequência das ocorrências em que os dados se dispõem (os turnos de comentários) (CHIZZOTTI, 2011). Tal estratégia se mostra viável tendo por base a compreensão de que “o que o sujeito repetidamente diz e faz o constitui como real e natural” (BORBA, 2012, p. 448).

1.4 Coleta e manuseio do *corpus*

Tomando por base a constituição de sujeitos interconectados, nesse caso pela Internet, o *corpus* se forma intencionalmente por intermédio de perfis. Assim, necessitamos observar a prática social que viabiliza o alcance da compreensão dos

discursos em forma de comentários on-line e das ideologias emergidas, bem como analisar questões semânticas e pragmáticas mobilizadas nesses enunciados.

A situação pandêmica não acarreta, até então, prejuízos à coleta dos dados, uma vez que os comentários já estão publicados na referida página de Instagram e podem ser obtidos com simples acesso à plataforma e sem contato físico. As capturas de tela serão feitas com base no enquadro da PN dentro da delimitação estipulada por esta pesquisa. As PN também se configuram como um dos materiais discursivos a serem analisados, uma vez que se referem a textos motivadores que supostamente motivaram os comentários on-line a serem analisados.

Por se tratar de uma discursiva crítica, em que não é necessária 'autoria do dizer', mas exclusivamente do 'dito', será preservada a imagem contida ao lado de cada comentário e a referência ao comentador prezando inclusive pela ética em pesquisa. Sendo assim, as informações pessoais, como nome, conta e endereço de localização dos perfis comentadores serão totalmente preservados e os internautas comentadores não serão identificados.

A análise se deu seguindo a abordagem quali-quantitativa. Assim, os comentários estão agrupados em categorias de análise de acordo com os significados de seu dizer (seja apoiando, seja criticando uma das partes, seja se revoltando com a conjuntura social, seja alertando ou quaisquer outras significações que surgirem), o que também possibilita a checagem da quantidade de comentários que constituem tal agrupamento. A intenção é tornar palpável a dimensão discursiva que borbulha em mais um gênero discursivo dentro de uma esfera social.

1.5 O poder de se comunicar: meios de comunicação enquanto suporte para os discursos

Tratando de uma discussão a partir dos suportes em que os mais variados discursos são veiculados, considero a comunicação produzida em redes sociais como uma combinação de símbolos hierarquicamente relacionados que expõem valores. Sabe-se que os meios de comunicação são "formas generalizadas, na medida em que são formas colonizadas pelos meios de controle sistêmico representados pelo poder" (RÜDIGER, 2011. P. 111) e que, assim, carregam um "potencial de dominação e distorção (...) não pode ser dissociado do processo emancipatório" (RÜDIGER, 2011, p. 111).

Gouldner (1978) afirma que a comunicação cotidiana (usada em diversos meios) “pode servir como instrumento mediante o qual formadores de opinião, através de suas mensagens, podem originar uma visão crítica e implantar uma nova linguagem, um novo conjunto de valores e habilidades” (GOULDNER, 1978. p. 194). Essa assertiva reforça a justificativa da pesquisa em tornar evidentes tais elementos que evoluem o processo.

Reforçando e atribuindo uma função à comunicação, Rüdiger (2011 p. 67) aponta que essa “constitui um processo intencional, pelo qual as pessoas influenciam o comportamento dos demais, levando-os a realizar certas ações cuja premissa não se encontra em sua própria motivação”. Assim, para que haja esse processo, as pessoas devem combinar ou comungar previamente de determinadas pretensões recíprocas.

Corroborando nossa tese, DeFleur e Ball-Rokeach (1923, p. 140) afirmam que “as comunicações de massa hoje em dia são parte central das cinco instituições básicas da sociedade”. Ou seja, corroboram e influenciam penetrando intimamente na economia, política, questões familiares, religiosas e educacionais. Além disso:

Atualmente, os dispositivos de informação moldam os valores culturais de nossa época, não só às suas próprias regras de funcionamento, mas sobretudo às suas estratégias de legitimação, constituindo um meio cada vez mais autônomo em relação aos procedimentos comunicacionais espontâneos e imediatos das comunidades [...] (RODRIGUES, 1994, p. 34).

Desse modo, Rüdiger (2011, p. 88) diz que “a comunicação possibilita a cooperação social, na medida em que consiste em um processo de compreensão linguisticamente mediado que, por sua vez, mediatiza, em vários níveis de complexidade, a totalidade dos processos de produção”. Os indivíduos, por meio da exposição midiática, evidentemente, passam a dispor de mais conhecimento sobre seu mundo, veiculado sob a forma de informativos pelas atividades difusoras.

Como podemos prever, a linguagem se torna, por assim dizer, uma ferramenta de comunicação, mas, ao mesmo tempo, discursivamente se vale da sua capacidade de construir realidades. Nesse sentido Edward Sapir, um dos pioneiros no estudo da linguagem e da cultura, apresenta o seguinte conceito sobre a linguagem de uma perspectiva que podemos chamar de discurso:

(...) um guia para a realidade social. (...) condiciona fortemente todo o nosso modo de pensar acerca dos problemas e processos sociais. (...) É bastante ilusório imaginar que a gente se ajusta a realidade essencialmente sem recorrer ao emprego da língua e que esta seja um mero meio incidental de resolver problemas específicos de

comunicação ou reflexão. O que importa é que “o mundo real” é em grande parte construído inconscientemente com base nos hábitos de linguagem do grupo. (SAPIR, 1929, 209 – tradução minha)

Sapir (1929) demonstra, pois, a importância da língua em conseguir construir a imagem que alguém possui do mundo e também, por intermédio dela, num processo reconhecido, ecoar este mundo a partir da própria linguagem. Ou seja, age como “guia” de representações para a realidade.

1.6 “Virturrealidade” e o fazer on-line em redes sociais

Sabendo que o conceito de virturrealidade está para o fato de o estar conectado fazer parte da vida cotidiana em que mundo virtual e mundo real entram em fusão (COSTA, et al., 2021), o mundo contemporâneo, é imprescindível pensar no fato de que “a mediação pelo computador, por exemplo, gerou outras formas de estabelecimento de relações sociais” (RECUERO, 2009, p. 89). O ambiente virtual é, portanto, um importante recurso que auxilia na disseminação imediata de informações, tendo, assim, uma função social inegável ao mundo globalizado. Nessa condição, a Internet corresponde a:

uma rede distributiva [o que] constitui uma boa imagem de base ou modelo para [o conceito teórico de] multidão, pois, em primeiro lugar, os vários pontos nodais se mantêm diferentes mas estão todos conectados na rede, e além disso as fronteiras externas da rede são de tal forma abertas que novos pontos nodais e novas relações podem estar sendo constantemente acrescentados (HARDT & NEGRI, 2005, p. 140)

Proporcionada a partir deste novo meio de transmissão de informações, a praticidade de ter tudo que se busca em poucos instantes, independente dos gêneros discursivos, parece ser um fator que contribui para a constante assimilação de informações e reações frente às informações com as quais uma pessoa se depara. Como Zavam (2009, p. 94) nos diz:

Nesse novo cenário em que figuram novas formas e formas remodeladas de dizer, muitos atores sociais que, na antiga ordem, não encontravam meios de ocupar o proscênio ou que dele eram afastados descobrem e se apossam de brechas para fazer ouvir a sua voz, a voz dos exilados das instâncias de dizer socialmente estabelecidas e reconhecidas, tanto por aqueles que nelas têm assento assegurado e preservado quanto por aqueles que com esses estabelecem trocas sociais. (ZAVAM, 2009, p. 94)

Assim como a constante troca de informações foi potencializada pelas redes sociais, é importante citar que esse poder comunicativo, antes monopolizado pelas emissoras de TV, se configura de forma mais democrática. Isto é, as ideologias

singulares somadas à possibilidade inexistente de debates mais diversificados se tornaram mais plurais por meio das possibilidades que a rede social proporcionou ao dar caráter produtor a quem antes era consumidor.

A interação virtual traz à tona significações que podem ser capazes de aprovar ou desaprovar algo, influenciar ou incitar determinado comportamento, assim, funcionando como elemento que impulsiona/encoraja, isto é, precipita sentimentos e sensações que estimulam um debate e transforma o que antes era um ambiente pacífico em um local em que os discursos postos extrapolam os limites da tolerância e respeito. Sobre isso, pode-se inferir que as disputas de espaço dentro da rede social confere disputa de poder.

Desse modo, para a pesquisa, o ambiente referido anteriormente é rico em discursos que se estruturam no ciberespaço e ecoam dominação, legitimação de determinadas ideologias e, por que não, a violência linguística (RECUERO, 2016). Alguns pressupostos que consideram o ambiente virtual como espaço democrático e humano de práticas sociais e políticas são elencados por alguns estudos que envolvem o discurso no meio virtual como os referidos de Entringer (2018) e Gregório (2020). Assim, “é preciso considerar, contudo, que diferenças de identidade e status são construídas on-line, reproduzindo as estruturas sociais e culturais off-line” (MAIA, 2008, p. 121).

Ora, a “rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões” (RECUERO, 2009, p. 24). A própria estrutura e funcionamento pleno da rede social, bem como seu principal objetivo, são regidos por aquilo que seus atores, abarcados por determinismos, publicam. Não há, então, possibilidade de, no contexto da pesquisa, separar virtualidade e realidade visto que as significações postuladas na rede social (virtual) são produzidas por atores físicos, pessoas reais.

Falando mais precisamente do Instagram, uma rede social que tem o compartilhamento de fotos e vídeos como objetivo principal, é notório que esta se popularizou e ganhou muitas alternativas de interação, o que aumentou o número de inscritos. Apesar de opções como comentar, curtir, compartilhar, adicionar uma publicação temporária ou mandar uma mensagem direta, seu foco ainda são as fotos e vídeos compartilhados e visíveis por um *feed*¹⁷, caso se siga o usuário/ator.

¹⁷ Entendo “feed” como sendo um local principal da rede social onde um conteúdo publicado se elenca padronizadamente num fluxo que permite a rolagem e visualização de outros conteúdos de interesse ou não do usuário.

Tais atores, conforme Recuero (2009), podem ser representados por seus perfis e, acrescentamos, por aquilo que publicam e/ou comentam. Afinal, “é preciso ser visto para existir no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 27). É comum vermos pessoas se valendo de seus perfis para emitir juízos acerca do que está à disposição delas e o fazem valendo-se da possibilidade de comentar on-line e do encorajamento a partir das redes sociais (“adicione um comentário...” / “seja o primeiro a comentar”). Tal interação fica visível e permite que outros também tragam seu parecer em forma de réplica/tréplica.

Outro elemento que encoraja a publicação de comentários e fomenta a produção discursiva é a falsa ideia de anonimato e distanciamento dos interlocutores. Quer dizer, a partir deste meio, “é mais fácil iniciar e terminar relações, pois muitas vezes, elas não envolvem o “eu” físico do ator” (RECUERO, 2009, p. 37). Assim, é preciso tomar ciência de que a própria rede social se vale de diretrizes que buscam combater qualquer tipo de comentários invasivos ou extrapolados como é aconselhado pela Política de Dados do Instagram:

Você deve ponderar com quem escolhe compartilhar, porque as pessoas que podem visualizar suas atividades em nossos Produtos podem decidir compartilhá-las com terceiros dentro e fora de nossos Produtos, inclusive com pessoas e empresas fora do público com o qual você compartilhou. Por exemplo, quando você compartilha uma publicação ou envia uma mensagem para amigos ou contas específicas, eles podem baixar, fazer uma captura de tela ou compartilhar novamente tal conteúdo com terceiros dentro ou fora dos nossos Produtos, pessoalmente ou em experiências de realidade virtual, como o Facebook Spaces. Além disso, quando você comenta a publicação ou reage ao conteúdo de alguém, seu comentário ou reação fica visível para qualquer um que possa ver o conteúdo dessa pessoa, e ela pode alterar o público posteriormente. (META, 2022)

Recuero (2009) afirma que é necessário estudar todo esse capital social, matéria prima proveniente dessas relações virtuais, com olhar não apenas para a relação em si, mas também para o “conteúdo das mensagens trocadas através delas” (RECUERO, 2009, p. 50) numa configuração contrastada que é, nessa pesquisa, a de um suporte de notícias instalado numa rede social – ou seja, as configurações de comentário podem se ampliar. O ator, então, levanta discursos que formam cadeias significativas para o estudo linguístico da comunicação mediada por computador, na qual são construídos e se revelam “indivíduos e grupos com metas e funções democráticas ou por aqueles com metas anti-democráticas” (MAIA, 2008, p. 126).

1.7 Conceituando o comentário on-line enquanto suporte para o discurso: a prática de comentar on-line

Como discutido no tópico anterior, o discurso por meio do gênero comentário também revela preceitos da vivência de seus comentadores. Adicionando funcionalidade ao comentário, como versa Foucault, esse gênero serve como avaliador do texto primeiro, assim:

O comentário conjura o acaso do discurso, fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. (FOUCAULT, 1996, p. 25-26)

Pode-se afirmar, assim, que, ao avaliar o texto primeiro, o gênero comentário está para um dizer e um revelar acerca do não dito; está para o enaltecer “o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (FOUCAULT, 1996, p, 25). Então, além de estar ligado à percepção e interpretação, por que não considerar que está ligado à contextualização e à corroboração do (sub)entendido acerca do que foi postulado em primeiro plano (PN - texto gerador)? Afinal,

O comentário consiste em um gênero textual que analisa determinado assunto, um fato ocorrido, uma questão polêmica, uma obra publicada, um filme, uma competição esportiva, entre outros objetos, tecendo considerações avaliativas. Sua estrutura é relativamente livre, pois depende das intenções do autor, do veículo no qual será publicado e do interlocutor que almeja atingir. (KÖCHE, 2010, p. 53)

Textos argumentativos como crônica, artigo de opinião, carta do leitor, resenha, entre outros gêneros se fundam não apenas nessa esteira de pensamento que considera a representação como também a partir de um primeiro texto. O gênero comentário e, assim, os comentários on-line, por exemplo, surgem a partir de um “elementar dizer” que se embasa nos mais variados elementos da comunicação. Nessa pesquisa, o comentário on-line, que serve como suporte do objeto de análise (discurso), publicado por perfis comentadores, então, a partir de um “texto deflagrador” (ENTRINGER, 2018, p. 22). Tais comentadores, munidos de ideologias, participam das trocas/disputas utilizando a textualidade. E, ainda que os recursos midiáticos evoluam, ainda é importante considerar que

Os fenômenos ideológicos da consciência individual [estão ligados] às condições [materiais] e às formas [semióticas] da comunicação social. A existência dos signos [que tornam possíveis estes fenômenos] nada mais é do que a materialização dessa comunicação. (BAKHTIN, 1981, p. 36)

A partir do entendimento da materialização do discurso em tipos e gêneros discursivos, há que considerar, como cita Bakhtin (1981), a comunicação como um processo de interação social se vale de elementos próprios para formar tal processo dialógico, bem como uma “imagem da realidade que impõe ao indivíduo os modelos e os estereótipos formados ao longo e ao cabo da experiência filogenética da espécie humana” (SCHAFF, 1974, p. 221).

O processo de relação social é mutável, variável, acontece de forma “espontânea no âmbito do sistema democrático” (SAL PAZ, 2013, p. 7); pensando nisso, entende-se que os gêneros textuais estão em constante modificação, afinal seus usos estão condicionados ao indivíduo e a cada situação e finalidade de comunicação – e, lembrando, essa pesquisa reconhece o contraste entre jornalismo e rede social. Além disso, segundo Bakhtin, que ensina que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (1997, p. 280), o comentário on-line, com suas peculiaridades em relação ao objetivo e estrutura, se configura como mais um gênero do discurso, o qual é sujeito de ampliações em sua configuração.

O ato de se comunicar enquanto prática linguística sofre, então, interferência da socialização da consciência. Além do mais, o texto, estrutura que carrega o discurso, não pode ser entendido a não ser que esteja intrinsecamente ligado ao contexto real do qual as pessoas integrantes da comunicação fazem parte. Assim sendo, refazendo a pergunta feita por Foucault (2010), “(...) o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem (...)?”, as materializações do discurso têm tomado às atenções dos linguistas em todo o mundo, inclusive a mim. É notório que os discursos carregam, além de outros elementos, o reflexo de quem o emite, isto é, uma representação daqueles que o propagam e, em alguns casos, daqueles que o recebem.

Atualmente, o papel do comentário on-line é o de um potente demarcador discursivo (SAL PAZ, 2013) do manifesto opinativo democrático a partir de um primeiro texto, seja texto principal, publicação ou afins – embora reconheçamos as diversas intencionalidades de se comentar on-line. Entendemos o gênero comentário, ainda, como:

uma prática discursiva que tem o seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reagentando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de temas em função do seu PDV [ponto de vista]. (CUNHA, 2012, p. 28)

O comentário on-line é, ainda, “uma nova classe textual utilizada por usuários de comunidades particulares no campo do ciberespaço” (SAL PAZ, 2013, p. 7). Assim, esse gênero se configura como local amplo onde quem comenta demarca-se e, portanto, será visto por alguém que pode estar à disposição para tecer uma resposta. Além disso, o “coçar os dedos” como instigação da produção do comentário, além de ser estimulado pela própria PN, é estimulado por enunciados postulados pelas próprias plataformas como “Adicione/Escreva um comentário...”, “Seja o primeiro a comentar”, “O que você acha disso?”, entre outros.

Além dessas motivações, há que se pensar que, no caso do recorte dessa pesquisa, “(...) o texto jornalístico é o estímulo e o comentário, a resposta. Mas, por outro lado, não é menos verdade que o argumento é forjado com opinião.” (SAL PAZ, 2013, p. 157-158 – tradução minha). Há, no texto primeiro, dadas as condições de sua produção, uma vontade de “provocar” comentários outros.

Concorda-se, então, que o texto primeiro serve de motriz para a produção de comentários vistos, inclusive, nas práticas virtuais onde publicações são postadas e, como sendo textos elementares e possibilitando o debate, impulsionam o surgimento do comentários on-line a fim de apreciar/depreciar (SAL PAZ, 2013) o que foi publicado. Por consequência, subjetividade, instabilidade, coloquialidade, originalidade, criatividade e brevidade são evidenciadas (COSTA, et al., 2021).

Quem comenta está, seja no âmbito físico ou virtual, se demarcando e isso gera aproximações ou não de outros atores/participantes, isto é, alguns “apoiarão ou se oporão à posição tomada pelo internauta em sua intervenção” (SAL PAZ, 2013, p. 165 – tradução minha). De certa forma, os comentadores, através do gênero comentário, deixam discursos com cargas ideológicas (SAL PAZ, 2013) que podem ser refutados, aclamados, acrescentados, cancelados por meio de novos comentários os quais são chamados de réplica e tréplica. Assim,

Ao difundir opiniões, os comentários apontam para ideologias e, portanto, são colocados ao lado ou à frente do poder estabelecido. Consequentemente, o conhecimento compartilhado, o conhecimento do senso comum, o eco da voz coletiva dos sujeitos que se expressam por meio da enunciação particular de um locutor, que se pronuncia e se constrói como cidadão que se dirige a seus pares, é a base epistemológica a partir da qual os processos comunicativos neste gênero são gerados. (SAL PAZ, 2013, p. 166 – tradução minha)

Nesse ponto, de forma análoga a Bakhtin (1981), o indivíduo consegue externar material e concretamente seus ideais num gênero que permite a construção de significados, relação de seus interlocutores, sob estrutura densa e sintética.

Embora, em algumas das vezes, ocorra a produção e publicação de comentários com “palavrões insignificantes, imprecisões e imprecisões da expressão e imprecisões na estruturação das frases” (SAL PAZ, 2013, p. 162).

Estamos dissertando sobre um gênero com o qual estamos nos familiarizando cada vez mais e que permite ser construído por “quem quer ser entendido” (SAL PAZ, 2013). E, quando não há interação via replica por quem depreende tal significado e o silêncio não basta, é importante frisar que o comentário on-line conta com recursos que denotam aprovação, a curtida dada a ele. Além da aprovação dada através do recurso que permite curtir o comentário, há que considerar os turnos de fala, os quais podem também reprovar ou contestar determinado posto.

Tendo discutido esses conceitos, caminhando para a compreensão da proposta de pesquisa e sua metodologia, trazemos reflexões acerca das raízes da sociedade brasileira pelo fato de o recorte que serviu para a delimitação do *corpus* estar elencado a um contexto social que ainda destrata a figura feminina. Para tanto, se dedicará tópicos específicos para essas discussões.

1.8 A colonialidade no contexto da pesquisa

Outra discussão que abraça a pesquisa é a vertente que mostra relações sociais que revelam exploração, superioridade e dominação a partir do sistema colonial-capitalista oriundo da modernidade e, sobretudo, do processo de colonização das Américas. Com isso, a população se diferencia entre o que é racional e o que não é – o que é civilizado e o que não é, o que é moderno e o que não é - partindo do ponto marcado de discriminação em que se categorizava as pessoas.

Neste ponto, recorreremos ao sociólogo Anibal Quijano que, entre as décadas de 1980 e 1990, conceituou colonialidade enquanto elemento histórico associado à invasão europeia sobre as Américas, mascarada de modernidade e civilidade, a partir do argumento que se vale de um paradigma estabelecido e imposto aos povos ditos colonizados. Assim, classificam-se seres humanos a partir de uma concepção de “humanidade” (QUIJANO, 2009, p. 75) que se vale da *superiorização* de uns em detrimento de outros (QUIJANO, 2009, p. 105), como demonstra:

O conceito de classificação social, nesta proposta, refere-se aos processos de longo prazo nos quais os indivíduos disputam o controle dos meios básicos de existência social e de cujos resultados se configura um padrão

de distribuição do poder centrado em relações de exploração/dominação/conflito entre a população de uma sociedade e numa história determinada. (QUIJANO, 2009, p. 100)

Assim, a “modernidade” funde louvores e atrocidades a partir das relações sociais, comerciais e políticas que surgiam conforme a Europa avançava em seu projeto de “descobrir” territórios não europeizados. Ora, tais territórios não estavam dispostos para serem descobertos; já existiam em povos, culturas, tradições, crenças. Porém, não existiam e não eram reconhecidos a partir de um modelo de civilidade europeu.

Tal reconhecimento instaurou, com ele, o domínio dos povos colonizados e, assim, os padrões ideais se firmaram legitimando atos de violência, segregação, exploração, inferiorização e afins (QUIJANO, 2009, p. 75). Aqueles que propunham a geopolítica estipulavam a racionalidade, poder e legitimação a homens, brancos, cristãos de poder aquisitivo maior e que obedeciam ao modelo heteronormativo em suas relações. Aqueles que não seguiam/obedeciam ou não se encaixavam no padrão eram dignos das violências oriundas da outra ponta.

Observamos que, a partir desta esteira de pensamento, não homem, não produtivo, não cristão, não branco, não hetero são características que, no pensamento ocidental, sustentam a colonialidade e contribuem para o aumento do preconceito. É justamente esse ponto histórico que interessa para refletir o recorte dado à pesquisa em relação à posição da mulher no sistema moderno-colonial contemporâneo: a colonialidade das relações de gênero (QUIJANO, 2009, p. 110).

É preciso, então, lembrar o traço capitalista em que pessoas são classificadas conforme o trabalho que oferecem e sua produtividade, a questão racial e a questão de gênero. Afinal, “no capitalismo mundial, são a questão do trabalho, da ‘raça’ e do ‘gênero’, as três instâncias centrais a respeito das quais se ordenam as relações de exploração/dominação/conflito” (QUIJANO, 2009, p. 104). Sobre tal relação, Quijano confirma:

Não é por acaso que manter, acentuar e aprofundar entre os explorados/dominados a percepção dessas diferenciadas situações em relação ao trabalho, à ‘raça’ e ao ‘gênero’, foi e continua a ser, um meio extremamente eficaz dos capitalistas para manter o controle do poder (QUIJANO, 2009, p. 105).

Através do olhar para esta sombra histórica é que é possível entender e enxergar que traços ditos coloniais então vívidos nas relações atuais de comércio, trabalho, identidade, lazer, costumes, culturas e afins. É por meio desta reflexão que

se pode chegar à ideia de que não fossem tais traços, talvez a sociedade se encontrasse mais evoluída e empática; talvez a sociedade brasileira fosse menos ou deixasse de ser misógina, patriarcal e machista.

É por esse motivo que este trabalho reflete, afinando para o recorte e para o objeto de pesquisa, a intensa necessidade de pensar, também, tal relação de dominação e violência simbólica (BOURDIEU, 2014), posse, ridicularização e exploração, no caso deste estudo, sobre as mulheres. Isso se dá em prejuízo à “produção social da categoria ‘gênero’ a partir do sexo”, a qual, sem dúvida, “é a mais antiga na história social” (QUIJANO, 2009, p. 106). Ou seja,

É na correspondência de estrutura a estrutura que se realiza a função propriamente ideológica do discurso dominante, intermediário estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxia) por meio de imposição mascarada (logo, ignorada como tal) de sistemas de classificação e de estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas sociais.” (BOURDIEU, 2003, p.14)

Assim, o discurso enquanto elemento atrelado às relações sociais fornece importantes significações que levam a refletir essas próprias relações. Em se tratando especificamente do gênero comentário on-line, trata-se de um gênero com uma função de proporcionar a inserção de pessoas num ato de dizer o que se pensa sobre uma notícia (em se tratando da conta em questão), o qual é cada vez mais abraçado por adeptos das redes sociais (CUNHA, 2012). Nesse sentido, estes comentadores agem (AUSTIN, 1990) ao revelarem e ao propagarem as raízes ideológicas expostas pelo que foi dito/escrito dependendo do objetivo do enunciador. A partir desses entendimentos, se faz importante discutir o recorte da pesquisa na configuração da mulher num contexto hostil a ela.

1.9 Considerações sobre a mulher no sistema-mundo moderno brasileiro

Concordo com Flick (2013) o qual entende que uma pesquisa nasce conforme a vivência daquele que se dedica a pesquisar. Afinal, o recorte desta dissertação formou-se a partir de reflexões que foram surgindo a partir de lembranças desde a infância em conjunto às vivências atuais as quais me deixam pensativo.

Num contexto social e histórico, Adichie aponta que “(...) os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro” (2014, p. 13), ou seja, a partir dessa premissa, sabe-se que estamos inseridos numa sociedade a qual possui raízes atreladas a uma imposição cultural que desconsidera

e inferioriza o mais vulnerável; vulnerabilidade que surge a partir de um padrão estabelecido e aceito socialmente. Isso se aplica na questão binarista moderna em que pares são colocados de forma oposta sendo um deles menos válido socialmente, sobretudo à mulher (no binarismo homem-mulher) e tudo o que provém dela. Reconhecer tal desigualdade de gênero é primordial visto que é inegável que a relação de poder exercida sobre a mulher é um fato, ou seja, não se pode fingir que essa desigualdade não existiu ao longo da existência humana.

As problematizações mais específicas se iniciaram a partir da minha convivência direta com 3 mulheres (avó, mãe e irmã) que, embora em número maior dentro de casa, proferiam discursos machistas uma para a outra. A exemplo disso, posso citar: “Isso não é coisa para mulher fazer!”, “Homem nenhum gosta de mulher assim!”, “Desse jeito, você não arruma marido!”, “Se vista direito, vem homem chegando!”, “Vai sair assim sem se arrumar?”, “Viu fulana? Parece puta!”, entre outros. Ou seja, leva a pensar que “perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser “benquistos” (ADICHIE, 2014, p. 8). Mas, de onde vêm esses discursos?

Ao pensar a colonialidade, é pertinente pensar em discussões como a de Matos (2013), que faz uma análise ampla da história da mulher e das relações de gênero no Brasil. A autora traz à tona estudos sobre o papel e a situação da mulher desde a colonização. De igual modo, ratifica a “persistência do *status* marginal das mulheres” (MATOS, 2013, p. 7). Podemos pensar também no fato de que Pedro (2011), após pesquisas que avaliam a condição feminina no Cone Sul¹⁸, diz que a categoria “mulher” “encontra-se, ainda, portanto, nas margens do saber historiográfico” (2011, p. 277). A isso, podemos considerar uma possível motivação para a mulher ser pensada como se tem percebido a partir dos discursos citados no parágrafo anterior.

Tais discursos parecem a própria materialização do poder e da relação hierárquica do gênero num padrão estabelecido. Dentro de casa, por exemplo, sinto um poder e um padrão - antes macro, agora se transformando em micro - em pleno funcionamento. Alvo e, preocupantemente, protagonista nesses discursos, a

¹⁸ Cone Sul é o composto formado a partir dos países Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

configuração feminina deve ser refletida distanciando-se das amarras sociais que as desconsideram.

Não bastasse dentro de casa, o lado de fora mostra, dentre diversos cenários, os escândalos e crimes noticiados, movimentos sociais em prol da causa feminista e disseminação de conhecimento via Internet. Cenários estes que fazem com que a violência contra a mulher deixe de ser caso isolado e se torne, de fato, um problema social.

Em se tratando da configuração de gênero, é preciso levar em conta as estatísticas que revelam dados preocupantes sobre a violência contra a mulher, a saber: no Brasil, uma mulher é vítima de estupro a cada 10 minutos, três mulheres são vítimas de feminicídio a cada dia, uma travesti ou mulher trans é assassinada a cada dois dias, 30 mulheres sofrem agressão física por hora (IPG, 2018-2021).

As estatísticas revelam não apenas um número, mas um grito de cada uma dessas vítimas. Revelam a angústia, o medo, o fardo. E é preciso refletir o que tem sido debatido quando o assunto é violência, em especial, contra a mulher. Vou além, é preciso refletir o que estamos produzindo discursivamente quando o assunto central é violência contra a mulher em especial estupros e feminicídios visto que “se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2013, p. 20)

Talvez haja quem pergunte o motivo pelo qual escolhi o recorte, e digo: Este recorte foi escolhido porque penso que, enquanto homem e em analogia a outras frases massificadas e socialmente propagadas, “não basta não ser machista, é preciso não tolerar o machismo”, porque “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar” (ADICHIE, 2014, p. 15). Afinal, “É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato” (ADICHIE, 2014, p. 13). Para tal, uni a inquietação da pesquisa de cunho social à área profissional de cunho linguístico na objetivação de refletir discursos on-line.

CAPÍTULO II – ASPECTOS DA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA E ALGUNS DESDOBRAMENTOS FRENTE AO GÊNERO COMENTÁRIO ON-LINE

A Internet amplia as possibilidades de relacionamentos sociais para além dos horizontes tradicionais.

Moita Lopes

2.1 A linguagem enquanto atividade

Concordando Bronckart (1999) e Marcuschi (2008), no que tange à linguagem como característica da atividade social humana situada historicamente, destacamos que o conceito de linguagem adotado neste estudo, por considerar o interacionismo, é o que Bakhtin (1997) explica como sendo uma atividade social, histórica e cognitiva. Essa atividade constrói a realidade a partir dos olhos daquele que manifesta linguisticamente uma vez que “toda forma linguística refere-se tanto às condições envolventes de sua própria produção quanto à ordem macrossocial maior” (SILVA; ALENCAR, 2013, p. 135).

No contexto do objeto de pesquisa, a linguagem está para a prática de poder expressar-se, (inter)agir, ou seja, de poder se manifestar fazendo uso da língua (KOCH, 2000) sendo essa constituinte de um “sistema simbólico, assim como estruturas estruturadas” (BOURDIEU, 2003, p.8). Já o discurso está para a composição de aspectos enunciativos no mundo por se tratar de dizeres que se constroem e se balizam por ideologias e que constam no gênero comentário on-line (materialidade linguística considerada nessa pesquisa).

Esses conceitos levam a refletir na quantidade vasta de significações que se pode atingir a depender do contexto e intencionalidade dos interlocutores considerando o conceito bakhtiniano de interação. Levam a refletir também na quantidade de ações que pode ser executada por intermédio da linguagem (AUSTIN, 1990), pois, nesse sentido, Bakhtin (1981) afirma que ela não pode ser dissociada dos demais modelos de comunicação, pois se entrelaça aos outros tipos e representa a forma de mediação social do conhecimento.

Prosseguindo pelas contribuições sociolinguísticas, DeFleur e Ball-Rokeach trazem proposições inter-relacionadas que envolvem “formação de conhecimento, significados e conceitos criados por intermédio de interação simbólica em uma

comunidade de linguagem que (...) modelam a percepção, interpretação e conduta” (1923, p. 278). Assim,

Compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como a réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do interlocutor uma contrapalavra. [...] é por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores [...]. (BAKHTIN, 1981, p. 132)

Com base nas leituras dos autores citados, o contato com a manifestação linguística molda psicologicamente o indivíduo. Isso porque essa ação proporciona uma série de sinapses, o que possivelmente também estimulam uma reação (uma potência de atuação/intervenção sobre os discursos e sujeitos envolvidos na prática discursiva). Ou seja, é necessário que se pense, inclusive, nessa manifestação como um “fazer” permeados por atos de fala em comentários on-line. Para tanto, dedica-se os próximos tópicos, para que tais discussões macro e microdiscursivas sejam mais bem pontuadas.

2.2 Aspectos do fazer em Linguística Aplicada e do discurso em redes sociais

A Linguística Aplicada (LA), para o processo desta investigação, visa ao ato de apanhar a situação do uso da linguagem, a realização comunicativa, e problematizá-la a ponto de torná-la compreensível, inteligível (MOITA LOPES, 2006). E, sob essa ótica, soma-se a essas características o ato de politizar o ato de pesquisar e “pensar alternativas para a vida social” (MOITA LOPES, 2006, p. 22). Compreendemos, assim, a discussão da Linguística Aplicada como importante para a presente pesquisa ao concordar com Moita Lopes (2006; 2010; 2013) no que concerne às relações da linguagem e à vida social; entendo, assim, a LA como a ciência cujo objeto é a linguagem em prática social, na busca por entender e/ou solucionar problemas socioculturais que possuem como base o uso da língua.

Assim, neste tópico, reflito as inferências do autor citado ao aproximá-lo do e para o contexto deste escrito, sobretudo, acerca das inferências do autor sobre o que está sendo produzido em linguagem – no seu aspecto discursivo – no ciberespaço. Afinal,

[...] são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que trabalham, agem etc. no contexto de aplicação [...] (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

A epígrafe desta parte do escrito nos faz entender, agora em colaboração do autor da frase, o mecanismo já explicado da virturrealidade como sendo fusão de atos dentro e fora da rede. De igual modo, não poderia deixar de abraçar, à esteira de pensamento do autor, a consideração do ciberespaço como *lócus* onde as “relações sociais são potencializadas infinitamente” como um chamado a participar da vida das pessoas, dos sujeitos, que não conhecemos (MOITA LOPES, 2010, p. 395) e, assim, propulsionar conhecimento à medida que “participantes têm colaborado na construção de sub-políticas, por meio das quais os indivíduos têm anunciado os temas que têm feito ultrapassar dogmas e narrativas cristalizados” (MOITA LOPES, 2010, p. 400).

Entendo que o espaço virtual é onde pessoas, os atores – no caráter sócio-histórico-cultural -, por meio de seus perfis, se envolvem numa dinâmica que cresce construindo discursos, ou seja, significações moldadas a partir da estrutura social e constituinte dessa - através de fotos, vídeos, músicas, legendas e afins (WENGER, 1998). O objetivo de conexão, antes usada apenas para buscas e “retirada” de informações de modo restrito (Web 1.0), agora, passa a ter um objetivo a mais quando os atores incluem informações por meio de recursos multissemióticos. Quero dizer, “passa a ser principalmente um lugar de construção, de disputa, de contestação de significados” (MOITA LOPES, 2010, p. 398).

Outro fator, também comentado por Moita Lopes (2010), é o fato de a possibilidade de usar do “anonimato” para tratar alguns assuntos pode ser, por um lado, bom no sentido de desabafarem e tratarem alguns tabus de forma mais aberta (o que possivelmente seria diferente numa abordagem física direta); por outro lado, ruim por dar a falsa sensação de que o ciberespaço é, recorrendo à expressão popular, uma “terra sem lei”. É perceptível que essa última condição acaba desvelando e desmascarando comportamentos e discursos ínfimos de atores/participantes dentro do espaço virtual.

O ciberespaço é também mais democrático à medida que é mais acessível a pessoas de localidades diversas. Esse fator torna a discussão e disseminação dos discursos mais ampla ao promover direito de “voz” enquanto as pessoas podem interagir por intermédio dos comentários o que torna o processo de construção, disputa e contestação de significados mais igualitários entre os participantes no que concerne à liberdade.

A rede social Instagram, a partir dessas discussões, funciona como suporte para as publicações diversas e, se o titular do perfil assim quiser, os outros atores podem reagir a tais publicações de diversas formas. Considerando o aspecto em que um publica e outro reage, todos produzem significados, já que “o participante se transforma em um “prosumidor”¹⁹, ou seja, envolve-se na construção do discurso com outros” (MOITA LOPES, 2010, p. 400).

2.3 Mobilizações sobre debate público: a atuação discursiva de pessoas comuns em rede

Como já explicitado, a internet se tornou um local de grande interação (sobretudo após a transição WEB 1.0 – WEB 2.0+). Esse meio aloca “o diálogo e a troca de argumentos para além dos encontros face a face” (MAIA, 2008, p. 120). E, neste espaço, as pessoas podem se expressar de acordo com aspectos do que veem da realidade ou sobre ela. Assim como no real, não é diferente que, na Internet, haja a presença de debates que mobilizam significações assíncrona ou sincrônica na configuração respectiva de debates/embates²⁰.

Ao se ter as noções acerca da democracia do discurso, conceito trabalhado por Norman Fairclough (2001), o qual concorda que é uma forma de dirimir injustiças no âmbito discursivo, é preciso entender, em um contexto de forte desigualdade social, que o debate democrático e o ato de dar a “voz e vez” estão alocados à aceitabilidade dada ao outro enquanto emissor de ideias e, principalmente, à premissa de aceitar tais ideias. Isto é, ser ouvido de forma massificada é (ou pelo menos era antes da disseminação dos recursos interativos comunicacionais da internet) para poucos. E, como se sabe, este cenário tem mudado, descentralizando o acesso, a produção e disseminação de saberes, representações²¹, opiniões e afins (ROCHA, 2006) através dos discursos de pessoas comuns, isto é, a sociedade civil, a qual se constitui de “associações formais e informais e às redes na sociedade, que existem fora do âmbito do Estado” (MAIA, 2008, p. 112).

¹⁹ Neologismo para denotar aquele que ao mesmo tempo produz (produtor) e consome (consumidor).

²⁰ Entendo por debate a interação de ideias e/ou argumentos que, embora possam ser diferentes, possuem uma complementação entre si não destoando da temática principal. Já para embate, considero como um confronto entre ideias com incluso agravante da desconsideração do posicionamento de um em detrimento da outra parte que o compõe.

²¹ Concordo com Stuart Hall (1997) no sentido de que as representações são valores e princípios compartilhados e aprendidos entre integrantes de um grupo e/ou sociedade.

A partir da consciência de que as pessoas estão se familiarizando cada vez mais com o mundo virtual, é preciso pensar como a linguagem, enquanto prática social e elemento central de construção de representações, se efetiva. Concordando com Rocha (2006), é preciso considerar que os meios de comunicação, sobretudo os massificados e mais modernos como celulares e computadores com acesso à internet, são estruturas da sociedade haja vista que tais dispositivos possibilitam o debate público. Assim, sobre o que Entringer (2020) entende sobre a metáfora da “praça pública” – para ela, um lócus de manifestações ideológicas -, pode-se tê-la como um novo meio ambiente também gerador de produções inclusive de interesses coletivos (ROCHA, 2006).

As pessoas que comentam em redes sociais como o Instagram acabam gerando efeitos potencialmente democráticos, como “interpretação de interesses, construção da identidade coletiva e constituição da esfera pública” (MAIA, 2008, p. 118). Assim, através da internet, a sociedade civil pode ter seus discursos impulsionados e, até, viralizados²² ao passo que

as novas tecnologias digitais estão transformando o sentido de silêncio ao oferecerem oportunidades para grupos tradicionalmente invisíveis (...) encontrarem um novo espaço discursivo, onde podem falar de si mesmas e, assim, tornarem-se visíveis e percebidas’ (MITRA, 2004, p. 493 *apud* MAIA, 2008, p. 49).

Nesse sentido, a esfera virtual subverte a dominação do possuidor de privilégios financeiros, de raça, de localidade e afins; trata-se de algo voltado para a capacidade discursiva (MAIA, 2008). A atenção pública vai depender da atividade comunicativa no momento em que também proporciona lugar de “ativo” ao interlocutor.

A partir dessa prática de comentar, é comum se deparar com construções simbólicas da realidade que podem ser completamente avessas aos olhares e, de igual modo, também pode fazer sentir paradoxalmente representado. Além disso, a rede em si proporciona “um espaço fundamental como veiculadores de imagens que nos façam conhecer os demais grupos que constituem a realidade social na qual nos inserimos” (ROCHA, 2006, p. 5). Ou seja, é possível visualizar uma luz no fim do túnel, a qual pode servir para que grupos excluídos sejam, por meio de seus discursos, vistos e (re)construídos de forma identitária nesse debate. Afinal, essa

²² Entendo como “viral” qualquer discurso, imagem, vídeo e quaisquer outros recursos audiovisuais que são propagados entre os internautas de forma rápida e maciça – metáfora que assemelha os compartilhamentos em massa a infecções virais.

troca discursiva “podem influenciar o entendimento que os indivíduos têm sobre os problemas sociais e alterar as relações que eles estabelecem com as instituições” (MAIA, 2008, p. 122).

Apesar de o “comentar” ser um recurso presente em diversas redes sociais, é interessante considerar que os perfis comentadores possuem intencionalidades diversas e que essas podem não estar alinhadas ao ato de gerar debates pensando na configuração de réplica e tréplica. Ademais, é possível que alguns comentários mobilizem significados diversos para atender a intencionalidades diversas. Isto é, os comentários podem ser publicados por puro desejo de receber “curtidas”, ou por motivações a partir da ideia de argumentar de forma bem-sucedida e com fundamento (ideia popularmente conhecida como “lacrar”) e, ainda, que alguns se configurem com registros que sequer podem ser interpretados - seja por falhas na estrutura coesiva, seja pela ausência de alinhamento ao assunto da PN, ou por usar o comentário para marcar alguém para ler a notícia.

A partir destas discussões macrodiscursivas a qual vislumbra o discurso e as redes sociais, é interessante trazer uma discussão microdiscursiva no sentido de pontuar teoricamente o discurso no gênero comentário on-line. Para tal, reserva-se o tópico a seguir, o qual trará reflexões que subsidiarão a análise do corpus da pesquisa.

2.4 Uma teorização da análise crítica dos discursos contidos nos comentários on-line

Uma das características mais determinantes da Análise do Discurso Crítica (ADC) que, de fato, deve ser considerada a cada leitura é seu cunho libertador e reflexivo para além do dito não se limitando a pensar “no sentido social do discurso sem considerar padrões na interpretação social do texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 49). O caráter de questionar estruturas discursivas já cristalizadas ou banalizadas na sociedade configura na desnaturalização do poder. Com isso, se constitui como uma insurreição frente a forças dominantes (em relação à submissão da mulher, por exemplo), a fim de questioná-las, sobretudo a fim de desarticulá-las (RESENDE, RAMALHO, 2004).

Após formulação de um conceito discursivo perseguido neste trabalho, entendo o processo comunicativo como plural. Compreender os discursos que estão

imbricados nos comentários de publicações-notícias que reportam a violência hedionda contra mulher é essencial para repensar tal prática discursiva on-line como “modo de ação historicamente situado” (RESENDE, RAMALHO, 2004, p. 189). Afinal, “o que é de maior significação aqui para a análise de discurso é a visão de discurso como constitutiva - contribuindo para a produção, a transformação e a reprodução dos objetos (...) da vida social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 66).

Abarcamos os escritos de Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2013) o qual mostra a importância dessas pesquisas para áreas das ciências sociais e contribui com definições que apontam o discurso como forma de ação e representação, isto é, representamos e agimos discursivamente n/o mundo a nossa volta. Fairclough (2001) e Van Dijk (2008) contribuem, também, no sentido de que existem distintas cargas semânticas atreladas ao termo “poder”.

Consideramos o discurso como a significação contextual do produto da interação e o modo do enunciador de refletir sistematicamente a realidade na qual está inserido (FAIRCLOUGH, 2003); de igual modo, entende-se que todo discurso é uma prática social e possui uma carga semântica sustentada por ideologias (FAIRCLOUGH, 1997; 2001). Entendendo o discurso, ainda, como prática constituída de saberes políticos concordando com Foucault (2010), que dispõe o texto como eixo da sociedade partindo de relações de construção, difusão no meio social, atividade em diversas esferas sociais e conformidade com a verdade.

Ainda conforme Foucault, é válido salientar

que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2010, p. 8-9)

É com base no discurso, que as pessoas intervêm e coloca suas inferências individuais (coletivamente construídas) daquilo que julgam que é existente; em suma, o retrato do real presente no discurso de alguém, sua percepção e ação sobre isso, funções do discurso segundo Fairclough (2001). Esta pesquisa, então, ao refletir e ao indagar tais construtos a partir da análise dos discursos produzidos e compartilhados em rede social, é em si uma proposta contrária à hegemonia social, consciente dos perigos. E, por isto, a pesquisa é proponente de reflexões ao concordar que é possível, também, se deparar com discursos que rompem com a lógica dominante; afinal “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas

ou os sistemas de domínio, mas aquilo por que, pelo que se luta” (FOUCAULT, 2010, p. 10). Assim, sobre as funções atribuídas ao discurso, concordo que

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Os discursos são por vezes transpassados para o ciberespaço e que, assim como na realidade, é possível dizer que alguns dos discursos contidos nos comentários on-line são dominantes a partir das significações que carregam. Isso porque o discurso dito dominante, orientado por uma significação conceitual maior na sociedade, na minha visão a qual concorda com a de Foucault, está a determinar o que é de fato digno de aceitação ou não, de ser considerado certo ou errado, de bom ou ruim no contexto social; certo de que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências” (FOUCAULT, 2010, p. 36).

O olhar para as significações precisa ser visto de três maneiras (FOUCAULT, 2010): a partir do ato da formulação e escrita (jogo de escritura), a partir da interpretação que é gerada a partir do contexto (jogo de leitura) e, a partir da troca. Maneiras estas que se encaixam na ação de “permitir dizer algo além do texto mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 26), fato que o próprio autor afirma sobre a impossibilidade de existir um enunciado que não permita ou proporcione o surgimento de outro.

Para dar conta dos objetivos e abordagem estabelecidos, escolhi a ADC na busca por refletir sobre discursos de forma contextual a partir das PN's selecionadas. Vislumbro, nesta perspectiva, uma análise dos comentários on-line visto que tais textos são tidos como parte dos eventos sociais, textos cobertos de significados representacionais de aspectos do mundo. E, para tanto, concordamos com Borba (2014) quando diz que

(...) devemos focar nossa atenção nas dinâmicas sócio-histórico-discursivas que fazem com que *ao falarmos/escrevermos X, Y ou Z sejamos percebidos/as como A, B ou C*; ou seja, os recursos linguísticos (e identitários) são produtos de processos históricos, políticos, filosóficos e culturais específicos e sua utilização nos insere nessas dinâmicas. (BORBA, 2014, p. 20 – grifos do autor)

Nesse sentido, as relações de significado oferecem suporte para compreensão da sociedade por meio do discurso, o qual é uma forma específica de prática social. Para isso, considera-se a análise discursiva sob ótica da

esquematização de Fairclough (2001) no que se refere à tridimensionalidade da análise do discurso (texto, prática discursiva, prática social) bem como no tratamento do texto em processos (aspecto valorativo do discurso), participantes (ator e afetado) e circunstâncias (como, onde, quando...) (FAIRCLOUGH, 2001).

É necessário pensar, ainda, nos discursos produzidos on-line como instrumentos para a ação que, ao se desprenderem do autor, agem por si. Ou seja, “é por causa dos atos mobilizadores dos agentes sociais que a linguagem e os textos são protagonistas” (MAGALHÃES, 2017, p. 594). Desse modo, compreendo que pessoas podem agir no mundo, na medida em que seus discursos são captados e interpretados consistindo, assim o protagonismo da linguagem. Para a autora,

o poder de produzir significados e evocar lembranças; a portabilidade no tempo, no espaço e no contexto; a durabilidade; e os efeitos causais, chamando atenção para determinados aspectos do mundo social e construindo identidades. (MAGALHÃES, 2017, p. 585)

Na condição de protagonistas, comentários on-line “agem como pessoas, no interesse de pessoas, no lugar de pessoas” (BARTON, 2009, p. 49) e são potencializados pela disseminação e consumo de tais discursos seja para perpetuar o posicionamento seja para refutá-lo. Assim sendo, analisar discursivamente os significados que emergem do comentário on-line é “o que nos permite ver as pressões que apoiam ou impedem diferentes práticas” (BARTON, 2009, p. 48).

Tais discussões tornam a ADC indispensável para refletir os discursos contidos na esfera virtual configurados no ato de publicar, comentando uma PN, e no debate público onde as disputas marcam a interação entre “parceiros e adversários”. Neste ponto, é interessante pontuar o “fazer” discursivo inserido nas redes sociais bem como seus efeitos e objetivações.

2.4.1 A teoria dos atos de fala na perspectiva virturreal

Sobre os estudos sobre atos de fala²³, é primordial que se entenda as palavras não como apenas estruturas declarativas, mas especialmente performativas. Isto é, não se pode olhar a linguagem como apenas uma forma de constatar coisas no mundo; ela é, em determinadas situações, ação e é um meio

²³ Considero os estudos que se iniciaram na Filosofia da Linguagem através de John Langshaw Austin (1911-1960) e foram perpetuados por autores como John Searle.

pelo qual se age. Sobre o caráter performativo do dizer, Austin propõe uma justificativa:

O termo *performativo* será usado em numa variedade de formas e construções cognatas, assim como acontece com o termo "imperativo". O nome é derivado, sem dúvida, de **perform**, o verbo comum para o substantivo "ação": indica que o resultado (*issuing*) de um enunciado é o desenvolvimento de uma ação: não deve ser entendido apenas como o expressar de alguma coisa. (AUSTIN, 1990, p. 25)

Em sua explanação da teoria dos atos de fala, Austin (1990) defende que alguns discursos possuem diferentes efeitos e, por isso, são classificados em diferentes tipos a depender de seu respectivo efeito. Um exemplo dado por ele é a frase "Aceito esta mulher como minha legítima esposa" (AUSTIN, 1990, p. 24), uma frase comumente associada ao matrimônio. De forma mais precisa, este é o momento em que o cônjuge não relata o que está acontecendo, isto é, não informa ou usa a linguagem para declarar, usa-a para agir. Por meio do ato de linguagem, o cônjuge age; nesta alusão, ele/a pratica a ação de se casar.

Pode-se, então, aproximar o gênero comentário on-line aos diferentes tipos de atos de fala explanados por Austin (1990). A começar pelo ato locucionário, ao qual está a atribuição de proferir. Ora, o recurso de comentar uma publicação possibilita tal ato por este se dar a partir da possibilidade de dizer e da tomada da decisão para tal ato. Ao publicar determinado comentário (ato locucionário), pode ser que comentador queira protestar, por exemplo; a isso, pode se chamar de ato ilocucionário. Ao passo que tal protesto causa reações, sentimentos e provocações em quem os lê/recebe, dá-se o nome de ato perlocucionário.

Nesta esteira, em outras exemplificações, comentários postados em PNs as quais reportam violência contra mulher podem vir repletos de discursos empáticos, por exemplo. Expor a empatia é considerado um ato locucionário; com o comentário, também há o objetivo de acolher, assim, há o ato ilocucionário. Causar reações diversas por meio desse comentário, como a influência, reflexões e outras provocações em quem lê ou mesmo o impulso que faz surgir um novo comentário (indireto) é, assim, um ato perlocutório.

É importante frisar que os comentários on-line se configurarão dotados desses atos embora as condições de produção e publicação de comentários possam não ter a força ilocucionária ou os efeitos de sentido desejados. Ou seja, existem forças (AUSTIN, 1990) que estão atreladas nesta interação e na relação entre

interlocutores que compõem o debate. Tais forças expressivas são relatadas por Austin e podem ser constatadas de diversas maneiras em parte dos comentários.

Exporei as devidas forças expressivas a fim de tomar ciência do que Austin diz sobre cada uma. No momento oportuno, se dará a devida alocação de tais forças no momento das análises dos comentários (Capítulo III). Assim, segundo Austin (1990), as forças expressivas podem ser classificadas como: veridictivas (que consideram elementos para sustentação), exercitivas (consideram um comportamento), comissivas (dotadas de compromisso), conductivas (reação) e expositivas (exibir, clarear algo).

No âmbito da pesquisa, as forças podem vir de diversas maneiras. A fim de ilustrar suas possibilidades, seguem alguns exemplos: o comentário que se propõe a sustentar seu dizer por meio de uma prova está permeado de força expressiva veridictiva; o comentário em que se diz “não sairemos de casa porque há uma ameaça à solta” está permeado pela força exercitiva; o comentário “juro que não sairei” está dotado de força comissiva por colocar o falante numa condição do cumprimento de algo; o comentário “não acredito que ele/a ainda está solto” possui força conductiva por ser uma reação a um ocorrido; o comentário “aconteceu o mesmo comigo” está para a força expositiva por meio do testemunho.

A partir desses entendimentos, verifica-se que, a depender da intenção de quem emite uma mensagem, performativiza um ato que possui efeitos diversos a depender do dito, do local de onde se diz, de quem é/são o/s interlocutor/es. Os comentários on-line enquanto recurso que permite a manifestação sobre variados temas dentro do ciberespaço podem, para além de constatações dentro do não dito do texto primeiro/gerador, não ser impedidos também de possuírem característica performativa; isso porque é possível fazer exigências, se posicionar, protestar, se revoltar, entre outras ações. Ao entender o comentário on-line enquanto “gênero breve cuja estrutura responde a uma fala espontânea e informal ou um turno de intervenção” (SAL PAZ, 2013, p 159 – tradução minha²⁴), reflete-se o contexto de circulação e consumo do que foi veiculado, o que pode levar o consumidor a se conscientizar, refletir, entender, “se convencer” de algo ou mesmo calar-se, ou seja, estratégias são usadas para inclusive radicalizar determinado/a pensamento/posição. Por esse motivo, comentar também é um ato de linguagem.

²⁴ Original: “gênero breve cuya estructura responde a la de un turno de habla o intervención espontánea e informal” (SAL PAZ, 2013, p 159)

É necessário que se olhe para o comentário on-line num todo, numa configuração enunciativa e que, por meio de recursos gráfico-digitais, se estrutura por meio de palavras e símbolos. Isso posto, podemos pensar em dizeres os quais não estão completamente expressos apenas por meio da escrita. É preciso, aqui, pensar em uma configuração do referido comentário enquanto ato de fala também na inserção de símbolos, ideogramas e/ou sinais gráficos na construção de significados.

2.4.2 Comentários on-line e a linguagem multimodal

Em meio a textos multissemióticos, é necessário tecer notas sobre o assunto multimodalidade a fim de entender esse recurso, o qual está presente na maioria das redes sociais. As diversas configurações que surgem com base na evolução interferem no modo como as pessoas se relacionam, como elas veem o mundo e como elas se comunicam. Isso significa que novos modos de atos comunicativos estão surgindo e isso implica o surgimento de linguagens diversificadas. Por sua vez, isso proporciona a mescla de significados por meio de uma cor, figura, símbolo, sinal, gesto, letra, som e/ou afins.

Assim sendo, em se tratando de um gênero cheio de possibilidades dentro da Internet, o comentário on-line revela também sua compatibilidade com o recurso da multimodalidade. Isso porque o comentador pode se valer não apenas de letras e números, mas também de *emoji*²⁵, *emoticon*²⁶ e outros sinais e símbolos. Esses signos e símbolos, a depender do contexto, podem exprimir significações diversas, a qual também dependerá da interpretabilidade do interlocutor/receptor da mensagem.

Isto é, qualquer uma dessas figuras pode significar muitas coisas e está em ascendência não apenas na esfera virtual (RIBEIRO, 2016). Por exemplo, pode ser que, em determinada situação, tais figuras podem suavizar alguma informação, agregar valor de significado para a totalidade do discurso, ironizar, ridicularizar ou mesmo resumir um comunicado.

²⁵ Entendo como Emoji como uma derivação de duas palavras oriundas do idioma japonês, que foi difundida no Brasil especialmente por quem interage por meio de conversas eletrônicas, a qual denomina um ideograma usado em mensagens eletrônicas e/ou páginas diversas da WEB. Estes ideogramas são os símbolos que se assemelham a um rosto e que denotam sentimentos diversos e auxiliam no processo comunicativo.

²⁶ Entendo Emoticon como um símbolo relativo à paralinguagem formado a partir de sinais gráficos e pontos como “:” e “)” também para denotar sentimentos e auxiliar no processo comunicativo e, também, é utilizado por pessoas que interagem por meio da rede de computadores.

Assim, talvez pela praticidade, brevidade do texto (CUNHA, 2012), representatividade através do símbolo, entre outros fatores, o comentário on-line abraça diversas semioses. O processo de apreensão do sentido, desse ponto, também ganha uma estrutura diferente, principalmente em se tratando de uma página jornalística, onde as reportagens são escritas com base na formalidade. Simultaneamente a partir desses textos formais, é comum ver alguns discursos produzidos pelos comentadores da PN os quais misturam uma série de palavras e elementos visuais a fim de produzir sentidos.

Seja para destacar o sentido de uma frase, resumir alguma informação ou qual for o objetivo, pode haver situações em que as palavras não bastam e, por isso, os ideogramas são usados. Nesses casos, comentadores fazem uso de um recurso visual para potencializar, ratificar, acenar, completar e/ou representar algum sentimento, o que, de certa forma, pode modificar o que se interpreta do dito.

2.4.3 A polidez e as faces nas imagens carregadas pelo comentário on-line

Ao pensar nas diversas formas de interação social bem como nas diversas situações em que as interações em uma página de Instagram ocorrem, é preciso, em concomitância à intencionalidade dos interlocutores, abordar acerca das estratégias e linhas de conduta que balizam alguns discursos. É importante frisar que as pessoas possuem, como afirmam Brown e Levinson (1978), faces – imagens sociais - que podem ser desnudadas conforme a interação comunicativa se efetiva. Além disso, o ato comunicativo pode instituir uma ameaça a essas faces ou mesmo funcionar como elemento valorativo delas numa reconfiguração identitária.

De modo a expor e ser aprovado, a partir da necessidade de marcar presença em uma situação, por meio de uma das faces, os agentes (e, de igual modo, os comentadores) de um ato de fala podem usar de estratégias para expor e ser visto ao mesmo tempo que recolhe e omite sua face interna – negativa – a fim de não ser invadido ou descredibilizado de alguma maneira. Isto é, ao comentar em uma página de rede social, uma imagem social do locutor, através de suas intencionalidades frente à situação, é levantada aos interlocutores.

É óbvio que um comentário falado (oral, com interação face a face) exporia e deixaria mais evidentes marcas que revelam determinada imagem social, mesmo não sendo uma das intenções do locutor. Porque faz parte da intencionalidade do

comentador produzir face positiva diante do seu dito. Nesse sentido, pode ocorrer correções, hesitações e reorganizações na fala. O texto escrito de um comentário on-line, por ser editável antes da publicação, é fruto do planejamento e execução de forma cronológica. Embora tenha um planejamento prévio, o texto escrito não está livre de marcas das intencionalidades.

Outro elemento presente em debates simétricos são estratégias de polidez. Se de um lado é possível perceber a polidez como presente em discursos que visam considerar, respeitar, significar e civilizar o debate e o interlocutor, há que considerar a ausência deste recurso nos debates assimétricos, os quais revelam a desconsideração da interlocução por meio da imposição de poder, coerção, ameaça, entre outros.

Aspectos enunciativos do ato de comentar on-line pode proporcionar a perda dos recursos linguísticos que denotam a polidez, uma vez que é comum, em ambientes virtuais, o ato de comentar é feito em tela, à distância, sem a presença do “corpo” interlocutor, sem a configuração do “cara a cara”. Isto posto, somado à falsa sensação de anonimato, o comentário on-line, logo, pode proporcionar discursos mais invasivos, não condizentes com a ética. Tais discursos revelam uma sinceridade a partir do momento de se “diz o que quer”, ato que não favorece a preservação da imagem social, isto é, da face de quem comenta em ambiente virtual.

Os efeitos perlocucionários a partir dos comentários on-line desse tipo, a depender do contexto e referências da publicação (texto primeiro), podem ser diversos. Um desses efeitos é a violência linguística, que aparece potente, sobretudo quando não há essa presença do interlocutor; fato que é corroborado por estudo acerca dos discursos de ódio (BRUGGER, 2007). É importante, assim, dedicarmos um tópico acerca da violência linguística que se configura por meio do gênero comentário on-line e quais são as relações dessa configuração com o social.

2.5 A violência linguística por meio de comentários on-line

Comentar on-line é uma ação significativa ideológica e, portanto, discursiva. Diz muito sobre quem está escrevendo, sobre a intencionalidade e a situação comunicativa do escrito. A afetividade e o insulto, por exemplo, podem fazer parte da intencionalidade do enunciador e pode abrir caminho para que, num ato

comunicativo, alguém cause dano a outro, seja ele moral, cultural, simbólico e outros. Desse modo, neste tópico, pretendo levantar reflexões sobre o poder das palavras lançadas, sobretudo com foco no objeto desta pesquisa. Em comentários on-line, é preciso reconhecer que algumas veiculações cedem lugar para a violência simbólica produzida discursivamente.

Os estudos de Silva e Alencar (2013), por exemplo, mostram como a língua, o contexto, a significação (e, portanto, o discurso) são, por vezes, carregados de cunho violento no que se refere à desconsideração, ou cancelamento, ou inferiorização, ou ridicularização daquilo que é inerente ao outro. Assim, é importante refletir sobre tais discursos no âmbito virtual que pendem para essa vertente, afinal,

a discussão em torno do uso politicamente correto das palavras parece indicar que há palavras “mais carregadas” que outras, a implicação disso sendo que certos significados parecem ser quase sempre violentos, independente de seus contextos de uso. (SILVA, ALENCAR. 2013, p. 135)

O ponto fulcral é que discursos não são apenas um meio de representação da realidade, mas também atos (AUSTIN, 1990). Para Bourdieu (2014), tal ato de violência se configura como simbólica e se estrutura conforme sua sutileza. Devido a tal característica, não é devidamente aceito, anunciado e compreendido como tal. Não obstante, a violência linguística está presente no discurso, considerando-se os atos de fala (SILVA; ALENCAR, 2013).

A definição bem como a discussão da violência linguística para esta pesquisa se fazem necessárias, visto que, socialmente, a condição feminina está subposta à masculina (a ser debatido no capítulo III) na condição de um passado colonial. Discursos que inferiorizam esta condição colocam a mulher – o outro – num lugar de vulnerabilidade. Esse ato promove, além da inferiorização, uma (des)construção do outro através do discurso proferido. Assim, “a violência na linguagem pode ser vista como algo que não só destrói a identidade do sujeito e a própria significação, mas também as constitui” (SILVA; ALENCAR, 2013, p, 136).

Além disso, o ódio está imbuído no comentário on-line a partir do momento em que o enunciador constrói o julgo intolerante ou o leitor aciona uma força ilocucionária parecida sobre o comentário lido. De qualquer forma, os limites da liberdade de expressão são os direitos à dignidade do humano. Tudo aquilo que fere a dignidade do outro é tido como um discurso violento, como “modos em que a língua é usada não-cooperativamente, para ofender, ferir, injuriar, machucar”

(SILVA; ALENCAR, 2013, p. 143). Em colaboração a essa discussão, podemos citar o conceito de o discurso de ódio, *hate speech*:

De acordo com a maioria das definições, o discurso de ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião ou que tem capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas. (BRUGGER, 2007, p. 118)

A elaboração de um comentário on-line, assim, deveria ser precavida de ética e de alteridade. E quando não for verificado, deve-se entender esse mecanismo de materialização linguística, uma vez que

tornar visíveis os múltiplos modos em que a língua é usada para depreciar, ofender, ferir ou violentar aquele ou aquela que ocupa o lugar que não se quer habitar pode significar um gesto de combater esses modos de violação e, em última instância, uma visada emancipatória e afirmativa dentro dos estudos da linguagem. (SILVA; ALENCAR, 2013, p. 144)

Quando, então, não ocorre tal movimento responsável e consciente sobre o ato de comentar on-line – até porque o efeito perlocucionário está para quem interpreta o que foi dito -, é sinal de que ainda é preciso rever as práticas discursivas virtuais, a fim de, ao menos, dirimir os construtos discursivos depreciativos. É notável que a discussão supracitada ainda careça de vozes e insurreições reflexivas sobre o que estamos produzindo on-line, visto que “a liberdade de opinião não deve ser entendida como uma licença para ofender” (SAL PAZ, 2013, p. 160 – tradução minha). Pensando nessas reflexões, é pertinente que se trabalhe mais a função do ódio a favor do justicamento e linchamento que são veiculados dentro e fora do ciberespaço.

2.5.1 Linchamentos virtuais e justicamento privado: ódio e vingança sob justificativa do descrédito da Justiça Brasileira

Partindo de um contexto histórico, é possível afirmar que a configuração do inimigo está presente na organização chamada sociedade. De modo a exemplificar, pode-se citar execuções, torturas e as mais perversas degradações do ser humano em público a fim de que todos conhecessem e reconhecessem o poder de alguém em função de algo. Assim, o lugar do inimigo foi estabelecido a partir do momento em que este tomava o lugar transcendente destes preceitos éticos sociais. Daí, aos

grupos “cuja delinquência não atenta contra as normas do Estado (...) seria resguardado o status de cidadão” (CESAR, 2021, p. 43).

A partir de uma visão colonial que separa os seres com base em classes sociais, detenção de poder e afins, foi configurado um padrão social e, assim, um estereótipo surgiu como menos importante ou que não merecessem os mesmos direitos dos outros em relação a este padrão estabelecido. Isto é,

O mesmo estereótipo que leva centenas de pessoas às prisões de todo o país reflete a figura do inimigo da sociedade, daquele que não é digno de direitos e deve pagar com a vida caso incorra num comportamento que desvia das regras sociais preestabelecidas. (CESAR, 2021, p. 43)

A partir do preâmbulo histórico e do que se entende por violência linguística, é preciso pensar num fenômeno que se conecta à vida cotidiana (LOBO e FILHO, 2017) que é o posicionamento desejoso de uma ordem social a qualquer custo, o qual, em nome da segurança, promove práticas justiceiras: o linchamento. Isto é, pensa que. Na contemporaneidade, algumas notícias que chocaram o país reportaram espancamentos de pessoas amarradas a postes, por exemplo.

Trazendo tal aspecto da segurança social para o âmbito da pesquisa, deve-se lembrar de que, enquanto local de interação discursiva entre perfis comentadores, a rede social hoje permite a formação de um debate/embate, fato que colabora com “a construção de entendimentos e significados a respeito do noticiado” (LOBO; FILHO, 2017, p. 193). É válido salientar que a internet e seus recursos não criaram tais fenômenos cruéis tampouco seus apoiadores – isso é resultado da prática de sujeitos ideológicos via linguagem –, porém ela se configura como um espaço onde os discursos, imersos na sociedade colonial, se potencializam e se superdimensionam a partir de sua repercussão. Assim, explorar a configuração dos discursos acerca de notícias sobre a violência sofrida pela mulher é tarefa que rende muitas significações dentro da disputa de valores entre bem/certo e mal/errado, na qual o mal precisa sempre ser extinto não importa como.

Em seu estudo de 2017, Lobo e Filho apontam, através de suas observações, que os linchadores virtuais “defendem e chegam a comemorar a violência simbolicamente cometida contra o alvo através de comentários e likes” (LOBO; FILHO, 2017, p. 200), fator que ratifica a existência do fenômeno abordado. Trata-se de

Julgamentos frequentemente súbitos, carregados da emoção do ódio ou do medo, em que os acusadores são quase sempre anônimos, que se sentem dispensados da necessidade de apresentação de provas que fundamentem

suas suspeitas, em que a vítima não tem nem tempo nem oportunidade de provar sua inocência. Trata-se de julgamento sem a participação de um terceiro, isento e neutro, o juiz, que julga segundo critérios objetivos e impessoais, segundo a razão e não segundo a paixão. Sobretudo, trata-se de julgamento sem possibilidade de apelação. (MARTINS, 1996, p. 12).

O que se vê, concordando com Martins (1996), é a prática enquanto a única solução para dirimir um desvio, um rompimento na estrutura da ordem citada. Isto é, a prática do linchamento, a qual é legitimada pela aclamação, pelas curtidas e pelos comentários a favor, busca corrigir uma prática não-aceitável e/ou criminosa. Desse modo, aquele que desobedece às condutas pautadas na ética social estabelecida está sujeito a ser visto como um não detentor dos direitos inerentes à condição humana.

Como parte da execução do linchamento, visto que, para os linchadores, os direitos da pessoa que desobedece às leis são anulados com a prática criminosa, há que considerar a alteração dos valores antes estabelecidos. Sob imaginário arcaico, os linchadores corroboram sua prática como ação socialmente aceitável, afinal o mal será “expurgado”. Isso se dá porque “a descrença na efetividade do sistema penal, aliada à insegurança e ao medo fomentados pelos meios de comunicação, levam a população à falsa crença de que se vive em um estado de guerra” (CESAR, 2021, p. 50).

As consequências dessa atitude desumana são severas e não se apoiam em diretrizes do Estado. E, talvez pela recorrência de crimes, parte da população esteja descrente com relação à atuação do Estado para com a solução da problemática e, assim, recorrem a métodos ilegítimos como espécie de catarse. O ato de desumanizar (sob a ótica de que a segurança pode ser alcançada desconsiderando a vida do outro ou mesmo sob perspectiva de objetificação da mulher na manutenção de uma sociedade patriarcal) potencializa impactos em relação à disseminação do discurso de ódio.

CAPÍTULO III – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO, APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DO CORPUS

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê...

Arthur Schopenhauer

3.1 Considerações de análise

O fazer metodológico que focou em agrupar os comentários on-line de 6 PNs selecionadas a partir do recorte se deu de acordo com suas significações para se chegar aos objetivos traçados. Sabendo que os discursos são significações situadas, se faz necessário que exponhamos detalhes sobre as condições de produção a fim de se evitar falhas interpretativas. A partir disso, consideramos os comentários on-line conforme as informações que se dispõem a seguir acerca do alcance, momento de publicação, textos geradores e afins.

Sobre o momento em que as PNs foram feitas, em ordem, são datadas de 2 de Janeiro de 2021 (PN 1), 14 de Janeiro de 2021 (PN 2), 18 de Janeiro de 2021 (PN 3), 2 de Fevereiro de 2021 (PN 4), 6 de Fevereiro de 2021 (PN 5) e 8 de Fevereiro de 2021 (PN 6). Os títulos das respectivas notícias bem como o número de curtidas dadas a elas são: “Polícia investiga suposto estupro coletivo em hotel de Caldas Novas” (com 8683 curtidas até o momento da coleta), “Mais uma mulher é vítima de feminicídio em Goiás” (com 4851 curtidas), “Homem é preso suspeito de roubar e estuprar mulher em Goiânia” (com 2772 curtidas), “Mulher pula do 1º andar de prédio para fugir de estupro em Goiânia” (com 13750 curtidas), “Mulher que pulou de prédio para fugir de estupro não sente as pernas” – PN acrescida - (com 9160 curtidas), “Mulher diz que filho de sete anos teria tentado matá-la, em Anápolis” (com 3257 curtidas).

As PNs, enquanto textos geradores, serviram como base para a publicação de 1389 comentários ao todo²⁷, considerando comentários diretos e indiretos

²⁷ O conjunto de comentários, o qual serviu como objeto de pesquisa, foram extraídos e alocados em arquivos para que a análise se realizasse. Assim, considera-se que este número, bem como suas publicações-notícia – propulsora (texto primeiro) dos comentários, são voláteis e podem sofrer alterações (no caso de publicações-notícia) exclusões (no caso de conteúdos e comentários já postados) ou reinsersões (caso de novos comentários).

(CD/CI)²⁸. Todos passaram por leitura e, quanto à significação, foram agrupados em categorias discursivas para análise da recorrência bem como das estruturas textuais. Assim, as análises aqui podem se entrelaçar de forma a proporcionar melhor compreensão do ato de comentar, das ideologias e imagens sociais levantadas e melhor assimilação dos aspectos das teorias expostas.

Ao lembrar que o discurso é produzido por determinado sujeito, é preciso tentar entender as condições de produção desse discurso para que as ideias sejam mais bem interpretadas. Além disso, é necessário que se entenda como essa produção circula em determinado meio e, também importante, como esse discurso é recebido e interpretado. Desse modo, deve-se alocar o comentário on-line num contexto que envolve produção, circulação e consumo.

Desse modo, mesmo que a reportagem esteja vinculada a atividade de informar algo para conhecimento público, é interessante retomar as noções discutidas sobre diferentes intencionalidades que levam uma pessoa a reagir a essa informação e, de igual modo, um perfil comentarista a publicar determinado comentário – se ele quer causar polêmicas, se rebelar, justificar, perguntar, chamar alguém para debater, aclamar, contra-argumentar outro comentário (replicar ou treplicar), dentre outras intenções. Outros fatores também se ligam a esse contexto de produção principalmente os fatores envolvidos a quem é aquele emissor. As características de um dito também podem ser moldadas através do local de veiculação desse dito e das realidades sócio-culturais do perfil-comentarista.

Há ainda que pensar em perfis comentaristas que, por fatores diversos, comentam fora do tempo em que uma PN está sendo entregue aos seguidores da página – causando volatilidade e comprometendo a recepção desse comentário por outros perfis. Ademais, perfis comentaristas podem emitir comentários após recepção parcial das informações da PN, isso significa que o comentário, sob uma hipótese de significado, pode ter surgido a partir de uma leitura que o perfil comentarista fez de todo o texto na legenda da PN, de parte dele ou apenas da manchete; denotando uma leitura parcial e fragmentada. Sabendo disso, quando uma pessoa opta por não ignorar a leitura de determinada PN que aparece no feed e decide comentá-la, pode-se dizer que o comentário, como um enunciado, pode ser recebido por uma pessoa a qual também tem o arbítrio de discordar ou concordar,

²⁸ Configuração do comentário no que se refere à disposição (Lista de Abreviaturas) – direto: publicado a partir da PN; indireto: publicado como a réplica ou tréplica de outros comentários.

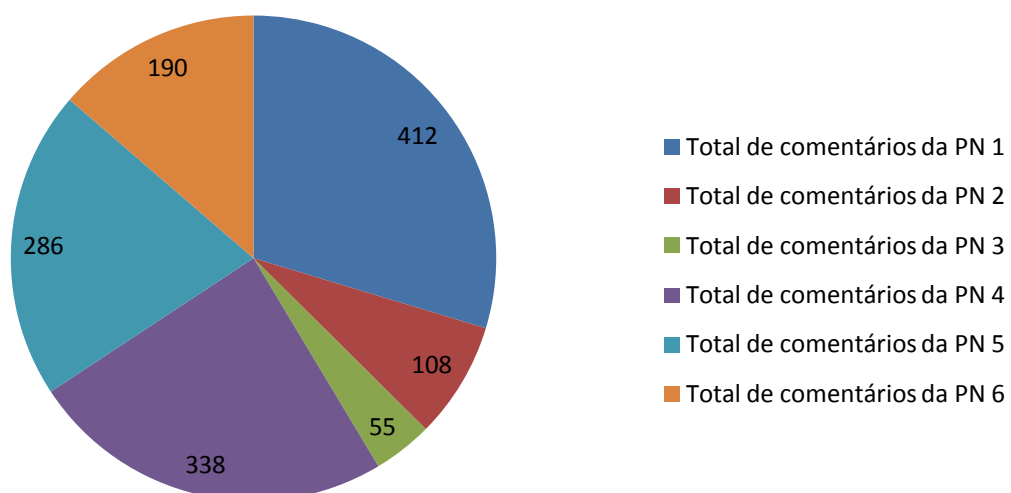
de forma parcial ou total, do que foi emitido, o que pode ser visto por meio das curtidas e réplicas.

A partir dessas premissas, a análise sobre o que os comentários on-line veiculam e o que eles reverberam seguiu problematizando e refletindo sobre os significados nos grupos formados a partir do *corpus* conforme o delineado nas discussões metodológicas.

3.2 Condições de produção e circulação das PNs geradoras dos comentários: breve descrição das PNs, dos perfis comentadores e das reações

Considerando que os comentários partem de um primeiro texto (MAGALHÃES, 2017; FOUCAULT, 2010), um texto motivador, há a necessidade de se expor tais textos, a fim de estabelecer contextos de produção de comentários on-line que ajudam a interpretar o significado apreendido desses produtos a partir de PNs. Neste sentido, dedica-se este tópico à exposição das notícias bem como um panorama geral desta interação e socialização, isto é, às informações gerais de comentários publicados e de seus comentadores. O gráfico a seguir foi criado para facilitar o entendimento e textualização nos tópicos subsequentes a essa seção de acordo com a quantidade de comentários on-line publicados em cada PN:

Gráfico 1: Total de comentários por PN



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

3.2.1 PN 1 - Polícia investiga suposto estupro coletivo em hotel de Caldas Novas

O corpo textual da PN intitulada “Polícia investiga suposto estupro coletivo em hotel de Caldas Novas” serviu como texto gerador de 412 comentários coletados à época da coleta. A publicação, disposta de imagem, manchete e legenda – corpo da notícia, é a seguir:

Imagem da PN 1



Uma mulher, que não teve a idade divulgada, afirma ter sido vítima de um estupro coletivo supostamente ocorrido na sexta-feira (1^o/1), em um hotel localizado no Setor Turista II, em Caldas Novas. Segundo relato dela, três homens teriam participado do abuso. A Polícia Civil investiga o caso.

De acordo com a ocorrência da Polícia Militar (PM), a mulher relatou que estava na região da piscina quando foi convidada a ingerir bebidas alcoólicas no apartamento ocupado pelos suspeitos. No documento, ela afirma que o trio colocou um líquido amarelo no copo dela e que, depois disso, não se lembra de mais nada.

Depois do suposto abuso, a mulher afirma ter acordado no apartamento dela, com hematomas pelo corpo e dores nas partes íntimas. Todos foram encaminhados à delegacia.

O caso está sendo investigado pelo delegado Alex Miller. Segundo ele, a mulher foi submetida ao exame de corpo de delito e aguarda o resultado do exame que deve sair em até dez dias. Os suspeitos foram ouvidos e negaram as acusações. Eles foram liberados.

(Assinado pelo redator)

Em suma, a legenda²⁹ acima faz referência a um possível acontecimento na cidade de Caldas Novas-GO, onde uma mulher teria sido vítima de estupro coletivo praticado por três homens dentro de um apartamento após a acusante aceitar um convite para beber. Pressupõe-se, por lei, que, caso o crime seja confirmado através de investigações e perícias, os suspeitos terão ferido o Artigo 213 do Código Penal (CP), haja vista que este artigo prevê tratativas para pessoas que tenham, em outras palavras, violentado sexualmente outrem.

A legenda da PN traz, ainda, traços interessantes para a análise. Talvez com propósito de resguardar a suposta vítima, o redator faz uso do discurso indireto cuja linguagem e eventos ocorridos são reestruturados pelo narrador. Isso leva a refletir o que Resende e Ramalho (2019) e Brown e Levinson (1978) dizem sobre quem fala, pois recontextualiza tal narrativa fornece subsídios para compreender posições adotadas no evento comunicativo. Tal qualidade é comumente vista em textos jornalísticos, os quais fornecem uma compreensão da intertextualidade na prática discursiva.

Em sua totalidade, foram contabilizados e categorizados 412 comentários numa distribuição de 167, o que corresponde a 40,53%, produzidos diretamente a partir da PN, em referência ao próprio texto fonte os quais chamamos de comentários diretos, e 245, correspondente a 59,46%, foram configurados em forma de réplica e/ou tréplica os quais chamamos de comentários indiretos. Nesse ponto, há que considerar que os caminhos atribuídos para as categorizações, sobretudo para réplicas e tréplicas, são diversificadamente irregulares ao passo que, como previa Fairclough, “qualquer participante pode escolher a si mesma como falante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 192).

Ainda sobre os comentários indiretos, deve se considerar que,

(...) no Instagram, nem sempre o comentário indireto evidencia uma resposta à manifestação anteriormente comentada. Dinamicamente, pode se usar a resposta de um comentário para chamar a atenção de qualquer outro usuário para uma resposta dada ou mesmo para comentar a notícia, utilizando um local que supostamente não estaria adequado para se fazer a marcação. (COSTA, et al., 2021, p. 66)

²⁹ Escolhi trazer o texto da legenda da PN na íntegra por, embora não sendo o gênero textual objeto desta pesquisa, é este texto, em conjunto com a imagem publicada (geralmente uma imagem e uma manchete), que possibilita a apreensão maior de elementos da narrativa bem como suas circunstâncias. É ele um dos elementos do texto primeiro, aquele que provocará e/ou contextualizará a publicação de comentários.

Assim, destacamos que mesmo se tratando de comentários diretos, alguns comentários são desprovidos de significações coerentes e coesas para a sua respectiva leitura, análise e atribuição de sentido; o que impossibilita a inclusão deste em qualquer que seja a categoria. Desse modo, a esses comentários, sejam diretos ou indiretos, não atribuímos à categoria de significações a qual faz parte da proposta traçada metodologicamente por esta pesquisa.

A partir da análise inicial, é possível inferir que 67,47% do total de comentários foram protagonizados por perfis femininos. Porém, o que causa curiosidade é que 64,74% (ou 180 comentários) da totalidade de comentários femininos³⁰ (CF) são publicados em forma de comentários indiretos, em forma de réplica e tréplica (CIF – comentário indireto feminino). Perfis comentadores masculinos formam maioria, mais precisamente 60,12% (ou 98 comentários), no grupo dos comentários diretos (CDM – comentário direto masculino), aqueles formulados a partir da PN e não se atrelam a um comentário específico.

3.2.2 PN 2 - Mais uma mulher é vítima de feminicídio em Goiás

A segunda PN seguindo a ordem das datas, a qual é intitulada como “Mais uma mulher é vítima de feminicídio em Goiás”, postulava a seguinte composição:

Imagem da PN 2

³⁰ Válido lembrar que a pesquisa, de cunho estritamente linguístico, pretende resguardar a autoria dos perfis/usuários/adeptos/comentadores e não exibirá fotos, nome de usuário ou outro elemento que porventura sejam reveladores da identidade do/a comentador/a. As informações sobre o sexo (masculino/feminino) não foi atribuída aos perfis os quais não há identificação precisa ao levar em consideração a interpretação da imagem corpóreo-facial retratada na foto de perfil e/ou nome do usuário, ou não possuir nome de usuário inteligível, ou não possuir foto, ou se tratar de um perfil comercial, ou se tratar de um perfil conjunto (duas pessoas) ou não possuir conta aberta. Quando acontece desses perfis comentadores não se encaixarem em tal tipificação supracitada, atribuímos à categoria “anônimo”.



Um homem de 41 anos foi preso em flagrante na terça-feira (12), poucas horas depois de matar sua namorada em Goianésia, cidade distante 176 quilômetros de Goiânia. Com mais este caso, agora já são três feminicídios registrados em menos de uma semana em Goiás.

Patrícia Daiane de Moraes, 34, foi assassinada com uma facada no peito no barracão onde morava, no Bairro Santa Luzia. A avó dela, que mora no imóvel que fica em frente foi quem escutou os gritos da neta pedindo socorro, e acionou a Polícia Militar. Quando os policiais chegaram no local, porém, Patrícia Daiane já estava morta.

Localizado poucas horas depois, Jercionei Feliz dos Santos confessou o assassinato, mas não explicou porque teria praticado o crime. Ele foi autuado em flagrante na Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher (DEAM) de Goianésia. De acordo com a polícia, Jercionei é usuário de drogas, e, na semana passada, tinha sido denunciado por um irmão, que foi ameaçado de morte por ele.

Outros casos

No último dia sete, uma mulher de 45 anos também foi assassinada por um homem com quem havia saído em Jataí, cidade que fica na região sudoeste de Goiás. O corpo dela foi encontrado dois dias depois, debaixo de algumas telhas, no quintal da casa do autor das facadas, que foi preso e autuado em flagrante.

Em Goiânia, no domingo (10) Brenda Rafaella Maia de Souza, de 23 anos, foi espancada até a morte pelo companheiro na casa onde morava, no Setor Centro Oeste. Horas depois, o autor do feminicídio também foi preso, ainda em flagrante, pela Polícia Militar.

(Assinado pelo redator)

Grosso modo, a PN 2 relata um caso de feminicídio que aconteceu em Goianésia após um homem, de 41 anos, matar a namorada, de 34, com golpes de faca. Segundo informações, ele seria usuário de drogas e já tinha sido denunciado pelo irmão, o qual foi ameaçado de morte. É importante ressaltar que, antes da Lei 13.104/2015, o feminicídio era tratado como um homicídio comum, de forma

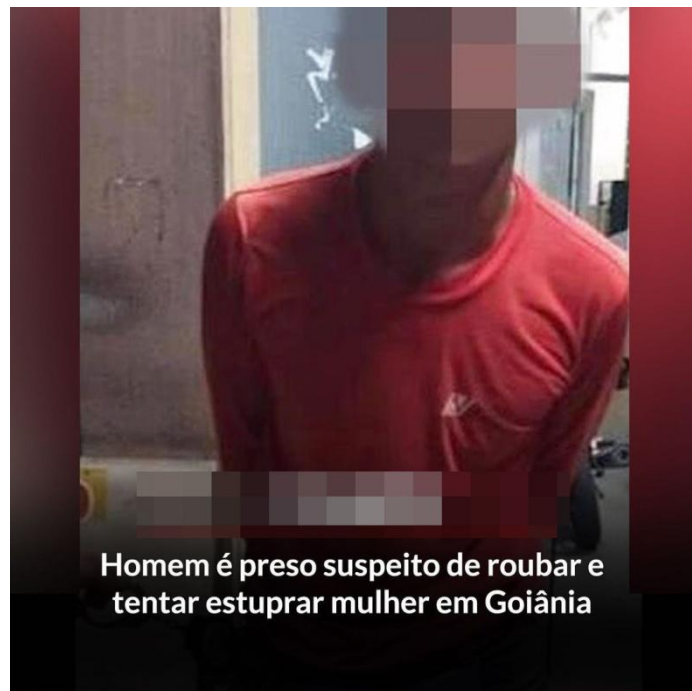
genérica. Contudo, a tipificação mudou a partir da lei supracitada, a qual prevê que o crime deve ser julgado como homicídio qualificado, o que aumenta a pena.

Em sua totalidade, os comentários coletados somaram 107. Deste número, 101 (ou 94,39% do total) são gerados diretamente (CD) a partir do texto gerador, a PN. Apenas 6 (ou 5,60% do total) são comentários indiretos (CI), todos femininos (CIF); isto é, são comentário em forma de réplica ou tréplica.

3.2.3 PN 3 - Homem é preso suspeito de roubar e estuprar mulher em Goiânia

A PN intitulada “Homem é preso suspeito de roubar e estuprar mulher em Goiânia” possui a seguinte disposição:

Imagem da PN 3



Um homem foi preso suspeito de roubar o celular de uma mulher e tentar estuprá-la no último domingo (17). O caso, segundo a Polícia Militar (PM), aconteceu no Jardim Novo Mundo, em Goiânia.

A vítima, que conseguiu fazer contato com a corporação após o crime, ressaltou que o suspeito teria tentado força-la a subir na garupa de uma moto, para então estupra-la a um matagal da região. A mulher, no entanto, conseguiu fugir.

Os militares começaram buscas nas imediações até que abordaram o homem. Ele ainda estava com o celular da mulher. A corporação afirma que o suspeito tem registros criminais por roubos e estupros realizados na região Leste da capital.

O homem foi reconhecido pela vítima na delegacia e foi preso em flagrante.
(Assinado pelo redator)

Ao analisar a legenda, a notícia trata de um suposto roubo e suposta tentativa de estupro, embora a manchete trate o suspeito como alguém que teria, de fato, cometido estupro e não que havia tentado fazê-lo. O texto segue com detalhes da prisão e revela que o homem já tinha passagem pela polícia.

Os comentários produzidos a partir desta publicação contabilizam um total de 55 dentre os quais 5 deles não foram passíveis de análise e, por isso, não compuseram as categorias de significados que surgiram a partir dos demais. Do total, em relação à interação e turnos, 42 são CD, e 13 são CI. O perfil comentador desta PN se configura em 32 comentários femininos, 22 masculinos e um anônimo.

3.2.4 PN 4 - Mulher pula do 1º andar de prédio para fugir de estupro em Goiânia

A PN intitulada “Mulher pula do 1º andar de prédio para fugir de estupro em Goiânia” a publicação mais “curtida” e, talvez por isso, a mais “engajada”³¹ de todo o corpus da pesquisa embora possua 338 comentários (menos que a PN 1), os quais foram coletados e, destes, 291 foram categorizados. Em sua composição:

Imagem da PN 4



³¹ Entendo o termo “engajada” como característica de uma publicação que recebe muitas visualizações, curtidas, comentários e/ou interações que fazem dela notória, conhecida sendo ou não viral (qualidade daquilo que se dissemina com rapidez entre muitas pessoas, característica comparável a contaminação por um “vírus”).

Uma mulher de 36 anos pulou do primeiro andar de um prédio para fugir de um assaltante que teria tentado abusar sexualmente dela, em Goiânia, na manhã de sexta-feira (29).

Imagens das câmeras de segurança do local e de um estabelecimento próximo mostram o momento em que a jovem pula e cai sentada na calçada. Após a queda a mulher permanece no local, sem conseguir se levantar.

De acordo com o boletim de ocorrência, o homem entrou no salão de um estabelecimento, que fica no Parque Oeste Industrial, abordou a mulher e uma funcionária e anunciou um assalto. O suspeito então teria tocado as partes íntimas da vítima.

Com uma faca ele teria ameaçado matar uma das mulheres, caso ela se negasse ter relação sexual com ele. Os dois subiram então até o andar de cima do estabelecimento e, em um momento de distração do homem, a mulher conseguiu abrir a janela e pular. Ela se jogou de uma altura de aproximadamente quatro metros.

Na queda, a vítima caiu sentada na calçada e se machucou. Ela foi socorrida e levada ao Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo), onde permanece internada. De acordo com a assessoria do hospital, a mulher precisou passar por uma cirurgia na coluna e o estado de saúde dela é considerado regular, mas ainda não há previsão de alta.

Depois do crime, o suspeito fugiu de bicicleta para uma área de mata e ainda não foi localizado pela polícia. Ele levou dois celulares das vítimas. O caso está sendo investigado pela Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam). A funcionária do local não teve ferimentos.

Fonte: Folha DataPress (replicado pelo MaisGoiás)

O foco desta PN, com base no boletim de ocorrência, é uma mulher que teve de se jogar do primeiro andar para fugir de um homem que, além de assaltar, teria tocado as partes íntimas dela e tentado estupro. A narrativa se vale de um discurso indireto e em 3ª pessoa e, apesar de afirmar que a mulher que pulou é uma vítima, lança mão da palavra “suposto” ao se referir ao homem que “teria” cometido os crimes.

Deste total, 273 comentários são distribuídos a partir da PN (259 comentários femininos, 68 masculinos e 11 anônimos), ou seja, configura-se como CD; 65 deles configuram-se como CI por responderem algum comentário direto por meio de réplica ou tréplica. É importante frisar, ainda, que o perfil comentador feminino é o protagonista, seja nos CDs como nos CIs.

3.2.5 PN 5 - Mulher que pulou de prédio para fugir de estupro não sente as pernas

Atualizando a PN 4, a PN cuja manchete é “Mulher que pulou de prédio para fugir de estupro não sente as pernas” se compõe da seguinte forma:

Imagem da PN 5



A cabeleireira Juliane Lacerda Lima, de 36 anos, disse nesta sexta-feira (5) que não sente o movimento das pernas desde que pulou do primeiro andar de um prédio usado como salão de beleza, em Goiânia, para não ser estuprada por um assaltante.

A mulher está internada no Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo), onde passou por uma cirurgia na coluna e aguarda um posicionamento dos médicos para saber se conseguirá andar novamente.

O caso aconteceu no último dia 29 de janeiro, quando ela foi socorrida e levada ao Hugo. O assaltante fugiu em uma bicicleta e ainda não foi localizado.

“Era a única alternativa que eu tinha. Ele já tinha tirado a roupa da minha funcionária e mandou a gente subir para o outro andar. Quando eu subi, já veio na minha cabeça que eu não poderia deixá-lo fazer mal a mim nem para ela. O que eu pensei foi em pular e pedir socorro. Para nos salvar, eu faria de novo”, disse a mulher.

Os médicos da unidade de saúde disseram a Juliane que, por enquanto, não podem afirmar se ela irá voltar a andar, pois o processo depende, entre outros fatores, do período de fisioterapia e da recuperação que terá após a operação.

O crime

O salão de Juliane fica no Setor Parque Oeste Industrial. Ela contou que o assaltante chegou ao local, pouco antes das 11h do dia 29 de janeiro, usando capuz, máscara e óculos.

Segundo a cabeleireira, logo após pegar o dinheiro que estava no caixa e os celulares dela e de uma funcionária, o assaltante ordenou que elas tirassem a roupa. Juliane se jogou do prédio, assustando o ladrão, que fugiu deixando os celulares delas e o próprio telefone cair no chão.

“Ele mandou a gente subir para o primeiro andar. Quando eu cheguei lá em cima, eu vi que a porta da sacada estava aberta e pulei. Quando eu caí, eu já comecei a gritar socorro muito alto”, explicou. O caso está sendo investigado.

(Assinado pelo redator)

Em suma, se valendo de discurso indireto e direto, afirma-se que a vítima da queda reportada na PN 4 disse ao redator sobre seu estado geral de saúde após passar por procedimento cirúrgico, sobretudo sobre a falta de sensibilidade dos

membros inferiores, consequência causada pela queda. O corpo da legenda versa ainda sobre o parecer médico, que não afirma se a mulher voltará a andar e conclui com um resumo da narrativa postulada na PN 4 dias antes.

Assim como as outras PNs, esta mescla linguagem multimodal via comentários produzidos a partir do texto gerador. Os comentários totalizam 286 e, destes, 276 foram categorizados. Comentários partindo de perfis femininos formam maioria, como se vê em:

Do total 286 (sendo 225 femininos, 51 masculinos e 10 anônimos), 264 comentários (92,3%) emergem diretamente a partir do texto fonte, os CDs; e 22 comentários (7,69%) são produzidos a partir de algum comentário direto em forma de réplica ou tréplica, os CIs. Analisando os grupos de CDs e CIs, o perfil comentador feminino prevalece nas duas modalidades de comentários on-line.

3.2.6 PN 6 - Mulher diz que filho de sete anos teria tentado matá-la, em Anápolis

A PN cuja manchete é “Mulher diz que filho de sete anos teria tentado matá-la, em Anápolis”, a qual tinha 3257 curtidas à época da coleta dos comentários, baliza a seguinte composição:

Imagem da PN 6



Uma mulher de 40 anos disse que o filho de 7 teria tentado matá-la com uma faca neste domingo (7), no setor no Jardim Alvorada, em Anápolis, a 59,3 km de Goiânia.

Ao Mais Goiás, a Polícia Militar (PM) disse que foi acionada após o acontecido. A vítima disse à PM que o filho pegou uma faca e tentou feri-la. No entanto, um vizinho chegou ao local e impediu que a criança ferisse a própria mãe.

A polícia encaminhou a vítima, o menor e a testemunha para a delegacia. O Conselho Tutelar de Anápolis também foi acionado pela PM. A reportagem entrou em contato com o órgão para saber qual procedimento será realizado neste caso e aguarda resposta.

(Assinado pelo redator)

Em suma, a narrativa feita elencando discurso indireto de uma mulher e da corporação da Polícia Militar discorre, segundo a mulher que é posta pela reportagem como vítima e versão policial, que o filho de sete anos dela teria tentado matá-la com uma faca, porém um vizinho teria chegado e impedido o ato. Este texto gerador foi alvo de 190 comentários (numa disposição de 130 femininos, 56 masculinos e 4 anônimos), dos quais 177 formaram categorias.

Se mostrando como um padrão, das PNs anteriores, nesta, há um maior número de CDs publicados a partir de um perfil comentador feminino (40,52% do total). Este grupo é seguido pelos CIFs com 27,89% do total analisado. Talvez, o protagonismo feminino, aqui, se dê por uma questão de representação como mulher/mãe (figura noticiada) e desejo opinar acerca do desencadeamento da ocorrência.

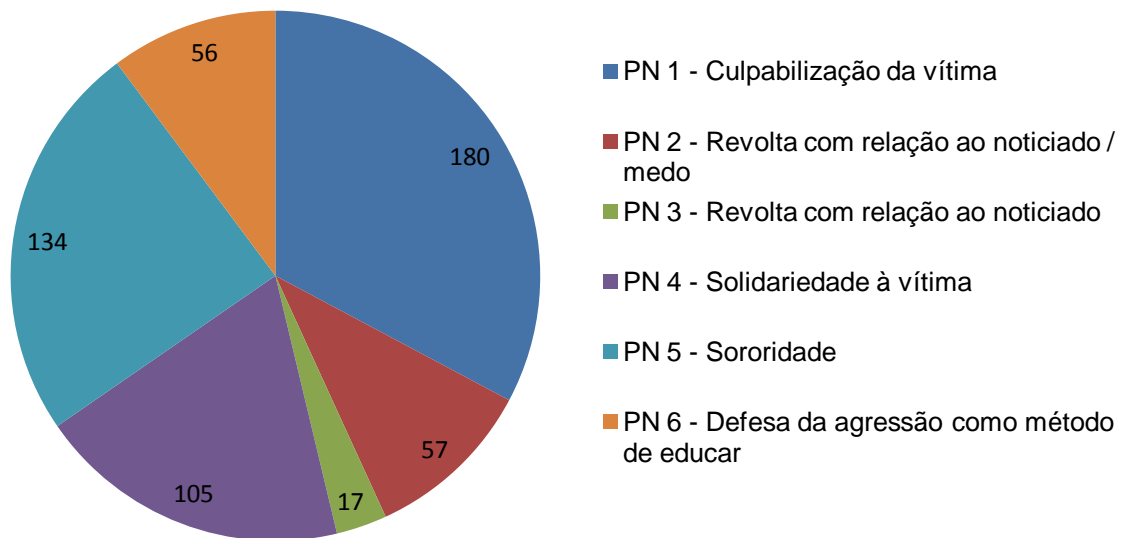
3.3 Os procedimentos de análise a partir das PNs

Como se sabe, é imprescindível respeitar o trajeto para a execução da análise discursiva, visto que os comentários se inscrevem de maneira enunciativa. Neste caso, o processo que gera comentário está para um respectivo texto específico, assim, é necessário relatar primeiramente nas categorias mais notáveis que surgiram a partir do agrupamento dos comentários por PN e, no segundo olhar, pensar no todo, isto é, refletir as categorias gerais presentes em todas as PNs.

Aqui, salientamos o caráter de pertencimento dentro desta socialização por parte dos comentadores, os quais se valem de recursos da própria rede social para aprovar (eu) e desaprovar (eles/as) caracterizado pelas curtidas, respostas, representações e afins. Isto é, há uma disputa coletiva pela “verdade” balizada pelos pontos de vista, os quais reforçam ou rebatem determinadas PN, ou ainda outros comentários a partir delas surgidos. O gráfico a seguir foi criado para facilitar o

entendimento e textualização de acordo com as categorias com maior número de comentários agrupados por PN:

Gráfico 2: Maiores categorias por PN



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Acerca do conteúdo discursivo e, assim, das categorias encontradas ao se analisar e agrupar o aglomerado de comentários da PN1, foi possível estabelecer o número de 180 comentários, o que versa 50,13% dos analisados ou 43,68% do total, que reverberam desumanização ao veicular um discurso que culpa a possível vítima pelo suposto estupro; muitos destes comentários carregam ironia³² ou justificativas diversas, como ocorre em:

[CDM]: Mas como vai beber com estranho eu sou homem si me convidar ei nao vou (111) curtidas³³

Pelas entrelinhas do comentário, é possível perceber a veiculação do discurso machista ao focar na atitude da vítima em ter aceitado o convite dos suspeitos. O ato de comentário é exercido por um homem, o que revela a posição do interlocutor no que se refere ao depósito da culpa do crime recaída sobre a vítima, uma mulher. De igual modo, é importante estabelecer a constatação da relação de poder (pelo

³² Entendo a ironia como recurso que tem por objetivo gozar de algo ou alguém, provocar humor ácido, debochar de algo ou alguém, dizer algo querendo dizer outro implicitamente, criticar, provocar, incitar a reação de alguém ao “dizer uma coisa e significar outra” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 158).

³³ Decido adicionar a informação do número de curtidas para endossar se há algum perfil (comentador ou não) que “aprova” o que foi exposto no comentário.

homem) posta nas posições de fragilidade (a mulher) feita pelo comentador quando diz que não se pode confiar em estranhos “nem quando se é homem, imagine sendo mulher”.

Diferentemente da PN 1, a PN 2 conta com protagonismo nos comentários diretos de perfis femininos. E, talvez por esse motivo, a maior categoria conta com 57 comentários, 59,37% dos analisados, os quais veiculam sentimento de revolta com e sem representação de medo de ser mulher, como em:

[CDF]: Mulher não tem um dia de paz (35 curtidas)

Nota-se que o comentário acima aciona a constatação de que a mulher está inserida numa sociedade que é hostil a ela e que, por esse motivo, revela o medo exposto por meio de um emoji chorando. Trata-se de um perfil feminino e seu discurso revela uma configuração da mulher depreciada socialmente através de sua imagem social exposta. De todas as PNs discorridas, essa é a única em que, de fato, ocorreu o ato criminoso (sem ideia de suposição). As atuações dos perfis comentadores masculinos na tentativa de contornar e/ou justificar o ocorrido não é verificada na PN 2.

Sobre a PN 3, houve uma semelhança com a PN 2 em se tratando de maior categoria em número de comentários, haja vista que 17 comentários (34% dos analisados) carregam discurso de revolta no que se refere ao acontecimento noticiado. Os comentários com maior número de curtidas da publicação são masculinos, o que não significa que perfis femininos não tenham produzido comentários que revelam revolta. O que chama atenção, entretanto, é a revolta que se mostra em alguns dos comentários agrupados aqui, não pelo acontecimento em si, mas pela não identificação do suspeito na notícia. Isto porque a PN é composta de uma foto borrada do suspeito além do texto (legenda) que reporta o ocorrido.

CDM: Mulher não tem 1min de paz (19 curtidas)

CDM: Pra quê embaralhar a cara de um mosntro deste !! (5 curtidas)

Aqui, percebe-se a discussão feita anteriormente acerca do tratamento dado ao suspeito (tópico 2.7.1). Talvez na busca por manutenção da ordem social a todo custo (LOBO; FILHO, 2017), no segundo comentário, é exigida a exposição e propagação do rosto do suspeito, que é chamado de “monstro” e, através da exposição dessa face do comentador, há a transposição da imagem social negativa ao depreciar alguém a partir da ausência de polidez no comentário.

Ao finalizar a contagem de comentários da PN 4, a maior categoria, com 105 comentários agrupados, é a que revela sentimentos de tristeza em relação ao fato e/ou prestam apoio ou solidariedade à vítima. Assim, dispõe:

[CDF]: Vai ficar com trauma psicológico e físico pro resto da vida 😞 (138 curtidas)

Numa hipótese de significados, o ato de se solidarizar se dá pelo fato de o crime ter sido cometido à luz do dia em um comércio (o que quebra com a argumentação machista ao culpabilizar a vítima pelo estupro em detrimento de sua roupa, conduta, local, horário a afins) ou pela reação da vítima e consequências causadas pela queda. De qualquer maneira, é necessário constar que, em seu ato de fala, o comentador acima aciona consequências do ocorrido para endossar sua preocupação com a vítima.

Em consonância, na maior categoria da PN 5, comentários com discursos que desejam melhoras à vítima compõem um número de 48,55% (134 comentários) dos que foram categorizados, o que releva sororidade³⁴ e compaixão, afinal, a maioria destes comentários são produzidos a partir de perfis femininos. Isso pode se dar a partir da possível identificação que perfis femininos produzem ao se colocar no lugar da vítima em se tratando do seu comportamento pautado no pensamento social normopata: mulher – salão de beleza – outras mulheres – luz do dia – comportamento padrão.

[CDF]: O meu Deus, cure esse moço, ela será um milagres eu creio. (489 curtidas)

Em dois grupos orbitam os comentários da PN 6, os quais são classificados em: 1) culpabilização da vítima e 2) agressão como ato de educar. As curtidas prevaleceram sobre comentários que defendem o ato de agredir fisicamente em busca do comportamento ético, ou justificam a ação com uma psicopatologia que precisa ser tratada. 56 comentários (29,47% dos analisados), muitos cobrando uma atitude agressiva por parte da vítima, defendem que o ato de agredir uma criança é tido como corretivo comportamental.

Os comentários que giram nessa significação são produzidos a partir de perfis, em sua maioria, femininos. São comentários que não percebem a

³⁴ Palavra de etimologia latina (sórora), que significa “irmãs” e que tem ganhado espaço no linguajar popular a partir de discursos de pessoas notórias. Seu significado contextual atual diz respeito à solidariedade que há entre as mulheres que, unidas, buscam liberdade e equidade frente à injustiças sociais ligadas à gênero.

desafetação em tal ação de maneira a incitar, através da violência, mais violência³⁵. Assim, é possível verificar:

[CDF]: Esse não apanhou de vara de goiaba e mangueira, certeza (114 curtidas)

Mais uma vez é possível constatar os tipos de atos de fala explanados por Austin (1990) no comentário que, ao ser publicado (locucionário), permite protestar contra o modo como o autor da agressão deveria ser criado (ilocucionário), assim, permitindo que pessoas concordem (através do número de curtidas) com o dito na legitimação desta prática violenta (perlocucionário). E, em se tratando de imposições e em forças provocadas por discursos violentos repetitivos que se configuram como “verdade” a ser aceita, é importante ressaltar que este fato que viabiliza pensar, aqui, numa padronização por meio da repetição de ocorrências (CHIZZOTTI, 2011) do que é dito quando se trata de violência. Assim, as categorias secundárias serão expostas e tratadas a seguir.

3.4 De quê/m falam os comentários? Análise discursiva por categoria

Após completo agrupamento, se faz a exposição de uma tabela a fim de dar nomes aos grupos de comentários que surgiram a partir da leitura e processo de categorização e subcategorização. Desse modo, propicia a melhor compreensão do que emerge em relação à cada PN (assim como na apresentação dos gráficos anteriores) e facilita na associação que será feita com base nas inferências e teorias. Assim, dispõe:

Tabela 1: Descrição de categorias

Referência à PN	Categoria	Número de comentários agrupados
PN 1	Culpabilizam a vítima/justificam a culpa dos suspeitos	180
	Criticam os ataques à vítima de estupro	102
	Apelam por justiça/se revoltam	19
	Apelam por justiça e alertam às mulheres	13
	Ironiza a matéria/crime	11
	Culpabilizam o local como local de criminalidade e	9

³⁵ Deixo claro que, em consonância aos documentos legais vigentes, sobretudo o Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como estudos neurocientíficos, a aplicabilidade de castigos físicos configura uma prática ultrapassada e pode deixar sequelas físicas e psicológicas irreversíveis.

	violência	
	Mostram sentimento repulsivo	9
	Apelam por justiça, mas culpam a vítima	7
	Mostram solidariedade e acolhida	6
	Fazem analogias a outros crimes em que o suspeito é absolvido	2
	Mostra solidariedade à vítima e culpam os suspeitos	1
	Não analisados	53
PN 2	Se revoltam/sentimento de tristeza	57
	Se revoltam com as leis	10
	Sentem medo da situação	8
	Desejam morte ou tortura como punição	7
	Se revoltam e alertam mulheres	6
	Apelam por justiça	3
	Se identificam com o caso	2
	Alerta mulheres na sociedade por medo de denunciar agressor	1
	Coloca a violência local em foco	1
	Sentimento de tristeza	1
	Culpabiliza a vítima	1
	Não analisados	11
PN 3	Se revoltam com a notícia	17
	Se revoltam em relação à justiça	9
	Apelam por justiça	7
	Desejam a morte como punição	6
	Colocam a violência da cidade como justificativa	5
	Possuem discurso de acolhida à vítima e de revolta contra o suspeito	3
	Apoia à ação policial	1
	Se revolta por ocultação de identidade do suspeito	1
	Se revolta contra as leis que impõem ao veículo de comunicação o ato de borrar a imagem	1
Não analisados	5	
PN 4	Revelam sentimento de tristeza e apoio e solidariedade à vítima	105
	Mostra medo de ser mulher na sociedade	52
	Presença de ódio/morte como punição contra o acusado	32
	Sugerem o porte de arma/defesa pessoal às mulheres	28
	Revoltam-se	18
	Revoltam-se com as leis/governo/polícia	17
	Apelam por justiça contra o acusado	16
	Discordam sobre o uso de armas	12
	Alertam para a violência local	5
	Zomba da notícia	3
	Presença de sentimento repulsivo em relação à notícia	1
	Se identifica com a situação	1

	Demonstra solidariedade a vítima	1
	Alerta as mulheres	1
	Não analisados	46
PN 5	Apoiam e acolhem à vítima	134
	Mostram sentimento de tristeza com o fato narrado	66
	Apelam por justiça	15
	Revelam revoltas gerais (sérias ou com deboche)	15
	Mostram o medo de ser mulher na sociedade	12
	Desejam a morte como punição	10
	Mostram solidariedade à vítima e apelo por justiça contra o foragido	9
	Revoltam-se com as leis/autoridades	7
	Sugerem o porte de arma/defesa pessoal às mulheres	3
	Mostram sentimento de revolta contra quem apoia o foragido	2
	Desconsideram a condição de ser mulher	2
	Mostra discurso de ódio contra grupo de pessoas	1
	Não analisados	10
	PN 6	Culpam a mãe por falta de atitude contra o filho/defende o ato de bater para educar
Reações de tristeza		34
Criticam o comportamento dos pais/responsáveis como educadores		32
Culpam/criticam filho		17
Sugerem atenção psicológica ao filho		9
Culpam a genética familiar		7
Culpam as leis		7
Comparam com seu tipo de criação		6
Culpam a mãe e o filho		3
Fazem crítica aos julgamentos dos perfis comentadores		3
Apontam uma ocorrência que justifica a ação do filho		2
Se identifica com o ocorrido		1
Não analisados	13	

Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Feito isso, os subtópicos a seguir estabelecem um diálogo acerca de assuntos que remetem às ideias dos discursos postulados acima numa configuração de categorias de análises maiores e que abraçam subcategorias. Ou seja, à luz da criticidade, tentou-se olhar para subcategorias, as quais reagrupadas, veiculam significados que reverberam na cultura do estupro, no justicamento popular, no exercício de alteridade e sororidade, e na mobilização de demais assuntos que contribuem na omissão social frente o fato noticiado.

3.4.1 Cultura do estupro nas entrelinhas do discurso

A expressão “cultura do estupro” aparece em estudos e movimentos feministas desde a década de 1970 e representa o conjunto de ações, modos de pensar e comportamentos que justificam, relativizam, legitimam e perpetuam toda e qualquer violência de cunho sexual praticada contra a mulher. Além disso, é fator importante “o papel do poder e do sexo na sociedade” (SOUSA, 2017, p. 13), visto que a mulher é tratada por um grupo ou pela sociedade em si mediante seu comportamento, vestimenta e afins, como afirma Bourdieu (2002):

(...) a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob a forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética (BOURDIEU, 2002, p. 38).

Concordando com Sousa (2017), há que se pensar em um conjunto de “mandamentos sociais” que regem a conduta feminina esperada pela sociedade. E, se algo acontece em detrimento da dignidade das mulheres, ou mesmo se elas não alcançam determinada atribuição até então atrelada ao universo masculino, certamente uma justificativa virá, visto que, segundo um padrão social predefinido, precisam suportar os “sacrifícios” que a ascensão social dentro desse padrão impõe - num mundo carregado de situações inóspitas a elas.

Em contrapartida, em toda a construção social que rege o comportamento feminino, não há “o mesmo cuidado no que tange a apresentar um comportamento padrão que evite ao homem desenvolver-se como estuprador” (SOUSA, 2017, p. 23). Este fator reforça o cunho hostil no fato de que o homem é instintivo e a mulher precisa se precaver para que não seja objeto predatório deste instinto. Nessa ótica, faz-se necessária a análise dos comentários cujos significados reverberam essa cultura. Trata-se de uma cultura que posiciona a existência masculina em duas operações: “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2002, p. 33). Assim, é urgente entender que

A cultura de estupro é fomentada pelos comportamentos machistas naturalizados e incentivada pela etiqueta comportamental e corporal imposta às mulheres, concedendo a liberdade de ofensa aos homens e, em contrapartida, a obstrução dos direitos da mulher. (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017, p. 252)

A topicalização das categorias, a seguir, mostra comentários das 6 PNs, de modo que esses textos subsidiaram um espaço interativo no qual tais comentários puderam surgir de certa forma, para além do recurso interativo, sob cerceio da liberdade de expressão. Ressalto que, assim como aponta Sousa (2017), a ideia de que o homem tem acesso livre ao corpo feminino, o poder simbólico condicionado à hegemonia o qual legitima outros modos de violência (BOURDIEU, 2002) precisa ser derrubado no momento em que se desconstroem os padrões que justificam a dominação masculina, sobretudo porque “o estuprador não é doente, mas, sim, um patriarca saudável” (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017, p. 251).

3.4.1.1 Culpabilização da mulher frente à liberdade instintual masculina

Ao controlar a mulher no que tange a sua moral e sexualidade, as pessoas não reconhecem que as mulheres são livres, e isso as mantém num meio doente, patriarcal e infeliz, no qual a desigualdade de gênero ganha força (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017). Assim, em casos onde permeiam comentários sobre mulheres que sofrem algum tipo de violência, é comum que justificativas surjam para tentar legitimar determinada atitude contra a dignidade humana, negada à configuração feminina. Aqui, propomos uma reflexão sobre uma das categorias presentes nas PNs que tratam acerca da prática do estupro.

Como dito anteriormente, a PN 1 serve como suporte para mais da metade de comentários publicados, dos quais borbulham discursos e/ou justificativas como:

- [CDM]: Vai pra um apartamento com 3 macho encher o rabo de cachaça e quer oq? (0 curtidas)
- [CDF]: Mas como mulher vai pro apartamento de quem ela nunca viu , ahhh tem gente que procura tbem .. (0 curtidas)
- [CDF]: Poxa vida!!! Foi para o apartamento, acompanhada por 3 homens que conheceu naquele momento?? Muita balela!!! Foi por livre e espontânea vontade, adulta, vacinada, bebeu pq quis. Só o fato de ir ao apartamento, já é consentimento, né??? Inocente que não é??? (8 curtidas)
 - [CIF]:melhor comentário aqui!!! Foi pq quis.... (1 curtida)

É possível perceber que, embora contenha comentários masculinos que atribuem a possível prática do crime à suposta vítima, perfis femininos também compõem um número expressivo ao propagarem discursos que não consideram a possível agressão, mas, sim, o fato de a mulher ter sido provocadora e, por assim dizer, merecedora da ação por consequência de seus atos. Para isso, tornam-se

justificáveis as noções de proibição em aceitar o convite, sair com estranhos e se embriagar; tal ato coloca a mulher sobposta ao homem (BOURDIEU, 2014).

Outra categoria cuja discussão pode ser trazida para esse tópico e que, desta vez, agrupa discursos que alertam à mulher sobre os cuidados a serem tomados para que haja abrandamento dos crimes de estupro além de apelar por justiça. Esse grupo contabiliza 13 comentários, número que representa 3,15% do total e 3,62% dos analisados. Alguns desses discursos são produzidos em comentários on-line, como:

[CDF]: A vítima NUNCA será culpada!! Mas, mulheres vamos exercer o auto cuidado, amor próprio. Ter mais malícia principalmente ao aceitar bebida de desconhecidos. Esses traumas são irrecuperáveis (70 curtidas)

- [CIF]: concordo! Temos que nos proteger pq a coisa não ta fácil. (1 curtida)

[CDF]: Todo cuidado é pouco por parte de nos mulhres. E nada justifica o que esses caras fizeram (0 curtida)

[CDM]: Eu vejo muitas mulheres dizendo que falar do ato da mulher é ser machista. Muito pelo contrário, é alertar a mulher do perigo, isso também evita barbaridades desse tipo. Não adianta fechar os olhos para a realidade e dizer que tudo é machismo e que devemos só falar que a culpa é do estuprador, isso qualquer um sabe e falar isso não vai adiantar nada. Só podemos diminuir esse tipo de coisa com investimentos em tecnologia para que as investigações fiquem mais eficazes e também leis que funcionam, para que a impunidade diminua. O Brasil clama por justiça, por isso temos tantos homicídios, estupros e feminicídios. (1 curtida)

[CDF]: Nada justifica um crime, mas mulheres vamos ter mais malícia, não sair com gente desconhecida, não beber bebidas oferecidas por estranhos etc! Pé atrás nunca é demais! (0 curtida)

Em se tratando de comentários que apelam por justiça ao mesmo tempo que culpabiliza a vítima pelo ocorrido, essa PN possui 1,94% dos comentários que vêm com a seguinte materialidade textual:

[CDF]: Que todos paguem, e que as mulheres sejam mais espertas, pq os malandros tão aí pra dar o golpe e sair de fininho. (0 curtida)

[CDF]: Na minha opinião eles estão completamente errados tem sim q pagar pelo que fizeram mas tipo por que ela foi com três homens que ela conhece (1 curtida)

[CDF]: Que eles paguem por isso.. mas puts ela viu ate a cor da bebida que colocaram.. e ainda tomou? E teve coragem de ir pro apto de um cara que ela nem conhece pra bber com 3 homens? Sem nem oq pensar mais... (2 curtidas)

Os comentários dessas duas últimas categorias nos fazem refletir, embora contendo um alerta ou apelo por justiça, no insistente depósito da responsabilidade do crime sobre a mulher, como se o comportamento e atitude da vítima fossem as únicas saídas para que o problema da prática do estupro dirimisse. Ou seja, apesar de os comentários serem, à primeira e ingênua vista, um alerta que serve como conscientização para a não ocorrência do crime, ao fazer isso, esconde-se o que há

de mais crucial nesse processo: o comportamento daquele que pratica o crime – o homem.

As imagens sociais das faces, ao normalizar o fato de a mulher se proteger para que crimes do tipo não ocorram, banalizam o fato noticiado e tiram o foco da solução do problema em si. Não é ela a agressora e, por isso, não é ela quem deve mudar o comportamento. Sob esta ótica, a mulher deve se sentir segura e o homem deve entender que tal conduta não é apropriada e que, inclusive, está sob risco de penalização judicial.

Ainda sobre os recursos linguísticos dos comentários, as risadas (ao usar recursos como “kkkk”, “rsrsrs”, “hahaha”, entre outras formas virtuais de se expressar o riso) também são formas de ironizar o que foi postulado no comentário e, conseqüentemente, produzir um sentido oposto. Importante destacar a multimodalidade (já refletida teoricamente nesta dissertação) é percebida em muitos dos comentários da referida PN, como no comentário:

[CDF]: 😊olha a carinha dela de inocência kkkk (1 curtida)

Há, além do mais, comentários que denotam a ação denunciada, o estupro, como uma consequência cabível e previsível do ato de beber e aceitar o convite para ir ao apartamento onde supostamente teria ocorrido o crime relatado, como em:

[CDA]: Casa amarela, bebida amarela oh my good esse trem amarelo e dos bons em (0 curtidas)

Seguindo a permeação acerca das categorias, a PN 2 também traz comentários que denotam, além de revolta, um alerta às mulheres sobre cuidados que devem ter ao se relacionar com outras pessoas. Os comentários a seguir somam 6,25% dos analisados.

[CDM]: Já que isso não para e as leis são frouxas, tá na hora da mulherada bolar um plano pra evitar tanta morte. Levou um empurrão, já é hora de correr. (0 curtida)

[CDM]: Mulheres não seja mais uma vítima, aprendam a se defender, pratique defesa pessoal Israelense (retirado pelo autor) O perigo está mais próximo do que vc imagina (1 curtida)

[CDF]: Jesus amado!! Vamos acordar mulherada a vida não é contos de ♀ ☐ ..lamentável (1 curtida)

Ora, os discursos veiculados nos comentários dessa categoria reverberam no sentido de responsabilizar a mulher em relação ao ato de ser estuprada. Como na análise da PN 1, essa categoria permeia comentários que veem solução para o problema a partir a mudança e cuidado a partir da própria vítima, não na mudança do

comportamento do agressor. São comentários que veiculam discursos normalizadores da noção de homem agressor.

Apesar de pontual e em uma porcentagem relativamente pequena em comparação às outras categorias, é interessante trazer comentários da PN 5 (0,72% dos analisados nessa PN) os quais veiculam a inferiorização da figura feminina:

CIM: se está difícil é só virar homem igual a tammy fez (0 curtida)

CIM: nossa bem difícil mesmo ser privilegiada nessa sociedade , nem pra sair precisam de gastar dinheiro , bem difícil mesmo (0 curtida)

Os últimos comentários, que são postulados como réplicas de CDs de perfis que demonstram medo de ser mulher, trazem à luz claramente um perfil comentador o qual desconhece e/ou desconsidera o problema social relacionado à violência contra mulher; revela desconhecimento da desigualdade que vem se arrastando na história humana. Reverbera, ainda, a desconsideração à integridade de um corpo e seu direito de se manter inviolado.

Em análise dos enunciados que parecem se esforçar para justificar o injustificável, há o maior agrupamento de comentários da PN 6, os quais culpam a mãe por ter sofrido agressão do filho.

[CDF]: Pq que uma mulher de 40 anos não meteu um chute na cara desse filho/pivete? (87 curtidas)

- [CIF]: vc é demais kkkkkkkk🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔 (3 curtidas)

[CDM]: Ah! Deve ser daquelas crianças que nunca levaram uma surra dos pais, que sempre teve tudo que quis. (56 curtidas)

Assim, pode se dizer que a agressão, estupro e morte sofridos pela mulher são consequências de um problema social enraizado como é o caso da herança colonial (QUIJANO, 2009) e inferiorização de um dos gêneros (ADICHIE, 2014), e que está atrelado a muitos fatores, como a legitimação de estupradores, perpetuação da misoginia, reverberação da violência estrutural em nossa sociedade através da desigualdade de gênero (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017). Sendo assim, há que se pensar na configuração do papel da mulher como alocada e imersa em um arcabouço moral e social, sendo necessária uma mudança profunda no tratamento da mulher perante a sociedade.

3.4.2 Discursos de justificação e vingança privada: hostilidade, agressão e desejo de morte como soluções cabíveis *versus* justiça legal

Os comentários também veiculam discurso que se liga à questão da des/consideração do outro e da prática de linchamento virtual, assim, é imprescindível salientar sobre os discursos que perseveram a ideia de punição – sobretudo de forma ilegítima – incluindo o desejo da morte enquanto solução para crimes contra a mulher e da referida configuração do inimigo (tópico 2.4.1).

5,29% dos comentários analisados da PN 1 mostram algum tipo de apelo por justiça ou revolta com o suposto crime cometido, conforme exemplos a seguir:

[CDM]: Capa os 3 (0 curtida)

[CDF]: Ninguém merece ter o corpo violado, independentemente de onde está ou com quem está. Uma castração química vocês não quer né?!

[CDF]: Homens embriagam e estupram mulheres, mulheres embriagam e são estupradas pelos homens, NÃO É O ÁLCOOL! (2 curtidas)

[CDM]: Deveriam ficar presos preventivamente até o resultado dos exames. Só no Brasil mesmo!!! (3 curtidas)

É possível depreender, nessa categoria, discursos violentos no sentido de punir os suspeitos. Uma hipótese de significado é de que a ideia de punitivismo dado “pela mesma moeda” seja resquício do sentimento de impunidade e, muitas vezes, de banalidade ao entender que os trâmites processuais e punições concebidos pela justiça estatal pública para suspeitos ou condenados por crimes como estupro e feminicídio bem como seus desdobramentos e penas não são suficientes para solucionar o problema.

Nesse caminho, surge para a PN 1 os comentários que expressam, alguns por intermédio de vocabulário religioso, sentimentos que veiculam repulsividade (2,5% dos analisados) na configuração do outro, mas que curiosamente não recebem curtidas, como em:

[CDF]: Credo (0 curtida)

[CDF]: Misericórdia (0 curtidas)

[CDF]: Que nojo disso 😊 (0 curtida)

Sobre esses comentários, apesar de não veicularem o desejo de vingança de forma explícita, deixam claro uma segregação social a partir do ato reportado pela notícia. Além disso, são significações que se utilizam do eufemismo e, noutra hipótese de significado, não recebem curtidas porque a força ilocucionária não provoca curtidas ou a produção dos comentários indiretos. Nesse ponto, notamos que as reações de outros perfis estão mais voltadas para comentários com discursos extremos, desejosos por punições radicais.

Sobre a PN 2, 10,41% dos comentários analisados possuem discursos que veiculam a insatisfação para com as leis brasileiras e que, a partir da insatisfação, recorrem a sugestões extrapoladas de punições socialmente ilegítimas, como em:

[CDF]: Pena de morte pra esses homens que mata mulher já passou da hora dessa lei mudar (0 curtida)

[CDF]: Não e novidade um tipo de notícia dessa em Goiânia aliás no Brasil, estamos em um país que a lei e a favor do bandido e dos homens, sim e isso msm aos homens leis fracas e sem talento, até quando iremos ter q ver notícias assim ?? Não iremos nos calar por conta de machos escrotos, claro q não são todos porém os que são não tem punição para eles, e pedir muito uma pena de morte para eles ?! 😞😞 Enfim, Brasil sem leis (0 curtida)

- [CIF]: é verdade viu (0 curtida)

[CDF]: Isso tá virando moda.. Mas tbm com a justiça que temos fica difícil..tem de ter pena de morte pra esses monstros (3 curtidas)

Ao que parece, comentadores, através da insatisfação com CP, agem de forma violenta ao desejar morte ou tortura como punição no sentido de repetir o discurso macro: “bandido bom é bandido morto”. Trata-se de uma configuração ilegítima, porque exclui direitos de ampla defesa e afins previstos legalmente.

A segunda maior categoria de comentários da PN 3, a qual conta com 18% dos comentários analisados, foi composta por comentários que apontam para discursos acerca da revolta com relação à justiça e indagações são comumente vistas no sentido de questionar a ineficácia das leis, como visto em:

CDF: Já tem passagem por estupro e roubo pq ainda está solto? E justiça brasileira fraca (12 curtidas)

CDF: Esse não é o cara que tá sendo procurado pelos estupros aqui em Goiânia? 😞 Pra quê tampar a cara do sujeito? (12 curtidas)

- CIF: concordo plenamente!!!! (0 curtida)
- CIM: e ainda citam o infeliz como “suspeito” (0 curtida)

Além da revolta com relação à justiça, há ainda a insatisfação com a exibição da foto do suspeito a qual, por preservação da identidade, foi editada e borrada. Uma hipótese de significado levantada a partir desse fator é o de desejo de exposição e ridicularização da imagem social do suspeito em confronto ao que foi supostamente feito por ele.

Ainda sobre a PN 3, 14% dos analisados relevam apelo por justiça, contudo, pode ser observado que a ideia de punição também aparece agregada a tais discursos, como no turno a seguir:

[CDM]: Todos estupradores deviam andar com tornozeleira e ser monitorados 24 horas (2 curtidas)

- CIF: deveria ser castrados (2 curtidas)
- CIM: Concordo plenamente com vc (...)
- CIF: Sim, e ainda sim deveriam ser castrados. Se pegos novamente ter os membros decepados... Assim (1 curtida)

É possível, em semelhança às PNs 1 e 2, que o descontentamento em relação às penas legais do país parece ser motivador aos olhos dos comentaristas. Se, de um lado, há quem apele para a tortura e mutilação dos suspeitos, há, como nesse caso, quem comente apelando para a morte como forma de punição (ilegítima). A partir daí, ainda sobre a PN 3, pode ser visto 12% dos comentários analisados que veiculam a ideia de morte, como em:

[CDM]: Mata! Não prende não (21 curtidas)

[CDF]: Poderia ter acontecido uma suposta troca de tiros é ele ter levado ao menos uns 10 da cara... isso pra mim não devia nem está nas Ruas... é justiça brasileira.... (0 curtida)

[CDM]: Sou contra pena de morte . Mata sem pena mesmo. (0 curtida)

Em comparação aos demais comentários da PN 3, nota-se que, mesmo não possuindo CI, o primeiro desses é possui o maior número de curtidas. Isto é, a reação de 21 perfis aprova a sugestão veiculada. Com isso, há que se perceber a reverberação a partir de um nível de aprovação do discurso entre aqueles que reagiram; fator que mostra determinada representatividade e (i)legitimação enquanto efeitos do discurso (embora essa não seja a maior categoria em número de comentários).

Apesar da expressiva sororidade presente nos comentários da PN 4 (a ser discutida nesta pesquisa), surge, em continuidade à análise, o ódio e a morte como punição, os quais são vistos em 10,95% dos comentários analisados da referida PN. Esse fato leva a refletir acerca da configuração do inimigo que se molda e é justificada a partir de um padrão de comportamento. Tais discursos se estruturam como:

[CDM]: Esse pode TROCAR tiros com a Rotan...😄(39 curtidas)

[CDM]: Jazin sai a notícia que resistiu a prisão e foi morto por colocar em risco a vida de terceiros durante a tentativa de abordagem 🤖 (21 curtidas)

- CIF: assim seja! (1 curtida)
- CIF: espero que seja assim. (0 curtida)

Aqui, é possível notar os CD, em sua maioria, partindo de perfis masculinos, e no turno acima, sendo ratificados por discursos oriundos de perfis comentaristas femininos. Tais diversificações em termos de autoria bem como o número de curtidas que tais comentários recebem acabam por destacar tais discursos dentro da plataforma.

Ainda sobre a PN 4, existem ainda comentários cujas significações são no sentido de sugerir e defender o porte de arma a mulheres na busca de uma defesa pessoal formam mais uma das categorias. Assim como foi no segundo maior grupo

de comentários dessa PN, esses são protagonizados por mulheres. Desse grupo, fazem parte 28 comentários, 9,58% dos analisados, dos quais, destacam-se estes:

CDF: Porte de arma para mulheres!! Sério, precisamos. (208 curtidas)

CDF: [#portedearmaparaocidadadaodebem](#) (62 curtidas)

CDF: Posse e porte de armas para legítima defesa de mulher, a lei do feminicídio não impede que sejamos vítimas de marginais e da violência praticada por eles. (32 curtidas)

Esses comentários, além de endossarem a ideia de um cidadão retrucar e reagir contra um ato criminoso, se aproveitam do que foi noticiado para impulsionar uma ideia bélica a qual é comum ver em comentários de notícias ou reportagens que referenciam algo referente à violência e/ou armamento e possui caráter polêmico por apresentar polaridade no quesito de a segurança ser um direito do cidadão mas a responsabilidade de proteger está atrelada ao Estado. Isto é, tais posições ao veicularem essas ideias e com base na criminalidade, reverberam no posicionamento que defende uso de armas a fim de responsabilizar o cidadão como agente de sua própria segurança, a qual é dever do Estado – Seria esse outro mecanismo usado para responsabilizar a mulher?

Importante dizer que uma das menores categorias em número de comentários (6% dos comentários analisados) da PN 4 veiculam discursos de alívio (todos com expressões religiosas) a partir da prisão atreladas à ideia de revolta contra o suspeito. Todos esse comentários foram protagonizados por perfis femininos. São eles:

CDF: Graças a Deus não solta tão cedo ele vai ver o que é bom (0 curtida)

CIF: graças ao meu bom Deus e minhas orações e de muitos ❤️🙏🏻 Deus é perfeito! Agora vou treinar de boas 😊 (0 curtida)

CDF: Graças a Deus, foi preso. Que permaneça. Tinha que mostrar o rosto dele. (0 curtida)

5,82% dos comentários analisados da PN 4 levantam insatisfação para com leis, policiais e governo. Nesse caminho, os comentários com mais curtidas da categoria se materializam das seguintes formas:

[CDM]: E até hoje não existe pena de morte para um indivíduo desse, lamentável! (175 curtidas)

- [CIA]: Concordo perfeitamente com você 🙌🏻 🙏🏻 (1 curtida)
- [CIF]: deveria existir ... 😊 (1 curtida)

[CDM]: Vi essa reportagem ontem, que absurdo as mulheres não tem sossego não. Esses homens matando e estrupando mulheres, as leis nossas são muito fracas, a Maria da Penha precisa urgente um punição severa contra esses psicopatas ou doentes mentais. (15 curtidas)

- CIM: bandido não respeita a lei e sim o que teme !
- CIF: Nesse caso, nao entra a Maria da Penha (1 curtida)

Outra categoria surgiu com o mesmo percentual da anterior (5,47% dos comentários analisados); estes apelam por “justiça” através do discurso postulado, como é visível em:

- CDM: Tem q castra. (3 curtidas)
- CDF: Aguardando a Rotam (2 curtidas)
- CDF: Que a próxima notícia seja ele preso! Ou... (2 curtidas)
 - CIM: tomara que seja a segunda opção, ou.... (1 curtida)

Ao agrupar e contabilizar os comentários das três categorias anteriores, oriundas da PN 4, as três veiculam uma aproximação no que se refere ao modo como sugerem a punição, embora suas significações possuam distinção. Através de discursos que apoiam o porte ou a posse de armas e/ou defendem a pena de morte leva depreender um nível de extrapolação da punição tomando como base o CP.

No contexto da PN 4, o turno de comentários mencionados acima disposto por CD e CI traz uma ideia de punição que também é extrapolada e que o perfil comentador, talvez pela carga semântica, suprimiu por meio das reticências, o que não impede o perfil comentador do CI de não apenas depreender, como também concordar com esta segunda opção implícita.

Em meio ao emaranhado de discursos, comentários formam a categoria (6,16% dos comentários analisados) que, talvez devido à frequência da ocorrência de relatos de violência contra mulher, veiculam significados marcados pela revolta seja com o ato em si, seja pela sensação de impunidade ou pela sensação de desassossego. Tais discursos podem ser vistos em:

- [CDF]: Absurdo viu, não pode nem ter sossego. (6 curtidas)
- [CDF]: Ate no Salao ? Minha indignação com abuso sexual não tá escrito! Meu Deus, quando teremos paz?! (0 curtida)
- [CDF]: Fugiu de bicicleta e não foi localizado? (0curtida)

Outras significações, por intermédio da revolta com relação ao noticiado, marcam discursivamente indagações acerca da presença de perfis comentadores que justificam a ação e culpabilizam a vítima pela ação, ainda que esta categoria não tenha sido constatada nesta PN. Ainda assim, é importante destacar comentários como o que segue para refletir a ocorrência de significações que revelam a responsabilidade do crime colocada sobre a mulher:

- CDM: Cadê o cidadão de bem falando que ela mereceu pq tava em casa sozinha? (0 curtida)

Há que perceber, como já visto em demais comentários, que algumas estruturas recorrem à ironia para fomentar a significação discursiva. Seu uso no comentário acima gera, como de praxe, um sentido oposto ao da estrutura postulada

uma vez que a vítima estava num comércio, à luz do dia e na companhia de outras pessoas. Assim, funciona de forma argumentativa àqueles que justificam um estupro em função do horário, local, roupa da vítima e afins.

Contrariando comentários os quais defendem o uso de armas, foi verificado 4,1% de comentários os quais discordam sobre a posse e porte de armas. Num jogo de réplica e tréplica, por ser um grupo formada por CIs, as significações se baseiam em estatísticas, contexto do ocorrido e outros fatores em tentativa de contra-argumentar em desfavor dos CDs que fazem apologia ao uso de arma por civis, como em:

[CIM]: muitos dos etupros acontecem em casa, seja por maridos, pais ou irmãos... mts considerados cidadãos de bem... imagina esse pessoal armado... (16 curtidas)

[CIF]: Se ela tivesse uma arma, ela estaria morta agora. (8 curtidas)

[CIM]: concordo q são, mas esses sao os "cidadãos de bem" q tanto falam, pessoas q parecem do bem porém possuem comportamentos abusivos e machistas. E outra, mesmo se a moça estivesse armada, n da pra saber oq aconteceria, a pessoa esta em pânico, o homem esta armado, provavelmente a mulher n possui treinamento com arma, no pior das hipóteses ela estaria morta... infelizmente armas n são a solução pra acabar com a violência (4 curtidas)

Seguindo por este grupo, 5,43% dos comentários da PN 5 englobam apelos por justiça (embora o comentário mais curtidos deste grupo extrapole as penas previstas no CP) visto que a notícia, apesar de atualizar informações da PN 4, não sana a sede destes perfis comentadores no sentido de capturar, expor, humilhar, torturar, mutilar e matar o suspeito por ter supostamente cometido os crimes relatados.

[CDF]: Sei que não devemos resolver o mal com o mal, mas dá vontade de ser a favor de cortar as partes de todos os estupradores! 😡 (8 curtidas)

[CDM]: E o ladrão vai ficar preso quantos dias ? (3 curtidas)

Comentários com revoltas diversas também se fazem presentes nessa PN. Estes comentários contendo insatisfação e certa dose de raiva também são presentes nas PNs anteriores. Porém, a ocorrência dessas significações são ofuscadas por levantes maiores (já citados).

[CDF]: Absurdo!!!! (6 curtidas)

[CDM]: Nunca vai ser uma roupa curta, nunca vai ser uma atitude! A culpa é SEMPRE do estuprador! (5 curtidas)

[CDM]: 🚲 bicicleta e não foi encontrado ?? Realmente brasil não é pra qualquer um (0 curta)

Esse último comentário estrutura sua insatisfação e revolta por meio de uma indagação que põe à prova a capacidade das autoridades no sentido de capturar o

suspeito visto que este estava em desvantagem ao fugir usando uma bicicleta. Essa significação também é reforçada por meio dos ideogramas que representam gargalhadas.

Na PN 5, também não faltaram os comentários que desejam a morte como punição para o suspeito (3,62), que se revoltam com as leis e autoridades brasileiras (2,53%), que defendem a posse e o porte de armas (1,08%).

Sobre a PN 6, é importante frisar que o comportamento inerte dos pais (homem e mulher) é criticado e, também protagonizado por perfis femininos, os comentários (16,84%) cobram posturas mais duras em relação à criação do/s filho/s. Nesta conjuntura, é importante ressaltar que a figura paterna só aparece nos comentários em conjunto com a materna, denotando uma atribuição do papel de instruir dada predominantemente à mulher.

[CDF]: Falta de limites, isso acontece porque os pais não podem corrigir e educar os filhos (24 curtidas)

[CDM]: Reflexo da boa estrutura familiar. (19 curtidas)

- [CIF]: eu concordo. (0 curtida)

No conjunto de julgamentos, comentários que responsabilizam a criança de sete anos como se esta já contivesse total discernimento de seus atos (8,94% dos comentários); Isso se dá pelo fato de alguns dos comentários apresentarem ações punitivas ao garoto.

[CDM]: chucky é vc (10 curtidas)

[CDF]: Esse merece está dentro do barril (0 curtida)

[CDM]: Cadeia no pebinha .. (0 curtida)

Cabe ainda dizer que as categorizações desta PN não cessam com a última exposição de comentários. Ou seja, outros grupos também foram formados no que tange à responsabilização atribuída a autoridades (3,68% dos comentários). Não suficiente, comentários que justificam punições diversas com base em comparações com a infância dos perfis comentadores também são visíveis em 3,15% dos comentários. Neste sentido, Dijk (2008) explica que esta “auto-apresentação” faz com que o leitor perceba somente este elemento como o prioritário.

A partir das exposições e análises, é possível perceber que alguns comentários são abastecidos de algumas polaridades políticas contemporâneas brasileiras, as quais puderam ser vistas a partir de 2018 (sobretudo a partir das campanhas eleitorais), e se valem da apologia à posse e ao porte de armas. Outro elemento, concomitante ao que foi citado anteriormente, presente nas PNs é a incitação à violência. Com destaque à PN 6, a agressão é vista como forma de

moldar condutas passíveis de criminalização segundo o CP. Esses posicionamentos, além de discordar das punições previstas conforme a legalidade, também vão contra, nesse caso, às previsões punitivas e socioeducativas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8069/1990).

Também, de forma apática, parte dos perfis comentadores apelam por justiça ilegítima ao defenderem, com exceção da PN 6, a morte como punição mesmo sabendo que se tratam de acontecimentos, à época, ainda em investigação, portanto, sem condenados. O que também fere as punições legais, ao desconsiderar o valor e a eficácia de medidas socioeducativas e posterior reinserção na sociedade, e anula artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ou seja, sem precedência, a configuração do direito à vida é reverberada através de tais discursos. Sendo assim, sob o escudo protetor da liberdade de expressão, ainda partindo da premissa de falso anonimato e distanciamento proporcionados pela interação no ciberespaço (COSTA, et al., 2021), discursos que banalizam o mal³⁶ ao passo de que a integridade do outro é balizada através do ódio são percebidos.

Alguns comentários, não menos incisivos, indagam o uso da palavra “suspeito” e, assim, mostram o confronto com o texto gerador a fim de repelir a estrutura linguística usada pelos redatores os quais primam pela ética profissional jornalística; este fato já inicia o processo de configuração do inimigo. Dentre eles, são notados confrontos com os comentários que tentam apaziguar – através de estratégias de polidez - a fúria transbordante num embate de faces e imagens sociais assimétricas (BRONW; LEVINSON, 1978).

3.4.3 Discursos de sororidade e empatia

Com base no *corpus*, foi possível inferir que, se, na vida real, a mulher parece ainda não possuir potência a depender de seu posicionamento ou mesmo coragem suficiente para se posicionar – fator causado pelo ambiente patriarcal -, no ciberespaço, a mulher pode encontrar um alicerce a fim de manifestarem-se frente a uma situação de injustiça seja por condição de gênero, seja por condição social.

³⁶ Entendemos Banalidade do Mal a partir do conceito da filósofa alemã Hannah Arendt (1999), a qual conceitua o termo como a mediocridade dentro de um espaço institucional criado pela ausência de criticidade; é a naturalização de situações negativas a partir da recorrência delas. Isto é, a ausência de surpresa em se tratando de cenários trágicos configura a naturalização de tais cenários.

Se, de um lado, o manto conservador está alinhado à tendência de se perpetuar, de outro, há que se pensar no discurso que liberta e tenta quebrar com essa vertente patriarcal se alinhando ao combate à violência e aos direitos humanos. A sororidade e a empatia, sobretudo na virtualidade, se fazem a partir da publicação de dizeres de apoio, de acolhimento e de quaisquer representações da luta pela igualdade de gênero e pela posição legitimada da figura feminina frente à sociedade.

Aqui, serão expostos grupos de comentários categorizados os quais revelam certa proximidade e alteridade com a vítima (suposta ou consumada) no sentido de exercer a sororidade a fim de entender como os discursos desta significação macro são publicados e quais são seus pesos. É válido salientar que os comentários on-line que veiculam sororidade se configuram das mais diversas maneiras, seja por meio extremo do medo, indignação, ódio, vingança e justiça. Assim, alguns dos grupos categóricos de comentários on-line já expostos caberiam nessa topicalização, mas o foco aqui serão comentários que veiculam principalmente ideias com base no acolhimento, simpatia, do desejo de dias melhores ou da torcida por alguém.

A PN 1 abordava, à época da coleta, 108 comentários, 30,08% dos analisados, - segundo maior grupo de comentários categorizados desta PN – que veiculam crítica aos ataques sofridos pela mulher feitos por meio de outros comentários (os que culpabilizam, por exemplo). Nessa categoria, percebe-se a composição de 100% dos comentadores de autoria feminina. Nesse sentido, é possível conferir o cunho de sororidade no formato comentário on-line em:

[CDF]: Estou chocada com a quantidade de mulheres julgando é culpando a vítima. PELO AMOR DE DEUS. (308 curtidas)

- [CIF]: será?! Eu não gostaria de ser criticada, julgada ou culpada por algo que as pessoas nem sabem como aconteceu. Outra coisa, aceitar convite agora é pedir para ser estuprada?! Se fosse com você, em um momento como este gostaria de ser criticada, julgada ou culpada?! Por favor SORORIDADE (0 curtida)

[CDF]Meninas por que vocês só colocam a culpa na mulher ??? Gente não acuse não deixa pro juiz . Vamos ter mais empatia . (107 curtidas)

[CDF]: 10 dias p sair o resultado??? Eles já estão longe... e vão fazer de novo!!! É o fim mesmo!!! Minha solidariedade p essa mulher é q ela consiga ficar bem!!❤️🙏 (1 curtida)

[CDF]: Contada da mulher de além de ter passado por algo assim ainda tem que conviver com os julgamentos dessa sociedade podre(a maioria mulheres julgando) (0 curtida)

Em continuidade a essa discussão, 8,33% dos comentários analisados da PN 2 possuem significações que demonstram receio de determinadas situações por parte de quem comenta. Os comentários borbulham discursos como:

CDF: Por um mundo onde possamos terminar e continuarmos vivas. (15 curtidas)

- CIF: 🙌🙌🙌🙌 está difícil hoje em dia viu (1 curtida)

CDF: As mulheres tão novas lindas cheia de vida ser morta assim me dá um medo de arrumar homem eu sei que nem todos são iguais mas não deixa de ser macho o melhor e ficar sozinha assim ninguém vai nos matar se envolver e pior que droga pra entrar e fácil mais pra sair só morta Deus e mais e nos proteja todas as mulheres. (0 curtida)

CDF: Não tá dando mais não..melhor solteira do que morta. (0 curtida)

Sobre os comentários deste grupo na PN 2, todos os perfis, exceto um, são femininos. Essa exceção, entretanto, mostra marcadores discursivos em seu comentário que se representa como feminino por fazer uso do pronome oblíquo “nos”, como é visto em:

[CDA]: Parem de nos matar! (2 curtidas)

Na PN 2, 2,08% dos comentários analisados carregam significados de comentadores que se familiarizam com a narrativa da notícia, o que, de certa forma, funciona como discurso acolhedor no sentido de encorajar mulheres a saírem de relações abusivas como em:

[CDF]: Misericórdia, até quando vamos acordar com essa notícia ninguém e de ninguém, nem propriedade si a relação não vai bem vida que segue, Vivi 17 anos em um relacionamento abusivo só não teve agressão nas é resto foi horrível achei que não conseguiria viver sem ele mas estou aqui graças a Deus 🙏... (1 curtida)

[CDF]: Fiquei tão perturbada psicologicamente que ele com o advogado dele me fez assinar uma procuração onde passava TD pra ele saí sem nada, mas não me preocupo com bens materiais prefiro a paz... (1 curtida)

Sobre a PN 4, apesar de conter o reconhecimento do outro trazido na análise da maior categoria desta PN, 17,8% dos comentários analisados trazem comentários que veiculam medo de ser mulher na sociedade brasileira. Chama a atenção todos os comentários desta categoria serem de perfis comentadores femininos, o que também denota a imersão em uma sociedade acostumada com a cultura do estupro a ponto de banalizar essa prática. Os mais curtidos são:

[CDF]: Mulher não tem um dia de paz. 😞 (390 curtidas)

[CDF]: Não tá fácil ser mulher 😞😞 (44 curtidas)

[CDM]: Até quando homens vão achar donos de vidas alheias?! Terminou segue a vida gente! (27 curtidas)

[CDF]: Eu faria o mesmo pulava na hora !! (109 curtidas)

[CDF]: Meu Deus que desespero :(que agonia (35 curtidas)

Sobre a PN 5, tem-se discursos como:

[CDM]: Ela será curada em nome de Jesus 🙏 (80 curtidas)

[CDF]: Ela vai voltar andar sim, eu passei por uma cirurgia na coluna houve um erro médico. Fiquei 6 meses sem sentir as pernas mais graça ADEUS eu recuperei o movimento das pernas eu ando graça ADEUS. Fique com

pequenas secuelas tenho o lado direito do quadril e bum bum dormente tipo paralisia e manco pra andar mais isso não é nada tou bem? (70 curtidas)

Nessa PN, também não faltaram os comentários que denotam medo por ser mulher (4,34%), mas o que chama atenção pela quantidade (23,91% dos comentários analisados dessa PN) são os comentários que revelam tristeza ao saberem que a vítima pode ficar paraplégica em decorrência da queda. Isso pode ser depreendido conforme interpretação multimodal da maior parte destes comentários, os quais são estruturados por meio de ideogramas pelos os perfis comentadores.

[CDF]: Meu Deus 😞 (1 curtida)

[CDF]: Que notícia triste! 😞 (1 curtida)

Nesse sentido, entendo os ideogramas como formas de complementar o discurso. Uma hipótese é a que o perfil comentador queira dar mais ênfase para o que está sendo dito e mostrar, por meio de uma expressão facial digital, como este teria verbalizado este discurso caso fosse um ato comunicativo presencial ou mesmo para facilitar a depreensão do sentido no leitor.

Partindo para os comentários da PN 6, embora perfis comentadores femininos produzam maior parte dos discursos violentos nesta PN, discursos com reações de tristeza, também protagonizados por perfis femininos, se categorizam e somam, mesmo que em menor recorrência, 17,89% dos comentários.

[CDF]: Misericórdia, o mundo tá cada vez mais sinistro (9 curtidas)

3.4.4 O silenciamento no emaranhado de comentários: as mobilizações de foco como forma de omissão do problema social

Cada PN mobiliza uma diversidade de comentários on-line que circulam e não estão diretamente ligados a veiculações de grupos categóricos da análise. Além disso, as mobilizações discursivas a fim de calar e “levar a melhor” através do enfraquecimento do argumento e comportamento do outro (visto nos tópicos sobre cultura do estupro e justiça) – por intermédio do ódio e, por vezes, do insulto - ainda precisam dividir espaços com comentários que lançam mão das mais variadas justificativas e recursos linguísticos. Tais discursos, em mais uma hipótese de significados, contribuem para um objetivo comum e cruel: a omissão do problema central enquanto causa do ocorrido, o que reverbera a inferiorização da mulher.

Em retomada à análise da PN 1, 3,06% dos comentários analisados trazem ironia à matéria. A partir do entendimento de ironia, é possível perceber que o perfil comentador que faz uso da ironia é diverso e seu comentário contribui, sobretudo, para silenciar ao mudar o foco do ocorrido e/ou, como aponta Fairclough (2001), da discussão ao intertextualizar o não dito. Os comentários possuem, nas entrelinhas, significados – os quais dependem de quem interpreta (FAIRCLOUGH, 2001) - que levariam a categorizá-los dentro de alguns grupos já destacados até aqui, mas que provavelmente, no emaranhado de discursos, não teria um olhar crítico e focado para a figura de linguagem utilizada.

Usando da hipérbole e, alguns com emojis (caso de multimodalidade), os comentários apontam para a não necessidade de se alarmar visto que um dos perfis comentadores acredita que, nesse ritmo, está cada vez mais “burocrático” se relacionar sexualmente com alguém, fato que, olhado mais a fundo, ridiculariza e desconsidera a versão a vítima. Um exemplo seria:

[CDM]: Daqui uns dias pra vc transar com sua namorada vai ter que ter contrato assinado em cartório 😏😏😏😏 (1 curtida)

Há uma parcela de comentários da PN 1, 0,8% dos analisados, que possuem como foco a cidade de Caldas Novas-GO como sendo um local violento; e, por fim, 53 comentários, 12,86% dos coletados, não puderam ser analisados por não denotarem semânticas possíveis de ser compreendidas, inviabilizando a categorização e somatória a alguma significação. Dentre eles, comentadores marcando outros perfis (certamente para que estes perfis vejam a PN e/ou comentários), apresentam discurso incoerente, concordam ou discordam de algum comentário, fazem perguntas sobre elementos da narrativa da matéria, entre outros.

Sobre o foco posto sobre a localidade do ocorrido além da PN 1, a PN 2, com 1.04% e a PN 3, com 10%, em seus respectivos contextos e localidades também apontam a localidade como justificativa para a violência relatada. Assim, vê-se a tentativa de se evitar debater (por perpetuação do discurso patriarcal ou pela insuficiência de informatividade) acerca do real, complexo e enraizado motivo do acontecimento. O olhar dado a essa circunstância aparece neste turno da PN 3:

[CDM]: Goiânia é mais perigoso que Rio de Janeiro e São Paulo. Credo (6 curtidas)

- [CIF]: muito mais !😞 (1 curtida)
- [CIM]: Pse é triste (1 curtida)
- [CIM]: quando vc entrar em uma favela, com 10 fuzil apontado para vc, aí tu vai veer oque é perigoso. (2 curtidas)

- [CIM]: já entrei ;)

Não diferente da PN 4, todos os comentários do grupo o qual coloca a localidade como fator para a violência são publicados a partir do perfil comentador feminino e se estruturam como:

CDF: As mulheres de Goiânia não estão seguras! (1 curtida)

CDF: Tá (editado) essa região aq do eldorado parece q os bandidos vieram tudo pra cá misericórdia (1 curtida)

Além dos grupos que desfocam o ocorrido com justificativas geográficas, há grupos menores da PN 4 os quais possuem comentários que denotam certa zombaria com o fato publicado (1,02% dos comentários analisados), o que também contribui para a omissão daquilo que, de fato, importa. Entendo, assim, que usar recursos para fazer calar, debochar ou mudar o foco do noticiado contribui com a política do silêncio ao impedir, por meio da censura e manipulação, a discussão democrática e justa da luta pela configuração feminina na sociedade brasileira. Toda essa ação através dos comentários corrobora as teorias de Austin (1990) e dá subsídios para considerar como agente não apenas o perfil comentador, mas também o gênero comentário.

3.5 A figura feminina no contexto machista, misógino e patriarcal

A partir das análises expostas por meio dos quadros e tópicos 3.3 e 3.4 (bem como seus subtópicos), é possível inferir um discurso macro, ao comparar os pesos das respectivas PNs, em que a figura das mulheres, em cada caso, mobiliza alguns itens lexicais (SAL PAZ, 2013) cujas semânticas entre cada notícia corroboram para um fim. A condição feminina é uma temática que ressalta dos comentários numa interação que é impulsionada pela tentativa de levar a melhor sobre o outro, uma disputa em que o sexismo atua por intermédio de locutores que se veem num local de superioridade – ou numa “bolha”³⁷. Isso revela a ignorância somada à desigualdade de gênero que reverbera na insignificância humanitária.

Acerca das categorias e a contagem da quantidade de comentários que pendem para determinada significação, entendemos, na ótica de Adichie, que “se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com

³⁷ Em, concomitância ao conceito de Bolhas Sociais, segundo Pellizzari e Júnior (2019), as quais são como confinamentos em que os internautas são submetidos nas redes sociais por uma configuração do algoritmo, também entendo “bolha” como o confinamento em que a pessoa escolhe ficar ao não considerar ideias contrárias as dela.

frequência, ela se torna normal” (ADICHIE, 2014, p. 5). Em outras palavras, a ocorrência de determinados discursos leva a pensar numa normalização e naturalização de tais práticas.

De um lado, comentários que atacam, criticam, ferem, inferiorizam, responsabilizam as vítimas. De outro, mesmo que de em menor ocorrência em determinadas comparações, comentários que acolhem, se solidarizam, se revoltam com o ocorrido. Isto é, comentadores ganham notoriedade a partir do cunho polêmico que os divide em dois grandes grupos: os alinhados aos direitos humanos e os conservadores desejosos de uma manutenção dos valores patriarcais. Diferentemente da análise feita por Magalhães (2017), o que se vê, nesta análise, é o discurso controlador, machista e violento predominando sobre o “discurso emancipatório” (p. 588) e, como afirma Bourdieu, “a força da ordem masculina se evidencia” (2014, p. 23).

Isso se dá, por exemplo, no caso da análise da PN 1, a qual mobilizou, mesmo primando pela ética jornalística no tratamento do caso como sendo suposto estupro, comentários (60,55% postados por perfis comentadores femininos) que justificam o acontecido já que “a vítima fez por merecer”. Comparado a esse número, comentários que criticavam tais ataques à vítima formam um grupo 44,4% menor. Aqui, percebo, à ótica de Adichie (2014), que a recorrência de comentários que desconsideram a mulher, sobretudo em relação à força e destaque destes, é preocupante dentro de uma sociedade que precisa evoluir no que se refere ao problema de gênero. Sobre isso, Borba (2014) recorre a Butler (2003) para dizer que

gênero não é uma propriedade dos indivíduos, uma essência refletida em seus atos e corpos, mas algo que se faz em nossas ações cotidianas, um efeito pragmático de um amálgama de recursos semióticos (língua, entonação, tom de voz, o que/como se fala, roupas, cores, texturas, cortes de cabelo, posições corporais etc.) usados localmente para este/a interlocutor/a aqui e agora. (BORBA, 2014, p. 448)

A fim de agregar a esse pensamento da prevalência do discurso machista, a presença de comentários que alertam às mulheres, mesmo que de forma ingênua, acerca do perigo estão presentes na maioria das PNs. Na contramão da conscientização que deveria partir do agressor, como já dito, estes comentários escondem um padrão social normopata que se propaga e, de certa forma, legitima ações que desconsideram a condição feminina (ADICHIE, 2014). Nas palavras de Adichie,

O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero. (ADICHIE, 2014, p. 11)

Tal normopatia é reforçada ao comparar PN1 e PNs 4 e 5. Se a primeira culpabiliza a possível vítima e justifica com base em seu comportamento, as outras duas citadas sequer abrem margem para tais justificativas. Ora, PNs 4 e 5 tratam de uma cabeleireira que teria sofrido tentativa de estupro e, numa ação impulsionada pelo contexto, se jogou do primeiro andar. Aqui, percebo que a atitude desesperada de tentar impedir a consumação do estupro, isto é, a o ato de responsabilização da mulher sobre o que é imposto a ela na prática – o “tomar cuidado, ficar alerta, se defender” -, é, numa significação hipotética, bem vista pelos perfis comentadores.

Nessa esteira, pela atitude brava e imprevisível, o desfecho da trágica narrativa da mulher que se recupera da queda impulsiona comentários on-line, na maioria, que endossa solidariedade, sororidade e acolhida. Isso leva a perceber que os discursos que se inquietam considerando a conscientização de homens no que se refere à violência contra a mulher se tornam opacos neste emaranhado. Assim sendo, cristaliza a ideia de “homem violento, irracional = normal” e “mulher controlada e responsável = normal”. De igual modo, considero Judith Butler (2003), a qual assevera “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (2003, p. 37).

Sobre isso, ressalto a análise feita acerca da PN 2 no que se refere à inexistência dos comentários por parte de perfis comentadores masculinos na tentativa de contornar a situação por intermédio de justificativas que colocam elementos da vítima em descrédito. A força ilocucionária da PN ao enfatizar o feminicídio como um fato decretado e não uma suposição desse acontecimento revela esse silenciamento masculino que, então, dá lugar ao posicionamento feminino que se revolta e se entristece frente ao fato narrado.

Embora a maior parte dos comentários sejam empáticos nas PNs 4 e 5, existem comentários que, ainda sim, desconsideram a condição feminina no sentido de, nas palavras do senso comum, “serem privilegiadas e, mesmo assim, reclamarem demais”. Este elemento mostra que, nem mesmo ao agir sozinha contra um estupro sob o risco de perder a vida, uma mulher não está livre de julgamentos que cerceiam seu ser e sua condição enquanto mulher na sociedade.

Além do mais, como visto nas análises, um posicionamento de perfis femininos, os quais se mostram majoritários, efervesce a maior recorrência de discursos que colocam a mulher-mãe-vítima como responsável por aquilo que lhe acontece. Desse modo, concordo com Butler no que tange afirmar que a mulher “é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação” (2013, p. 19).

Importante destacar que comentários que balizam discursos que defendem ações “politicamente corretas” revelam uma gama de discursos que, ao veicular revolta, a culpa nas leis, o justicamento do suspeito ao configurá-lo como um ser avesso, perverso e “monstro”, na falha da justiça e afins, colocam a autoria de seus perfis comentadores no lugar de pessoas atuantes na sociedade e que, por isso, podem atuar no micro (FOUCAULT, 2010). Isso acontece na medida em que os perfis autores destes comentários apontam para um lugar ao qual não se colocam como inseridos, não se veem cúmplices dos fatos noticiados.

De igual modo, concordo com o estudo de Entringer (2018) que, no sentido da organização estrutural dos comentários on-line, que estes são desprovidos de argumentação potente em prol da posição postulada, principalmente os que se mostram violentos e/ou controladores. E, concordando com Borba, “desfazer essas normas de inteligibilidade implica, assim, um alargamento dos esquemas sociais e culturais pelos quais certos corpos são reconhecidos como humanos” (2014, p. 7).

Nesse sentido, o gênero comentário on-line, portanto, materializa construções discursivas que, embora contenham discursos de acolhida, julgam, são violentos, atribuem responsabilizações e extrapolam a ideia de condição feminina de diversas maneiras (BOURDIEU, 2014). Talvez isso seja mais bem notado dentro do contexto virturreal que dá uma falsa sensação de “anonimato” e encoraja a publicação de comentários contendo discursos com significações ideológicas (SAL PAZ, 2013) despidas de pudor e polidez³⁸ (o que não significa que significações dessa conjuntura não sejam vistas em discursos orais, por exemplo).

Grosso modo, comentários on-line se estruturam como formação discursiva que vai contra artigos prescritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, os

³⁸ Entendo da teoria da polidez, aquilo que Brown e Levinson (1978) dizem ser uma cultura embutida na troca verbal em que princípios modelam um discurso não pelo caráter explícito da fala/escrita, mas por aquilo que está nas entrelinhas do que é dito. Nas palavras de Fairclough a polidez se constitui como “conjuntos de estratégias da parte dos participantes do discurso para mitigar os atos de fala que são potencialmente ameaçadores para sua própria face ou para a dos interlocutores” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 203).

quais alguns preveem o direito à vida, liberdade, integridade física e psicológica e afins. Dessa maneira, é indispensável pensar a condição feminina sob o precedente dito colonial (QUIJANO, 2007) o qual impõe, entre outras, a inferiorização feminina (BOURDIEU, 2014) a fim de manter o controle social (DICK, 2008). Essa relação de poder se vale de violências simbólicas estabelecidas para assegurar os limites impostos por tal relação.

3.6 Comentar on-line: um ato de linguagem

Um comentário, a partir da pragmática e das intencionalidades de seu autor, surge a partir dos mais diversos pontos de um texto gerador. Isto é, um perfil comentador possui, com base em sua interpretação parcial ou total da PN e suas inferências, escolhe se e como agir, tornando-se um ator de linguagem no mundo virtual com a previsão de significados sobre seus dizeres (COSTA, et al., 2021). Assim, não apenas descreve a realidade, mas age sobre ela (AUSTIN, 1990) apresentando pontos de vista, confrontando, negociando e des/valorizando (SAL PAZ, 2016) o que foi publicado.

De igual modo para os comentários diretos (sendo esses, por sua vez, locucionários, ilocucionários ou perlocucionários), precisamos entender que os CI, especialmente os que confirmam ou que estão em conformidade com o CD, agem na contribuição para que o ato realizado no CD, de fato, se concretize, tornando-os performativos (AUSTIN, 1990). Fato que amplia a noção do gênero comentário on-line posta em novas configurações, bem como a ampliação de intergênero.

Ao “fazer”, ações dos perfis comentadores, o gênero comentário on-line passa de uma mera descrição, uma mera comunicação, para se tornar a própria ação. Isto é, deve-se “considerar a linguagem como ação implica entender sua atuação sobre o real, como ela constitui o real” (BORBA, 2014, p. 22). Tais intencionalidades a partir do texto gerador abrem novos campos de significação que podem servir de espaço para novas produções e interpretações dotadas de novas intenções e, portanto, dotadas de novas posições e ações as quais borbulharão na realidade. Entretanto, este espaço não necessariamente seja engendrado apenas por novas significações, há inúmeras recuperações e repetições (MOITA LOPES, 2010).

Nesse sentido, jaz o peso do julgo, do cancelamento, da desconsideração do outro e da legitimação da violência. Estamos diante de uma atitude sobre vidas

envolvidas em elementos narrativos lidos, muitas vezes, sem a devida análise e apreciação. Além disso, estamos diante de fazeres discursivos acerca de humanos envolvidos num ensejo cujos detalhes subjetivos jamais serão completamente compreendidos.

O ato, o fazer discursivo, ora engessado com convicções exercidas em sociedade, passa despercebido aos olhos de muitos. Embora o discurso esteja posto e materializado através do gênero comentário on-line, o que deveria servir de reflexão e criticidade assim como serviu para esta pesquisa, pela brevidade, logo é tirado de foco pelo fluxo da plataforma.

Considerações finais

Em suplementação a estudos como os de Tomás (2019) e Gregório (2020), essa pesquisa se preocupou em analisar criticamente os enunciados publicados por internautas a partir de publicações-notícias sobre violência contra a mulher. O maior diferencial foi justamente o contexto de produção desses comentários, isto é, a configuração do *corpus* no que se refere, sobretudo, à localidade das ocorrências noticiadas e público leitor (embora reconheçamos que perfis comentadores de outras localidades também podem participar da produção e publicação de comentários) e as ideias veiculadas.

A partir das contextualizações de pesquisa bem como as discussões teóricas feitas a partir do olhar dado ao discurso nos comentários on-line coletados, foi possível identificar diversas significações. Os grupos de comentários que surgiram a partir da leitura e categorização do *corpus* formaram blocos de significados. Além do mais, esses blocos somados às reações dos usuários em se tratando de curtidas e a configuração de turnos de fala auxiliaram na análise de recorrências e proporcionaram uma maneira mais concreta de interpretar e de entender criticamente esses discursos.

Nesse sentido, foi possível entender o que perfis comentadores mobilizam discursivamente e o que isso reverbera. Além do mais, foi verificado um valor expressivo de discursos que emergem e trazem reflexões acerca da sociedade patriarcal à tona. Não bastassem verificações acerca da configuração feminina aos olhos dos perfis comentadores, foi mostrado como a mulher está sendo subjugada e responsabilizada, à luz de alguns discursos nada empáticos.

De modo similar, é possível enxergar as visões extremas de olhar o mundo na veiculação do ódio por parte dos perfis comentadores no sentido de materializarem justificativas para a incompatibilidade social dos supostos agentes das ações noticiadas nas PNs. Salientar a normopatía a partir destes comentários, sobretudo o exercício da intolerância para com tais suspeitos incluindo o uso do anonimato ou do fato de estar atrás de uma tela para julgar alguma pessoa envolvida nas notícias de forma infundada são importantes nessa discussão.

Considerando algumas diretrizes da rede social em questão, é necessário reforçar que os perfis, os quais fazem suas respectivas adesões, devem estar

cientes dos termos com os quais concorda no momento de ingresso à rede social Instagram. Alguns destes termos deixam claro o perfil de comportamento tolerado ou não, por exemplo. Como já dito, a depender do que é postulado por determinado internauta, o conteúdo estará sujeito à denúncia por parte de outros internautas, análise por parte da equipe, e possível penalização.

Sem fronteiras a definirem escritor e leitor (ENTRINGER, 2018), esta análise serviu para refletirmos a rede social enquanto local de livre interação, a qual está a produzir comentários que nos levam a refletir sobre aquilo que estamos ecoando on-line. Cancelar, constranger, inferiorizar ou ferir a dignidade de alguém através dos comentários é prejudicial não apenas a quem o comentário se destina, mas a todos aqueles que assistem a esse ato. Todos perdem. Afinal, esses “atos” (AUSTIN, 1990), confinando outros discursos ao silêncio e à exclusão (SAL PAZ, 2016), perpetuam a desigualdade. E, ao mesmo tempo em que essa perpetuação acontece, nos tornamos insensíveis por familiarizar e/ou emitir discursos violentos (SILVA, ALENCAR, 2013; SILVA, 2019), o que potencializa a cristalização e banalização já existentes desses ditos justamente pela propagação diária dessas ideias em outras práticas linguísticas.

Foi possível, então, enxergar a realização e reelaboração de significações coloniais (BOURDIEU, 2014), os quais remetem à hegemonia de ideologias patriarcais e reforçam práticas discriminatórias às mulheres (COSTA et. al., 2021). É notória, mesmo que em menor proporção, a percepção de discursos emancipatórios (MAGALHÃES, 2017), o que leva a refletir sobre a transformação, a qual também está presente e se mobilizando, mesmo que em passos lentos.

Assim, a partir do olhar para noções das construções discursivas (CUNHA, 2012), práticas argumentativas em comentários (ENTRINGER, 2018), discursos violentos na internet (LOBO e FILHO, 2017) e de texto gerador (MAGALHÃES, 2017), é importante, como afirma Costa, Júnior e Oliveira (2021) pensarmos, a partir destas discussões: “temos, com a manifestação livre de ideias sobre determinado fato, colaborado para o quê?” (p. 16). Ao entender que atuamos virturamente por intermédio da linguagem, é crucial nos colocarmos não apenas como reprodutores de discursos, mas de modalizadores das ideologias presentes nos comentários.

Em conformidade à consciência de que as análises abordadas aqui estão passíveis de rediscussão, reconhecemos que o estudo possui possibilidades de aprofundamentos e bifurcações no que se refere às práticas discursivas, novos

olhares específicos a partir dos discursos em gêneros textuais feitos e propagados em redes sociais, condições de produção dos comentários on-line e demais lacunas. Abrindo possibilidades para outras pesquisas, sugerimos que pesquisadores do discurso aprofundem principalmente no âmbito dos assuntos urgentes que surgiram a partir das categorizações dos comentários os quais compuseram o *corpus* na tentativa de refletirmos o que fazemos e propagamos on-line. Afinal, temos consciência de que estamos dizendo, mas temos consciência do quê estamos fazendo ao dizer?

Claro que dirimir a violência, sobretudo para além da violência física, não parece tarefa fácil, mas, para tanto, analisar os contextos, ter consciência e fazer-nos críticos é um começo; só então teremos consciência do que fazer (por esse motivo, apoiamos veementemente a execução de mais pesquisas sobre a temática). A partir do exercício da reflexão do que propagamos, esperamos que endosseemos a prática da alteridade. É preciso respeitar acima de tudo, respeitar o que é inerente ao outro. Só assim, poderemos atingir um espaço em que o comentário on-line não seja incoerentemente propagador de ideologias opressoras. Desse modo, talvez haja um pouco mais de empatia e toda essa leva discursiva carregada de situações inóspitas seja dirimida.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das letras, 2014.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AUSTIN, John Langshaw. Quando dizer é fazer. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. **Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação**, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hicitec, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2ª edição. **São Paulo: Livraria Martins Fontes**, 1997.
- BARTON, David. Understanding textual practices in a changing world. In: **The future of literacy studies**. Palgrave Macmillan, London, 2009. p. 38-53.
- BORBA, Rodrigo. Linguística Aplicada e atenção à saúde de transgêneros: interação, identidades e prevenção de DST/Aids. **Transexualidade: Princípios de Atenção Integral à Saúde. São Paulo, Editora Santos**, p. 73-91, 2012.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos pagu**, p. 441-474, 2014.
- SUSAN, Bordo; LESLIE, Heywood. Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body. Berkeley. 1993.
- BORDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. **Tradução de Maria Helena Kühner**, v. 3, 2014.
- BRANDALISE, C. Estupro culposo? Afinal, por que acusado do caso Mari Ferrer foi absolvido?. **UOL Universa**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/09/estupro-culposo-afinal-por-que-acusado-do-caso-mari-ferrer-foi-absolvido.htm>. Acesso em 30 Mai. 2021.
- BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.
- BRASIL, Lei. 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acessado em: 15 Jul. 2021.

- BRASIL. Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015. **Diário Oficial da União**, p. 1-1, 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.html. Acesso em 15 Jun. 2021.
- BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999. **Une introduction aux théories de l'action**, p. 101-118.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: **Questions and politeness: Strategies in social interaction**. Cambridge University Press, 1978. p. 56-311.
- BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Direito Público**, v. 4, n. 15, 2007.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. 'Mulheres' como sujeito do feminismo, in: **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. – 5ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CESAR, Thays Carvalho. Do inimigo ao bode expiatório: conexões entre discurso midiático e o ritual de justicamento popular. **Anais eletrônicos do IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação**. Criciúma, 2021
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COSTA, Diêgo Martins da; OLIVEIRA JUNIOR, Paulo Almeida de; OLIVEIRA, Hêlvio Frank. Comentários em uma página da rede social Instagram: reflexões situadas de uma prática discursiva on-line. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 9, n. 2, 2021.
- DÓRIS DE ARRUDA, C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Revista Investigações**, v. 25, n. 2, p. 21-41, 2012.
- DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da Comunicação de Massa**. Tradução da 5. ed. Norte-americana, Octavio Alves Velho. 1993.
- ENTRINGER, Ângela Almeida Nascimento. **Ensino e prática da argumentação em comentário on-line: uma proposta para as séries finais do ensino fundamental II**.

2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, p. 77-104, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse. Textual analysis for social research**. Londres; nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and globalization**. Abingdon: Routledge, 2006.

FLICK, Uwe. Orientação. In: FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Person, 2013. p. 13-51.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso (Laura Fraga de Almeida Sampaio, Trad.) São Paulo. **SP: Loyola**, 2010.

GOULDNER, Alvin Ward; MÍGUEZ, Néstor A. **La dialéctica de la ideología y la tecnología: los orígenes, la gramática y el futuro de la ideología**. Alianza, 1978.

GREGÓRIO, Maria Brandão da Silva. **Representações sobre a violência nas relações íntimas: análise de comentários na imprensa online**. 2020. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2020.

HARDT, M; NEGRI, A. **Multitude: War and Democracy in the Age of Empire**. New York: Penguin, 2004. tradução brasileira: **Multidão**. Rio de Janeiro, Record, 2005.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Violência contra as mulheres em dados**. 2021. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>. Acesso em 20 Jul. 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. Editora Contexto, 2000.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Editora Vozes Limitada, 2017.

LOBO, Rafael de Almeida Ávila; COUTINHO FILHO, Max Suel Dummer. LINCHAMENTOS EM REDE: JUSTIÇAMENTO E VIOLÊNCIA-RESPOSTA NA INTERNET. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 5, n. 7, p. 190-216, 2017.

MAGALHÃES, Izabel. Protagonismo da linguagem: textos como agentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, p. 575-598, 2017.

MAIA, Rousiley CM. Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo. **Aurora.**, n. 2, p. 110-134, 2008.

MAIS GOIÁS. **Site de notícias e mídia**. Goiânia, Goiás, Brasil. Instagram: @maisgoias. Disponível em: <https://www.instagram.com/maisgoias/>. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MAIS GOIÁS. Polícia investiga suposto estupro coletivo em hotel de Caldas Novas. **Instagram: @maisgoias**. Goiânia-GO, 2 Jan. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJjHh--FK1t/>. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MAIS GOIÁS. Mais uma mulher é vítima de feminicídio em Goiás. **Instagram: @maisgoias**. Goiânia-GO, 14 Jan. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CKB9vhwIN_R/. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MAIS GOIÁS. Homem é preso suspeito de roubar e tentar estuprar mulher em Goiânia. **Instagram: @maisgoias**. Goiânia-GO, 18 Jan. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKMPgShlCdA/>. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MAIS GOIÁS. Mulher pula do 1º andar de prédio para fugir de estupro em Goiânia. **Instagram: @maisgoias**. Goiânia-GO, 2 Fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKzHw0mDWOK/>. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MAIS GOIÁS. Mulher que pulou de prédio para fugir de estupro não sente as pernas. **Instagram: @maisgoias**. Goiânia-GO, 6 Fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK9fU81jSMS/>. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MAIS GOIÁS. Mulher diz que filho de sete anos teria tentado matá-la, em Anápolis. **Instagram: @maisgoias**. Goiânia-GO, 8 Fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLC5RjLj3Zt/>. Acesso em: 30 Mai. 2021.

MARTINS, José de Souza. Linchamento. **Revista Tempo Social**, São Paulo: USP, v. 8, n. 2. 1996.

DE MATOS, Maria Izilda Santos. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

META. Política de Dados do Instagram. **Central de privacidade META**. 2021. Disponível em: https://help.instagram.com/519522125107875/?maybe_redirect_pol=0. Acesso em: 30 Dez. 2021.

MITRA, Ananda. Voices of the marginalized on the Internet: Examples from a website for women of South Asia. **Journal of communication**, v. 54, n. 3, p. 492-510, 2004.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 49, p. 393-417, 2010.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 19 Mar. 2021.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 12, p. 270-283, 2011.

PELLIZZARI, Bruno Henrique Miniuchi; BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. Bolhas Sociais e seus efeitos na Sociedade da Informação: ditadura do algoritmo e entropia na Internet. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, v. 5, n. 2, p. 57-73, 2019.

QUALMAN, Erik. Socialnomics: como as mídias sociais estão transformando a forma como vivemos e fazemos negócios. **São Paulo: Saraiva**, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p.86 – 118.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina, 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais: leitura e produção. **São Paulo: Parábola Editorial**, p. 31, 2016.

ROCHA, Simone Maria. Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira. **Intexto**, n. 14, p. 30-51, 2006.

DE MELO RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 5, n. 1, p. 185-208, 2004.

- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Penso, 2011.
- PAZ, Julio César Sal. Comentario digital: género medular de las prácticas discursivas de la cibercultura. **Caracteres: estudios culturales y críticos de la esfera digital**, v. 2, n. 2, p. 152-172, 2013.
- PARINI, Alejandro; GIAMMATTEO, Mabel. El lenguaje en la comunicación digital. **Editorial de Belgrano**, 2016. Livro digital, PDF. Disponível em: http://www.ub.edu.ar/investigaciones/EI_lenguaje_en_la_comunicacion_digital.pdf. Acesso em 15 Jul. 2021.
- SILVA, Daniel Nascimento; DE ALENCAR, Claudiana Nogueira. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, p. 129-146, 2013.
- SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 9-29, 2017.
- SOUZA, Marcelo Pereira. Perspectiva quali-quantitativa no método de uma pesquisa. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 11, n. 11, 2018.
- SAPIR, Edward. The status of linguistics as a science. **Language**, p. 207-214, 1929.
- SCHAFF, Adam; REIS, Manuel. **Linguagem e conhecimento**. 1974.
- SILVA, Danillo da Conceição Pereira. (Meta) pragmática da violência linguística: patologização das vidas trans em comentários online. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 956-985, 2019.
- SOMMACAL, Clariana Leal; DE AZAMBUJA TAGLIARI, Priscila. A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. **Revista da ESMESC**, v. 24, n. 30, p. 245-268, 2017.
- TOMÁS, Renata Nobre. **A violência contra mulher nas tramas dialógicas dos comentários on-line da Folha de São Paulo**. 2019. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) - PUC-SP, São Paulo, 2019.
- VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.
- WENGER, E. **Communities of practices**. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

ZAVAM, Aurea. E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos. In: Adail Sebastião Rodrigues-Júnior et al. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. 2.ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009.